

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS:
LINGUAGEM E SOCIEDADE, NÍVEL DE MESTRADO**

PAULO CESAR FACHIN

**REPRESENTAÇÕES DA ALTERIDADE: CONTORNOS HISTÓRICOS E
ESCRITA DO EU EM *LA RAZÓN DE MI VIDA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras: Linguagem e Sociedade, nível de Mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE *Campus* de Cascavel, na Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados.

ORIENTAÇÃO: Prof^ª. Dra. LOURDES KAMINSKI ALVES

CASCADEL, 2009

PAULO CESAR FACHIN

REPRESENTAÇÕES DA ALTERIDADE: CONTORNOS HISTÓRICOS E
ESCRITA DO EU EM *LA RAZÓN DE MI VIDA*

Dissertação apresentada à
Universidade Estadual do Oeste do
Paraná, como requisito parcial para
a obtenção do grau de Mestre em
Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profa. Dra. Maria Aparecida Rodrigues
PUC/Goiás

Prof. Dr. Antônio Donizeti da Cruz
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Acir Dias da Silva
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras, nível de Mestrado, área
de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do
Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Cascavel, 15 de Dezembro de 2009.

A meus pais, pelo exemplo de vida, amor e dedicação,

À minha orientadora, Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves pela sabedoria com que me conduziu pelas leituras, investigações e reflexões que resultaram neste trabalho de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e minhas irmãs, pelo amor incondicional.

À minha orientadora, por me ajudar a tornar possível um projeto de qualificação docente.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras da Unioeste pelas contribuições neste processo de formação.

Aos meus colegas de Mestrado pela crescente amizade, cumplicidade e convivência.

A Deus, por minha existência e sensibilidade para perceber quando é necessário mudar.

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

(PRADO, Adélia, 1991, p. 11)

FACHIN, Paulo Cesar. **Representações da Alteridade: Contornos Históricos e Escrita do Eu em *La Razón de Mi Vida***. 100 f. Dissertação. (Mestrado em Letras com área de concentração em Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Cascavel, 2010.

RESUMO

Esta pesquisa tem como proposta realizar um estudo sobre a obra *La razón de mi vida* (1951), livro cuja autoria, ou papel de *ghost-writer* é tributado a Manuel Penella da Silva, jornalista espanhol, segundo estudiosos sobre o mito de Eva Perón, a exemplo do sociólogo Horacio González (2009). O livro foi publicado na Argentina, trata-se de obra de caráter autobiográfico que ratifica a imagem de uma mulher que se tornou um ícone do peronismo de visão quase messiânica no contexto latino. A representação de Eva Perón evoca também considerações de gênero, ou seja, revela a consciência de uma mulher que transgrediu os padrões de uma época, conseguindo transformar-se em líder de um movimento político, o movimento do partido peronista, movimento este que surgiu na Argentina na década de 1940, quando o país esteve sobre o comando dos militares. Desde a sua morte, em 26 de julho de 1952, a história de Eva Perón ou “Evita” foi escrita e reescrita por historiadores e romancistas. Além disso, muitos escritores se ofereceram como testemunha para contribuir na escrituração desta história, colaborando para a continuidade deste mito e na recriação de sua imagem, sempre dialogando com sua autobiografia. *La razón de mi vida* permitiu a Eva Perón incrustar no âmbito discursivo sua autorrepresentação como mulher de Estado. Nesta dissertação, a obra é estudada na condição de gênero autobiográfico e se investigam as relações históricas, literárias e ideológicas que tal gênero pode estabelecer, a partir dos pressupostos teóricos de Lejeune (1975), May (1979), Pouillon (1974), Bakhtin (2000), Rodrigues (2007) entre outros. Interessa-nos analisar como a escrita do eu se manifesta e se configura na obra através de uma estrutura composta por relatos de experiência do cotidiano que acabam por revelar presente e passado, individual e coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: *La razón de mi vida*, gênero autobiográfico, relações históricas, alteridade.

FACHIN, Paulo Cesar. **Representações da Alteridade: Contornos Históricos e Escrita do Eu em *La Razón de Mi Vida***. 100 f. Dissertação. (Mestrado em Letras com área de concentração em Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Cascavel, 2010.

ABSTRACT

This essay's main purpose was to make a study about the book *La razón de mi vida* (1951) of Eva Perón (The reason of my life), whose authorship or ghost-writer, was attributed to Manuel Penella da Silva, a Spanish writer that according to scholars about the myth of Eva following the example of the sociologist Horacio González (2009). The book that was published in Argentina is an autobiography that ratifies an image of a woman that became an icon of the Peronism of an almost messianic vision within the Latin context. The representation of Eva Perón also evokes some consideration of gender, in other words, it reveals the conscience of a woman that broke behavior patterns of an era, even managing to become the leader of a political movement. The political movement in question took place in Argentina in the 40's when the country was under the command of the military. Since her in in July 26th 1952, the story of Eva Perón or "Evita" has been written and rewritten by historians and novelists. Furthermore, many writers have offered themselves as witnesses in order to contribute to the writing of this story and also contributing to this living myth and also to the recreation of its image, always in constant dialogue with its biography. *La razón de mi vida* has allowed Eva Perón to be part of the discursive context of her auto representation as a Political woman. In this essay, the book is studied as an autobiographical work and all the historical relationships are investigated as well as the literary and ideological aspects that such genre could establish, through some scholars such as Lejeune (1975), May (1979), Pouillon (1974), Bakhtin (2000), Rodrigues (2007) and others. It is of high interest to analyze how the written of the self is manifested and is shown within the book through a structure which is made of everyday life reports that end up revealing the present as well as the past in a individually and collectively way.

KEYWORDS: *La razón de mi vida*, autobiographical genre, historical relations, otherness.

FACHIN, Paulo Cesar. **Representações da Alteridade: Contornos Históricos e Escrita do Eu em *La Razón de Mi Vida***. 100 f. Dissertação. (Mestrado em Letras com área de concentração em Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Cascavel, 2010.

RESUMEN

Esta investigación tiene como propuesta realizar un estudio sobre la obra *La razón de mi vida* (1951), libro cuya autoría, o papel de *ghost-writer* es tributado a Manuel Penella de Silva, periodista español, según estudiosos sobre el mito de Eva Perón, a ejemplo del sociólogo Horacio Gonzáles (2009). El libro fue publicado en Argentina, se trata de una obra de carácter autobiográfico que ratifica la imagen de una mujer que se tornó un ícono del peronismo de visión casi mesiánica en el contexto latino. La representación de Eva Perón evoca consideraciones de género, es decir, revela la conciencia de una mujer que transgredió los moldes de una época, consiguiendo transformarse en líder de un movimiento político, el movimiento del partido peronista, movimiento este que surgió en la Argentina, en la década de 1940, cuando el país estuvo bajo el comando de los militares. Desde su muerte, el 26 de julio de 1952, la historia de Eva Perón o “Evita” fue escrita y reescrita por historiadores y romancistas. Además de eso, muchos escritores se ofrecieron como testigo para contribuir en la rescrituración de esta historia, colaborando para la continuidad de este mito y en la recreación de su imagen, siempre dialogando con su autobiografía. *La razón de mi vida* permitió a Eva Perón incrustarse en el ámbito discursivo su auto representación como mujer de Estado. En esta disertación, la obra es estudiada en la condición de género autobiográfico y se investigan las relaciones históricas, literarias e ideológicas que el género puede establecer, a partir de los presupuestos teóricos de Lejeune (1975), May (1979), Pouillon (1974), Bakhtin (2000), Rodrigues (2007) entre otros. Nos interesa analizar como la escritura del yo se manifiesta y se configura en la obra a través de una estructura compuesta por relatos de experiencia del cotidiano que, al fin, revelan el presente y el pasado, lo individual y lo colectivo.

PALABRAS-CLAVE: La razón de mi vida, género autobiográfico, relaciones históricas, alteridad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – A VOZ NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA E GÊNEROS DE FRONTEIRA	7
1.1 ESCRITAS DO EU NA AMÉRICA LATINA: RELAÇÕES HISTÓRICAS, LITERÁRIAS E IDEOLÓGICAS	22
CAPÍTULO II – RELATO E EXPERIÊNCIA DO COTIDIANO: REPRESENTAÇÕES DO INDIVIDUAL E DO COLETIVO	34
2.1 O PARTIDO PERONISTA FEMININO – TEXTUALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA - O TEMA DE <i>LA RAZÓN DE MI VIDA</i>	42
2.2 A PARTICIPAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DAS MULHERES NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO: QUANDO A MULHER ESCREVE SUA HISTÓRIA? ..	49
CAPÍTULO III – DESDOBRAMENTOS DO DISCURSO E DA IMAGEM – O GENERAL E EVA PERÓN EM <i>LA RAZÓN DE MI VIDA</i>	57
3.1 ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO: EVA, JUAN PERÓN OU EVITA?	64
CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS	84

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como proposta realizar um estudo sobre a obra *La razón de mi vida* (1951), livro cuja autoria, ou papel de *ghost-writer* é tributado a Manuel Penella da Silva, jornalista espanhol, segundo estudiosos sobre o mito de Eva Perón¹, a exemplo do sociólogo Horacio González (2009).

O livro foi publicado na Argentina, trata-se de obra de caráter autobiográfico que ratifica a imagem de uma mulher que se tornou um ícone do peronismo de visão quase messiânica no contexto latino. A representação de Eva Perón evoca também considerações de gênero, ou seja, revela a consciência de uma mulher que transgrediu os padrões de uma época, conseguindo transformar-se em líder de um movimento político, o movimento do partido peronista, movimento este que surgiu na Argentina na década de 1940, quando o país esteve sob o comando dos militares. Desde a sua morte, em 26 de julho de 1952, a história de Eva Perón ou “Evita” foi escrita e reescrita por muitos historiadores e romancistas, a exemplo de obras como as biografias de Enrique Pavón Pereyra (1985), de Norberto Galasso (1996), a correspondência de John William Cooke, os ensaios de León Rozitchner e Beatriz Sarlo (2005), a poesia e o teatro de Leónidas Lamborghini, os romances e ensaios José Pablo Feinmann, o romance de Tomás Eloy Martínez (1995), os filmes de Leonardo Favio e Pino Solanas, as pinturas de Daniel Santoro, só para mencionar uma parte da diversidade de produções que dão margem a novas leituras ao tema de Eva Perón. “Perón es la forma sublingual de la historia política inmediata. No es posible quitar ese nombre ni esa voz

¹ Breves dados autobiográficos – Filha ilegítima, pois seu pai não a reconheceu como filha. Filha de mãe solteira. Eva Perón nasceu em 1919, no interior da Argentina, nação que oferecia muito pouco às mulheres e aos pobres naquela época. Com o desejo de ser atriz e modelo, mudou-se para Buenos Aires. Foi modelo, atriz, trabalhou em novelas de rádio, porém tornou-se conhecida por sua causa política assumidamente no governo peronista. Eva Perón morreu aos 33 anos, no dia 26 de julho de 1952, de câncer uterino. Sua morte provocou tristeza e desespero entre os chamados “descamisados”, conforme relatos de historiadores, tais como González (2009).

como rastro empedernido de las conversaciones. Hasta hoy eso ocurre.”² (GONZÁLEZ, 2009, p. 03).

Muitos escritores se ofereceram como testemunha para contribuir na escrituração da história de Eva Perón, colaborando para a continuidade de um mito e na recriação de sua imagem, sempre dialogando com sua autobiografia *La razón de mi vida* o que permitiu a Eva Perón incrustar no âmbito discursivo sua autorrepresentação como mulher de Estado. Nesta dissertação, a obra é estudada na condição de gênero autobiográfico e se investigam as relações históricas, literárias e ideológica que tal gênero pode estabelecer.

La razón de mi vida é um texto, atualmente, pouco lido e, além disso, situado à periferia dos cânones literários, a obra é um típico exemplo do que alguns críticos costumam denominar de literatura marginal, o que nos leva a considerar o exposto por Linda Hutcheon:

O importante debate contemporâneo sobre as margens e as fronteiras das convenções sociais e artísticas é também o resultado de uma transgressão tipicamente pós-moderna em relação aos limites aceitos de antemão: os limites de determinadas artes, dos gêneros ou da arte em si. [...]. Nos anos que se seguiram, essa percepção só se confirmou e intensificou. As fronteiras entre os gêneros literários tornaram-se fluída: quem pode continuar dizendo quais são os limites entre o romance e a coletânea de contos [...], o romance e o poema longo [...], o romance e a autobiografia [...], o romance e a história [...], o romance e a biografia. (HUTCHEON, 1991, p. 26).

No entanto, é de se considerar o que explica, em seguida, a autora, a fusão entre os gêneros envolve uma complexidade que lhes é própria e que pode estar situada, sobretudo, no contexto de sua produção.

A representação de Eva Perón evoca também considerações de gênero no contexto latino-americano, na medida em que o texto *La razón de mi vida* revela, a partir da figura de Eva Perón, a consciência de uma mulher que transgrediu os padrões de uma época, conseguindo transformar-se em líder de um movimento político, o movimento feminino do partido peronista. O movimento peronista surgido na Argentina na década de 1940, quando o país

2

Perón é a forma sublingual da história política imediata. Não é possível tirar esse nome nem essa voz como duro rastro das conversas. Até hoje isso ocorre. (tradução nossa).

estava sobre o comando dos militares, muito embora identificados na figura de Juan Domingo Perón, quem estava à frente do partido era Eva Perón. Eva ou “Evita”. “A la doble personalidad de Perón debía corresponder una doble personalidad en mí: una, la de Eva Perón, mujer del Presidente [...] y otra, la de Evita, mujer del Líder de un pueblo.”³ (PERÓN, 2004, p. 47).

Este período da história do peronismo na Argentina está representado no texto autobiográfico de Eva Perón, sob uma textualidade que remete a uma escrita centrada em voz enunciativa feminina.

A obra *La razón de mi vida* está estruturado em três partes. A primeira parte intitulada – “As causas da minha missão” – subdivide-se em dezoito breves capítulos em que Eva Perón enfatiza sobre sua consciência do lugar social e político que ocupa e o modo de vida que leva, contrapondo a mulher do presente com a mulher do passado, quando ainda não estava inserida na causa político-social.

A segunda parte – “Os operários e minha missão” – subdivide-se em vinte e oito breves capítulos. O conjunto de textos desta parte do livro mostra como a autobiografia está articulada aos fatos históricos que marcaram o governo peronista no período de 1945 a 1955, aspecto já observado pelo sociólogo Horácio González (1983).

Intitulada – “As mulheres e minha missão” – a terceira parte se subdivide em treze breves capítulos. Esta parte da obra apresenta uma autobiografia de cunho mais memorialístico voltado para uma reflexão sobre a condição feminina na Argentina na época.

O estilo da escrita é conciso, chamamos de textos breves denominados por Eva de “apuntes”⁴. Tais anotações são escritas segundo a voz narrativa para explicar ou esclarecer o seu papel político ao lado de Perón e do povo de sua pátria, de modo que a autobiografia parece ter a função de justificar uma nova identidade assumida por Eva Perón. Na autobiografia de Eva Perón observam-se relações de alteridade evidentes no texto, o que pode ser estudado como a ideia de Eva Perón como duplo do General Perón.

³ À dupla personalidade de Perón devia corresponder uma dupla personalidade em mim: uma, a de Eva Perón, mulher do Presidente [...] e outra, a de Evita, mulher do Líder de um povo. (tradução nossa).

⁴

Anotações. (tradução nossa).

Na presente dissertação, *La razón de mi vida* é estudada na condição de gênero autobiográfico, a partir da perspectiva teórica Bakhtiniana que aborda que neste gênero a representação que o sujeito faz de si mesmo – o “eu-para-mim” – toma relevantes proporções no espaço biográfico. O movimento narrativo da autobiografia, de um retorno do eu sobre si mesmo, transporta a noção de autoconsciência para o espaço da representação, no qual esse “si mesmo” não corresponde nem ao eu nem ao outro, mas à imagem que o sujeito faz, ou melhor, cria de si – uma identificação imaginária, criada em virtude de certo olhar lançado sobre um outro. Com a apropriação da teoria bakhtiniana da linguagem no estudo da autobiografia, esta passa a ser vista como literatura, isto é, como produção de um imaginário social.

O sociólogo Horacio González (2009) assinala que Manuel Penella de Silva observou com atenção a discursividade de Eva Perón na escritura do texto. O livro chegou às livrarias em setembro/outubro de 1951, como a “autobiografia” mais lida, amada e odiada daquela época⁵.

González considera a escrita do livro como “un logro extraordinario en la elaboración de un texto que surgiera de una voz que después aceptaba la mediación de un texto para a su vez inspirarse en él y obtener una posterior plusvalía.”⁶ (GONZÁLEZ, 2009, p. 03).

O sociólogo assinala que ainda que não tenha sido escrito por Eva Perón, *La razón de mi vida* “es de Evita”. “Todo el peronismo es efecto de esta incautación autoral en nombre de una autoría reconquistada, ficticia pero de inmediato realmente recreada.”⁷ (GONZÁLEZ, 2009, p. 04).

No entanto, observa-se certo receio com relação ao estudo do tema no meio acadêmico, talvez, associado à ideia da massificação do mito peronista.

⁵ Antes de ser publicado, o texto sofreu várias reformulações, por exigência de Perón, o qual atribuiu tais correções a Raul Mendé, ministro de "Assuntos Técnicos", que deixou a obra irreconhecível, eliminando conceitos fundamentais, sobretudo, referentes ao feminismo, e enfeitando-a com delirantes elogios a Perón. Conforme: ORTIZ, Alicia Dujovne. *Eva Perón: la biografía*. Buenos Aires: Aguilar, 1995, p. 251-252. Esse fato dá origem a metáfora de: GONZÁLES, Horacio. *Evita: a militante no camarim*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

⁶ Uma conquista extraordinária na elaboração de um texto que surgira de uma voz que depois aceita a mediação de um texto para, na sua vez, inspirar-se nela e obter um grande valor posterior. (tradução nossa).

⁷ Todo o peronismo é efeito desta confiscação autoral em nome de uma autoria reconquistada, fictícia, mas imediatamente recriada. (tradução nossa).

Investindo para além deste olhar, o presente trabalho busca refletir sobre as relações entre texto e alteridade, na perspectiva das escritas do eu na América Latina, a partir da obra *La razón de mi vida* (1951), considerando-se os estudos de enfoque sobre a narrativa autobiográfica, como relato de experiência do cotidiano que acaba por revelar o aqui e o agora, assim como o pessoal e o social (presente e passado, individual e coletivo).

Para isto, o trabalho divide-se em três capítulos, o primeiro aborda sobre a voz narrativa autobiográfica e gêneros de fronteiras, tratando ainda das relações entre escritas do eu na América Latina, contextos históricos e ideológicos.

O segundo capítulo apresenta um estudo sobre o relato e a experiência do cotidiano como representações do individual e do coletivo. Neste estudo vêm à tona as relações entre textualidade e contextualização da obra *La razón de mi vida*, cujo tema está circunscrito à fundação de um partido político na América Latina e a participação feminina. Este capítulo reflete sobre autorrepresentação e imaginário social acerca do mito Evita na obra *La razón de mi vida*. O texto é estudado em consonância com o livro *Mujeres en la Sociedad Argentina: una historia de cinco siglos* (2007) da historiadora Dora Barrancos.

O terceiro capítulo estuda os recursos narrativos empregados em *La razón de mi vida*, especificamente àqueles recursos que revelam os desdobramentos do discurso e da imagem relacionados ao general Juan Domingo Perón e a Eva, a fim de se observar o perfil construído para Eva Perón e as relações deste perfil com o poder político no contexto argentino.

Com relação à metodologia, tomamos os pressupostos dos estudos sociocríticos de Antônio Candido (1967). Para o crítico, somente fundindo texto e contexto social, numa interpretação dialeticamente íntegra, é possível chegar-se a um processo interpretativo satisfatório.

O social, segundo Candido, é apenas um dos elementos externos, – que paradoxalmente tornam-se internos ao serem incluídos numa obra – que não pode ser captado como causa ou significado, mas como elemento que desempenha determinado papel na constituição da estrutura desta obra. Vários fatores compõem este “externo”, tais como: a origem dos autores, a relação

entre as obras e as ideias e a influência da organização social, seja econômica ou política.

Para Candido, a questão social não pode ser imposta como critério único, ou preferencial, conforme o “sociologismo crítico”. É necessário levar em conta, todos os demais elementos – sociais, psicológicos e linguísticos – para que o estudo do texto seja integral e não unilateral. Assim, após a análise o estudo deixa de ser puramente sociológico para ser apenas crítico. Para que os estudos de uma obra tenham efeito, Candido destaca a absoluta predominância da análise sincrônica sobre a diacrônica, isto é, a obra deve ser avaliada num determinado estado e momento do tempo e sua importância neste período.

Apesar da singularidade da obra e de sua autonomia, ela decorre de certas visões de mundo, resultado coletivo da elaboração de uma classe social, segundo sua visão ideológica. A concepção da obra como organismo, permite em sua análise levar em consideração os jogos de fatores que a compõem, condicionam e a motivam. Cada fator, sócio, psíquico ou literário deve ser visto como componente essencial assinala Candido (1967).

Justifica-se o presente estudo pela oportunidade de reflexão no que se refere ao gênero da autobiografia, ainda pouco estudado academicamente no campo dos estudos literários, assim como pelo interesse que este gênero pode trazer aos estudos sobre língua e culturas hispânicas para quem trabalha com o ensino e para a continuidade da pesquisa sobre os olhares da língua e da cultura no contexto latino-americano.

Nesta dissertação, a obra é estudada na condição de gênero autobiográfico e se investigam as relações históricas, literárias e ideológicas que tal gênero pode estabelecer, a partir dos pressupostos teóricos de Lejeune (1975), May (1979), Pouillon (1974), Bakhtin (2000), Rodrigues (2007) entre outros. Interessa-nos analisar como a escrita do eu se manifesta e se configura na obra através de uma estrutura composta por relatos de experiência do cotidiano que acabam por revelar o presente e passado, individual e coletivo.

CAPÍTULO I

Devemos modelar nossas palavras até se tornarem o mais fino invólucro dos nossos pensamentos. Sempre achei que o traço de um escultor é identificável por uma extrema simplicidade de linhas. Todas as palavras que digo - é por esconderem outras palavras. (LISPECTOR , Clarice, 1992, p. 16).

A VOZ NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA E GÊNEROS DE FRONTEIRA

Neste capítulo, observamos alguns aspectos relacionados à autobiografia enquanto gênero e o modo como o nosso objeto de estudo se insere nele. Não é difícil imaginar que escritos autobiográficos sejam em nossa cultura ocidental documentos privilegiados. O termo “autobiografia” aparece na Inglaterra no século XVIII e mais tarde na França no século XIX. Os historiadores da autobiografia coincidem geralmente em sustentar que o tema de seus estudos tem sua origem na Europa e pertencem à cultura ocidental.

En uno de los estudios más antiguos y más completos dedicados a la autobiografía, una erudita norteamericana llegó incluso a establecer sobre censos rigurosos una clasificación de las principales naciones de Occidente según la fuerza, la calidad y la persistencia de sus vocaciones autobiográficas. Concluyendo que las cinco naciones principales eran, en este orden, las siguientes: Italia, Francia, Gran Bretaña, Alemania y Estados Unidos.⁸ La obra en cuestión data 1909, lo que hace pensar entonces que la inmensa cantidad de textos autobiográficos posteriores convierte esa calificación en frágil y arbitraria. Pero, por lo demás, en ese desarrollo no se introdujo

⁸ BURR, Anna Robeson. *The Autobiography: A Critical and Comparative Study*. New York: Houghton Mifflin, 1909.

ningún elemento nuevo que modifique la idea ya aceptada de que la autobiografía es un fenómeno específicamente occidental.⁹ (MAY, 1979, p. 20).

A autobiografia geralmente resulta de um momento em que o autor realiza uma reflexão de sua própria existência. O gênero da autobiografia inclui manifestações literárias semelhantes entre si, como confissões, memórias, diários e cartas, que revelam sentimentos íntimos e a experiência do autor. Na atualidade, quando se vive a chamada era biográfica em que o interesse na vida cotidiana das pessoas comuns bem como das famosas cresceu, muitas pessoas conhecidas do grande público que desejam atender a essa demanda na forma de autobiografia, mas não tem habilidade literária, utilizam-se de um profissional *ghost-writer*, traduzindo literalmente – escritor fantasma – que escreve o texto em tom autobiográfico de modo que a autoria passa a ser alegadamente da pessoa autobiografada.

No entanto, autores consagrados escreveram suas autobiografias e deram consistência a esse ramo de atividade literária e, mais recentemente, acadêmica. Exemplos notáveis de autobiografias incluem: *The Words* (1964) de Jean Paul Sartre, os quatro volumes da autobiografia de Simone de Beauvoir, dentre outros.

No Brasil, no plano autobiográfico um dos iniciadores foi Joaquim Nabuco com o clássico *Minha formação* (1900). Poderíamos levantar aqui um grande número de escritores reconhecidos que escreveram neste gênero. Vale lembrar autores como Graciliano Ramos *Infância* (1945), Oswald de Andrade, *Sob as ordens de mamãe* (1954), Afonso Arinos de Melo Franco, *A Alma do tempo, formação e mocidade* (1961), *A Escalada* (1952), *Planalto* (1968) e Pedro Nava com *Baú de ossos*, (1972), entre outras. Na Argentina, Jorge Luiz Borges, *Un Ensayo Autobiográfico* (1970).

9

Em um dos estudos mais antigos e mais completos dedicados à autobiografia, uma erudita norte-americana chegou até estabelecer sobre sentidos rigorosos uma classificação das principais nações do Ocidente segundo a força, a qualidade e a persistência de suas vocações autobiográficas, concluindo que as cinco nações principais eram, nesta ordem, as seguintes: Itália, França, Grã-Bretanha, Alemanha e Estados Unidos. A obra em questão data de 1909, o que faz pensar, então, que a imensa quantidade de textos autobiográficos posteriores converte essa classificação em frágil e arbitrária. Mas, além disso, nesse desenvolvimento não se introduziu nenhum elemento novo que modifique a ideia já aceita de que a autobiografia é um fenômeno especificamente ocidental. (tradução nossa).

Historicamente, a sintonia entre autobiografia e “sujeito moderno” é confirmada pelo marco inicial a que se costuma atribuir o “nascimento” da autobiografia: *As Confissões* (1965) de Rousseau, texto no qual, pela primeira vez, o “eu” se fala na intimidade e se põe a nu, à disposição do julgamento dos leitores. Uma vez que Rousseau, desde os primórdios do Romantismo, faz da poesia a expressão do indivíduo, bem como mostra o homem de forma dicotomizada pela sua atitude paradoxal – “razão-consciência”.

Essa dicotomia proposta por Rousseau leva o homem ao autoconhecimento. A consciência, sentimento interior, segundo Fúlvia Moretto (1989), domina a razão e a obriga a agir pela sua interiorização subjetiva. Esse sentimento romântico, onde o conhecimento está centrado no eu está presente em toda obra de Rousseau, especificamente em *As confissões*.

Em *As confissões*, o narrador/autor conta o que quer, alonga ou encurta o tempo ao seu modo e organiza a narrativa de forma poética.

Senti antes de pensar; é o destino da humanidade. Mais do que qualquer outro eu o experimentei. Ignoro o que fiz até os cinco ou seis anos. Não sei como aprendi a ler; lembro-me somente das minhas primeiras leituras e do efeito que me produziram: é o tempo de onde começo a contar sem interrupção a consciência de mim mesmo. Minha mãe tinha deixado romances; pusemo-nos a lê-los depois da ceia, meu pai e eu. A princípio não se tratava senão de me exercitar na leitura por meio de livrões que divertissem; em breve, porém, o interesse tornou-se tão vivo que líamos alternadamente, sem interrupção, e passávamos noites assim ocupados. Não podíamos abandonar a leitura senão no fim do volume. Algumas vezes meu pai, ouvindo as madrugadas andorinhas, dizia muito envergonhado: Vamos nos deitar; sou mais criança do que tu. (ROUSSEAU, 1965, p. 18).

No texto autobiográfico de Rousseau, observa-se uma espécie de “alargamento” do Eu/Rousseau, através do exercício da imaginação, tática empregada pelo homem para suprir as lacunas da memória.

É importante observar que *As confissões* de Rousseau, ao contrário das *Confissões* (2002) de Santo Agostinho, não invocam a divindade. O prólogo de Rousseau em *As confissões* sugere que ali se encontrará a representação de um homem, caracterizado com as cores da natureza e da “verdade”, e com a finalidade de servir de primeiro elemento de comparação para um estudo dos homens.

A esfera da religiosidade não é mais o móvel da palavra nem da alma de Rousseau. Neste sentido, sua obra trata de um homem em busca da verdade, mas que pressente a força e a presença da relação entre fragmento e totalidade. Se Agostinho buscava a “cidade de Deus¹⁰”, o traço de união entre *As confissões* de Rousseau, também partilhado com o *Emílio* e o *Contrato social*, é a “cidade dos homens”, ou seja, o mundo em que se processa e legitima o pacto social. Esta discussão já nos remete ao homem de modernidade.

Starobinski afirma que, em Rousseau, a "linguagem tornou-se o lugar de uma experiência imediata, enquanto permanece o instrumento de uma meditação", acrescentando que "essa linguagem não tem mais nada em comum com o 'discurso' clássico. É infinitamente mais imperiosa e infinitamente mais precária". (STAROBINSKI, 1991, p. 206).

Falar ou escrever de si, como observou Foucault (2001), é um dispositivo crucial da modernidade, uma necessidade cultural já que a verdade é sempre e prioritariamente esperada do sujeito, subordinada a sua sinceridade, ou como coloca Lejeune (1975), uma autobiografia não é quando alguém diz a verdade sobre sua vida, mas quando diz que a diz, assim, o que importa nesta reflexão é pensar como o texto autobiográfico diz o que pretende dizer.

Ahora bien: como la razón no es que el lector esté desde el comienzo afligido de una forma aberrante de idolatría hacia este género literario debemos concluir que existe sin duda en el conjunto de textos autobiográficos una variedad mayor de la que en principio suponíamos. Podríamos temer, en efecto, que al leer las vidas de una centena de individuos, contadas por ellos mismos, nos expusiéramos a escuchar una considerable cantidad de chismes [...]. La experiencia reserva a veces agradables sorpresas.¹¹ (MAY, 1979, p. 17-18).

¹⁰ Observe-se que, na Cidade de Deus, Agostinho considera, na primeira parte da obra, a "cidade dos homens", embora não a observe de forma independente da formulação religiosa da existência.

¹¹ Agora bem: como a razão não é que o leitor esteja desde o começo afligido de uma forma próxima da idolatria em direção a este gênero literário que devemos concluir que existe, sem dúvida, no conjunto de textos autobiográficos uma variedade maior da que inicialmente supúnhamos. Poderíamos temer, efetivamente, que ao ler as vidas de uma centena de indivíduos, contadas por eles mesmos, expuséramo-nos a escutar uma considerável quantidade de fofocas [...]. A experiência reserva, às vezes, agradáveis surpresas. (tradução nossa).

Há uma considerável diversidade nos modos de narrar uma autobiografia, a primeira interrogação que o leitor poderia formular, seria a de saber se essa diversidade corresponde aos atributos intrínsecos do gênero.

Lejeune em *Le Pacte Autobiographique* (1975) define a autobiografia como texto literário marcado por um relato primordialmente em prosa e por tratar da vida individual, constituindo-se na história de uma personalidade, na qual autor, narrador e personagem mantêm uma relação de identidade, estando ligados através de um pacto. Para Lejeune, autobiografia e biografia são textos referenciais e pretendem fornecer uma informação sobre uma realidade exterior ao texto e, assim, submeter-se a uma prova de verificação.

Atualmente, as narrativas autobiográficas voltam a ser estudadas, devido ao número expressivo de produções e as diversas formas de apresentação desse gênero na contemporaneidade. Leonor Arfuch (2002) apresenta como proposta o estudo de uma questão que se apresenta com o fim da modernidade, enfocando o deslocamento e a descentralização dos conceitos de público e privado, e que aponta para um desenvolvimento da política-espetáculo até a formação de um gênero diferenciado em suas particularidades.

A autora estuda o retorno de certo interesse pela narrativa vivencial como um sintoma do contexto contemporâneo até o estudo do funcionamento dessas narrativas, que mesclam realidade e ficção numa situação fronteiriça, de tal modo que esta passa a ser o espaço onde se desenvolve e afirma o gênero biográfico.

Diante disso, a noção de verdade ligada à escrita autobiográfica se associa com um estrato profundo, inconsciente, inatingível senão através da mediação ficcional, este possível imaginário funciona como máscaras escalonadas segundo a profundidade do palco. Barthes considera que não é que a verdade sobre si mesmo só pode ser dita na ficção, mas, “quando se diz uma verdade sobre si mesmo deve ser considerada ficção”. (BARTHES, 1975, p.136).

Foucault (2001) observa que a percepção comum de que a literatura expressa a interioridade de um sujeito que fala de si por meio figurado constitui-se durante a época romântica. Apesar de o texto autobiográfico não ter sua origem situada na modernidade, foi com o advento do homem moderno

que as condições de possibilidade de uma palavra sobre si – como forma de expressão subjetiva, de afirmação perante si próprio e perante os outros –, foram efetivadas.

Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes (2004), é com o advento das sociedades modernas que o indivíduo, ao conquistar direitos civis e políticos, nos séculos XVIII e XIX, passa a gozar da liberdade de consolidar uma identidade que lhe seja singular, permitindo-lhe ao mesmo tempo em que uma participação no todo social do qual é parte, uma possibilidade real de se afirmar enquanto individualidade diferenciada e valorizada perante todos os outros. Afirmando-se, o indivíduo moderno passa a ter uma importância antes inexistente, o que faz de sua vida um universo interessante a ponto de ser narrado por escrito.

Para Bakhtin há uma “decisiva significância na evolução da consciência individual, à medida que a pessoa distingue o seu próprio discurso do de outros, entre o seu próprio pensamento e o de outras pessoas”. (BAKHTIN, 2000, p. 153). O discurso internamente persuasivo, para Bakhtin, está fortemente interligado com a “própria palavra”; mesmo no “pensamento próprio” e na compreensão dialógica da linguagem, esse discurso é metade nosso e metade do outro, construindo-se sobre elementos de discursos de autoridade. Para a compreensão dessa consciência individual, o recurso à narrativa, trazendo à luz o que está escondido, configura-se como um método que estabelece ligação entre o processo mental e o discurso que o exprime, isto é, “a narrativa opera como instrumento do pensamento ao construir a realidade” (BAKHTIN, 2000, p. 164). Como assevera Hannah Arendt (2001), é no espaço das palavras que se podem produzir verdades de si, e por meio do autoconhecimento e da experiência de si.

Bakhtin (2000) aborda sobre as relações estabelecidas entre homens e linguagem, num meio social que necessariamente participa desse processo de conhecimento dialógico. O teórico russo recusa, numa crítica à autoconsciência cartesiana, certa auto-suficiência do eu, a partir da qual os discursos se engendrariam numa condição adâmica, original, primeira. Para este teórico o homem deve ser pensado a partir de sua “outridade”, do contexto plurivocal que dá sentido ao seu discurso (BAKHTIN, 2000, p. 52). Dessa condição constitutiva da linguagem emergem importantes questões que fundamentam a

“lógica” do discurso bakhtiniano e o delineamento proposto por Arfuch (2002) sobre a autobiografia: interação, sintonia, afecção e apropriação.

Os discursos são fruto da interação, isto é, da participação simultânea de sujeitos, que, nesse contexto, são considerados interlocutores e não mais entidades isoladas. Apesar de as enunciações serem produzidas dentro de uma situação objetivada, elas nascem do movimento cíclico, muitas vezes caótico, das relações históricas estabelecidas entre esses mesmos sujeitos. Nelas está implicada uma série de elementos – como lugar, tempo, diferentes visões de mundo entre outros –, que em combinação constante, dão lugar a uma dimensão cultural que permeará a produção de discursos desses sujeitos.

Na acepção bakhtiniana, as formas biográficas e autobiográficas eram manifestações ou da extroversão do homem público ou da introversão do homem privado [...]. Assim, toda existência era visível e audível. Mínimas eram as atuações privadas ou de introspecção do homem e de sua vida. Com o período helênico e romano, tem início o processo de transferência (parcial) da esfera pública para a existência privada. (RODRIGUES, 2007, p. 17-18).

É comum confundirem-se autobiografia e biografia, por que ambas são narrativas que caracterizam uma existência, ou experiências de ordem diversa. Normalmente, quando se observa um narrador autodiegético, a tendência é reconhecer o texto como uma autobiografia. Em muitos casos, no entanto, o emprego da primeira pessoa gramatical, para marcar o universo diegético, pode ser um mero recurso estilístico, com vistas a mascarar a biografia em autobiografia. Por isso, é importante uma verificação mais apurada sobre estes dois tipos de escrita.

Para Clara Rocha (1977) é preciso, antes de qualquer coisa, situar os dois gêneros para que sejam evitados equívocos. De acordo com o pensamento dessa autora, influenciado pela obra de Philippe Lejeune, um dos principais fatores para diferenciá-los são as possíveis relações que há entre o narrador e a personagem principal. Elas distanciam-se no que diz respeito à posição ocupada pelo narrador, isto é, a não-identidade entre aquele que narra e o protagonista.

Uma questão importante, entretanto, se impõe: através de que modo a identidade e a não-identidade do narrador e da personagem principal se

refletem no discurso? É fato de que o emprego da primeira pessoa gramatical constitui-se no processo mais usual de marcar a identidade entre eles, no qual a narração assume um caráter autodiegético. A terceira pessoa gramatical, em contrapartida, marca a não identidade entre ambos.

O modo usado pela crítica de conceituar e de interpretar a forma autobiográfica é bastante variado, embora pressuponha genericamente uma aceção comum e bem definida de cada elemento significativo que compõe o termo grego *autobiographia*. Palavra composta por *autos*: próprio; *bios*: vida e *graphein*: escrita. No dicionário, o termo autobiográfico quer dizer a vida de um indivíduo escrita por ele mesmo. Este sentido determina claramente sua gênese, porém não a especifica como espécie unicamente literária. Ao contrário, amplia a sua possibilidade de existência nas mais variadas áreas de conhecimento: da antropologia à sociologia, da psicanálise à filosofia consoladora (religiosa ou não). Na literatura, ela se manifesta na forma de memória, de diários íntimos, de romances epistolares, de autorretratos, confissões e nas diversas formas de narração em primeira pessoa. (RODRIGUES, 2007, p. 19-20).

O caso da biografia escrita em primeira pessoa, na qual o narrador dá o seu testemunho sobre a personagem principal, remete à possibilidade de uma escrita biográfica vinculada ao registro do discurso personalizado no “eu”. A viabilidade de haver identidade entre o narrador e a personagem principal, sem o emprego da primeira pessoa gramatical, também deve ser considerada. Ou ainda, situações em que o “tu” se traduz em discursos que o narrador pronuncia e que são endereçados à personagem que ele foi seja para reconfortá-lo ou para repreendê-lo. Nesse caso, temos o desdobramento do ato biográfico, o qual prevê um “eu” que experimentou os fatos narrados e um “eu” que narrou essas experiências, ainda que esteja afastado temporalmente delas.

A fim de esclarecer esta situação, torna-se necessário examinar a noção de ‘eu’ pela qual se constitui a narração em primeira pessoa. Esta noção tem outra forma que qualquer enunciado feito na primeira pessoa gramatical, como aparece em todo poema lírico em primeira pessoa (seja poema dramatizado ou não) e também em todo enunciado em primeira pessoa extrapoético, sendo destes o mais próximo o da

exposição autobiográfica. Isto significa, portanto: o eu da narração em primeira pessoa é um sujeito-de-enunciação autêntico. (HAMBURGER, 1975, p. 224).

Hamburger considera a narração em primeira pessoa, em seu significado próprio, como uma forma autobiográfica, que relata eventos e experiências referidas ao narrador-eu. Para a autora, a narração tem a sua origem na estrutura enunciativa autobiográfica. A noção pressupõe, antes de tudo, que a autobiografia ou a escrita do eu poderia ser uma forma ficcional ou não-ficcional.

A enunciação em primeira pessoa, entretanto, tem a forma da enunciação, o autor de carta, diário ou memórias, por mais fingido que seja, é um sujeito-de-enunciação histórico e não tem uma função narrativa flutuante [...]. O diálogo ganha um aspecto completamente diferente no romance autobiográfico propriamente dito, no romance de memórias, aspecto este que ao mesmo tempo é um sintoma do percurso (sistemático) que a narração em primeira pessoa faz, saindo de uma forma muito chegada à realidade, que é o romance epistolar, até chegar a uma épico-ficcional. Isso revela numa análise mais detalhada do narrador em primeira pessoa como o eu das memórias [...]. O autor de memórias, entretanto, partindo de um ponto determinado, evoca a totalidade de sua vida passada [...]. É necessário lembrar, que na narração em primeira pessoa os demais personagens descritos são compreendidos como objetos e nunca como sujeitos (como na ficção) [...]. Nestes dois fatores interrelacionados, o da objetivação das fases do eu próprio e o da totalidade do eu cósmico encadeado a retrospectiva, estão contidas as possibilidades, as 'tentações' da narração em eu fingida (e frequentemente da não-fingida) de se desenvolver da forma de enunciado de realidade para a forma ficcional. (HAMBURGER, 1975, p. 232-233).

Também é importante destacar que um dos grandes méritos dos escritos autobiográficos é o fato de que essa modalidade textual transmite a ilusão de que se está diante de um conjunto de fatos reais e concretos, contados sem nenhuma espécie de mediação. Isso é perfeitamente plausível na medida em que a história transcrita pelo próprio autor, que acumula os atributos de narrador e de sujeito de uma ação assumidamente "não-fictícia", corresponde a uma história verdadeira, cuja reprodução de uma realidade corresponde à sua própria realidade. Não se pode esquecer, entretanto, de que um indivíduo real, às vezes, diz a verdade e, outras vezes, oculta a verdade, até em relação a si

próprio. Devido a esse processo, o impacto e simultaneamente o valor intrínseco da autobiografia, é diretamente proporcional ao seu maior ou menor poder de convicção que é, via de regra, importantíssimo para o estabelecimento do pacto autobiográfico¹². Afinal, nada mais crível do que a vida de um indivíduo contado por ele mesmo. Diante dessa ficcionalização do sujeito, é cada vez mais difícil demarcar as fronteiras entre autobiografia e ficção, entre o escrito pelo autobiógrafo e o escrito pelo autor de ficção.

Para Clara Rocha (1977) é problemática a distinção que se faz entre biografia e autobiografia, ao se ter como base apenas o emprego das pessoas gramaticais. Segundo a autora, é necessário, ainda, que se oponha um gênero a outro, fundamentando a argumentação na hierarquia das relações de semelhança e identidade existentes entre o narrador e a personagem principal.

É importante observar que, enquanto Bakhtin enfatiza as formas biográficas e autobiográficas de referências, ora públicas, ora privadas, prioriza a forma confessional, reduzindo-a a dois modelos-padrão a serem imitados, que são ainda conservados e 'devem-se reconhecê-los, em uma posição dificilmente superável [...]. Embora o enfoque de Bakhtin sobre as formas biográficas e autobiográficas esteja no processo de extroversão e introversão do homem, fica evidente que estas se sustentam, fundamentalmente, numa concepção de vida estético-filosófica. (RODRIGUES, 2007, p. 25).

Assim, ainda que a biografia e a autobiografia tenham em comum o fato de serem textos referenciais, estas formas guardam em si um projeto de elaboração do estético e de caráter filosófico. Ambas pretendem produzir a imagem do real e não apenas o seu efeito. O objetivo é, portanto, retratar uma realidade exterior e submetê-la a uma prova de verificação, de modo que possa traduzi-la em semelhança de "verdade". Para que isso se processe, entretanto, é necessária a existência de um pacto referencial que tenha por meta, sobretudo, a definição do campo de realidade e o grau de semelhança que o texto pretende ter em projeto de elaboração estética. Tal pacto deve ser mantido na biografia, a fim de que o resultado seja de absoluta semelhança. Mas na autobiografia este aspecto pode esmaecer sem que implique a anulação do valor referencial do texto. Numa outra perspectiva, a personagem

¹² Definição utilizada por Philippe Lejeune em *Le Pacte Autobiographique* (1975).

biográfica apresenta uma interdependência que a une ao modelo, remetendo-a a relação de semelhança. Conforme assinala Clara Rocha,

a semelhança desempenha na autobiografia uma função secundária visto ser uma consequência da identidade [...], e na biografia uma função primordial, já que a personagem biográfica só encontra razão de ser na semelhança com o modelo. (ROCHA, 1977, p. 51).

Clara Rocha afirma que o modelo extratextual da autobiografia se confunde com o autor, sendo que a convergência de ambos traduz o caráter unilateral da referência autobiográfica. Na biografia, por oposição, a referência extratextual é bilateral, ou seja, o autor e o modelo são elementos totalmente independentes e distintos.

Seguindo com suas análises, a autora aponta mais um aspecto que diferencia um gênero do outro: a atitude que o narrador tem com o protagonista. Na biografia, é indispensável que, em função de fazer existir sua personagem principal, o narrador retraia suas sensações, emoções e comportamentos relacionados ao ser biografado, com o objetivo de abrir a possibilidade de aceitação de todo o conteúdo psíquico do protagonista. Já a autobiografia exige do narrador uma atitude que tanto pode ser de simpatia quanto de antipatia pelo protagonista.

A biografia tem por objetivo, fundamentalmente, a semelhança com a verdade. Para isso, são necessários dois quesitos que a aproximam do discurso histórico: a fidelidade e a exatidão. Desse modo, a credibilidade da biografia está em profunda relação com a autenticidade do protagonista. Tal situação, no entanto, só será possível se o escritor buscar referenciais em cartas, declarações do biografado, documentos, memórias, testemunhos de terceiros, entre outros.

Julgamos ser necessário, aqui alguns esclarecimentos acerca do conceito de autobiografia, geralmente associado ao conceito de literatura autobiográfica, também denominada de literatura de foro íntimo. Referentes a esse tipo de escritura, identificamos as seguintes escrituras: confissões, diário íntimo, memórias, romance autobiográfico entre outros.

Jean Pouillon afirma que um indivíduo conta o seu passado quando dele já está distante. O escritor memorialista é levado a relatar sua vida pelo desejo

de compreender os motivos de suas atitudes pretéritas. Para encontrar a verdade, necessita buscar a compreensão daquilo que aconteceu, excluindo a memória, pois “ela haverá de inventar seu lugar; quando é a memória que inventa, o que ela traz é a mentira”. (POUILLON, 1974, p. 40).

Apesar destas observações, de acordo com o crítico, o autobiógrafo não fabrica um passado hipotético e provável. Para Pouillon, o tempo pretérito, matéria da narrativa, não é artificial, mas desconhecido. Dessa forma, o escritor usa a imaginação com o mesmo objetivo de um historiador em relação a uma sociedade desaparecida, que só terá uma significação sociohistórica por meio do somatório dos fatos materiais e da imaginação. Dessa forma, a autobiografia revela um passado psicológico, com vistas à compreensão da vida que já passou. Este passado somente passará a existir a partir do momento que o autobiógrafo o imaginar.

Para esse gênero Pouillon distingue três formas. A primeira consiste nas recordações, nas quais o autor “está com” aquele que foi um dia; a segunda categoria são as memórias, em que o autor tenta rever-se para julgar-se, justificar-se e polemizar, utilizando uma visão que o distancie dele mesmo; e a terceira modalidade de autobiografia se circunscreve ao diário que vai registrando o passado recente de uma forma cronológica.

Outra abordagem relacionada ao gênero autobiográfico é proposta por Costa Lima (1986). De acordo com o teórico, essa modalidade de escrita é tida como um substituto de espelhos. Se estes nos mostram a velhice corporal, a autobiografia nos recupera de um tempo pretérito, dando-nos a capacidade de nos explicar diante de nós mesmos.

Para o crítico, a autobiografia não se confunde com a inequívoca declaração da verdade. Ela é ambígua por força do seu narrador “eu”, o qual tanto pode revelar uma verdade como encobri-la, dependendo de seu interesse nessa verdade.

Conforme Costa Lima (1986), a autobiografia, enquanto gênero, depende de duas condições fundamentais: 1) um indivíduo que narra suas experiências de vida; 2) e a marca de não ser um texto puramente ficcional. O primeiro termo que compõe o conceito, não provoca grandes conflitos, uma vez que um narrador assumindo a primeira pessoa gramatical remete à noção de

alguém contando sua própria vida. Já a questão da não-ficcionalidade fundamenta-se num “eu” histórico e real.

Os gêneros confessionais (memórias, diário, autobiografia) são muito antigos no universo literário e revelam o desejo humano de salvar da morte a sua existência. A separação entre a Literatura propriamente dita e as obras confessionais é fruto de uma visão simplista que considera estas narrativas como formas de “não ficção”, devido aos resquícios autobiográficos anunciados. Contudo, não há literatura que não contenha elementos da realidade, assim como a chamada literatura intimista ou confessional não está isenta de desvios da linguagem, posto que é impossível transpor qualquer realidade fielmente retratada para a página escrita. Os gêneros confessionais, portanto, são, como qualquer discurso, uma produção humana entrecortada de ficção.

Para compreendermos um pouco mais deste universo, a crítica Nora Catelli utiliza uma alegoria interessante: a do ator e sua máscara. O espaço autobiográfico seria equivalente à câmara de ar que se forma entre o rosto e a máscara: não existiria completamente neste “eu” que narra sua história, nem na moldura que usa para narrá-la. A máscara que cobre o rosto estaria submetida a um regime de não correspondência, pois não mantém uma relação de semelhança com o que está oculto. “A partir deste vazio deformado, impõe-se a ordem do relato que, no máximo, só mantém com a realidade vivida uma presunção de semelhança ou analogia”. (CATELLI, 1991, p. 17).

A literatura confessional é, antes de tudo, literatura e esta separação deveria ser fruto apenas de implicações teóricas relativas ao uso da primeira pessoa na instância narrativa, já que é perceptivelmente infrutífero tentarmos separar, por meio de qualquer critério textual, a literatura, reconhecida como tal, das formas autobiográficas.

Para Silviano Santiago (2008), os dados autobiográficos servem de alicerce na hora de idealizar e compor seus escritos e, segundo ele, eventualmente, podem servir ao leitor para explicá-los.

Traduz o contato reflexivo da subjetividade criadora com os fatos da realidade que me condicionam e os da existência que me conformam. Do ponto de vista da forma e do conteúdo, o discurso autobiográfico *per se* – na sua pureza – é tão proteiforme quanto camaleão e tão escorregadio quanto

mercúrio, embora carregue um tremendo legado na literatura brasileira e na ocidental. (SANTIAGO, 2008, p. 174).

Atualmente, reflexões sobre escritas do eu têm vindo à tona com muita frequência, sobretudo, porque estamos vivendo num tempo em que as formas narrativas menos tradicionais vêm ganhando espaço. Verificamos na atualidade que relatos, autobiografias, memórias, diários e todo o universo da escrita confessional aparecem em destaque nas livrarias e nas listas de livros mais vendidos de "ficção" e "não ficção".

Saídas da periferia para o centro dos estudos literários, as narrativas confessionais ganham força, sobretudo porque se crê que já não há mais lugar no mundo para grandes narrativas legitimadoras, como defende J. F. Lyotard (1993).

Certamente, é a curiosidade e desejo inato que o homem tem de conhecer a vida de outra pessoa, o fator que movimenta o mercado e faz vender cada vez mais livros autobiográficos, sobretudo aqueles que prometem um desnudamento total (e impossível) do "eu" que se inscreve. Assim, de algum modo, o ser humano, reificado, passa a ser uma espécie de produto de consumo ou mercadoria, numa exposição do privado que a moda autobiográfica faz circular.

Primeiramente apartados da "verdadeira" literatura e, agora, convertidos em moeda corrente, os gêneros confessionais colocam em voga suas diversas configurações, todas assentadas historicamente.

O último aspecto que faz distinção entre a biografia e a autobiografia, por fim, segundo Clara Rocha (1977), relaciona-se à totalização das informações, ou seja, de que modo é realizada a montagem dos fatos, acontecimentos históricos, atitudes e pensamentos da personagem principal com vistas a traduzi-la na relação de semelhança e de identidade com o real.

Afirma a autora que a biografia, para constituir sua personagem principal, abarca informações de várias naturezas. É importante lembrar que:

Existe, dentro da história cronológica, uma história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Aparece com clareza nas biografias; tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde os valores se adensam. O tempo biográfico tem andamento como na música desde o *allego* da infância que

parece na lembrança luminoso e doce, até o *adagio* da velhice [...]. Nas biografias que colhi, as casas descritas tinham janelas para frente; ver a rua era uma diversão apreciada não havendo a preocupação com o isolamento, como hoje, que em altos muros mantêm a privacidade e escondem a fachada. Fui tentada a rever uma oposição, que há muito venho fazendo ao comparar lembranças, a oposição entre *objetos biográficos* e *objetos de status* [...]. Quanto mais votados ao uso cotidiano, mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam. São esses os objetos que Violette Morin¹³ chama de objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-múndi do viajante... Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador. Diferentes são os ambientes arrumados para patentear *status*, como um décor de teatro: há objetos que a moda valoriza, mas não se enraízam nos interiores ou têm garantia por um ano, não envelhecem com o dono, apenas se deterioram. Só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade. (BOSI, 2003, p. 24-26).

É, portanto, de competência do biógrafo, estruturar e uniformizar o material que dispõe, totalizando-o a fim de revelar a personalidade do protagonista que, na maioria dos casos, está morto.

Na esfera do gênero autobiográfico, faz-se igualmente a reconstituição do passado através da sucessão de episódios que se estruturam num todo. No entanto, por se tratar de um gênero que objetiva a auto-interpretação e a contínua busca do “eu”, existe a flexibilidade no grau de totalização das informações. O narrador/protagonista está vivo e trata-se de um profundo conhecedor das fontes que lhe fornecem as referências necessárias para falar e/ou escrever de si com a finalidade de justificar em público as ações que ele realizou ou as ideias que defendeu.

Esta intenção autobiográfica é designada pelo termo apologia, ou seja, é uma necessidade de justificar sua postura durante sua vida diante da sociedade que o conhece. Como coloca May “o autobiógrafo é, geralmente, conhecido do público antes que sua autobiografia se publique, seja por suas ações, por suas palavras, por suas obras ou por uma combinação qualquer de umas e outras”. (MAY, 1979, p. 36).

¹³ “L’Objet”, *Communications* 13, 1969.

Em relação aos escritos autobiográficos ou escritas de si, gênero que nos interessa nesse momento, é importante ressaltar a intencionalidade daquele que escreve em constituir uma imagem a ser legada ao futuro, imprimindo nesse trabalho sua própria versão sobre si mesmo em meio a outras versões diversas fabricadas por outros indivíduos. Uma vontade de auto-afirmação parece se impor nesse ato de mostrar-se aos outros e a si mesmo a partir de seu próprio ponto de vista. Assim, subjaz o desejo de consolidação de uma identidade, no “fazer-se” de si mesmo através de uma narrativa que engendra uma história de sua própria vida.

1.1 ESCRITAS DO EU NA AMÉRICA LATINA: RELAÇÕES HISTÓRICAS, LITERÁRIAS E IDEOLÓGICAS

Segundo Aristóteles (1984) a poética é superior à história, pois a poética fala do que poderia ter sido e a história do que foi. E assim a poética seria universal e história particular. O historiador irá representar o passado com a marca do seu presente e, portanto, a realidade que estará no papel será a do tempo do historiador, isto é, um olhar do agora para o passado – a limitação da escrita. Desta forma, o mundo contemporâneo constata a incapacidade de acessar diretamente o real, já que o passado só existe através do texto; texto que ao mesmo tempo nos remete a uma realidade e, também, nos afasta dela, já que se trata apenas de um olhar individual em direção ao passado, mas o passado está resguardado na memória coletiva.

Esta reflexão requer que se retomem os estudos de Hayden White (2001) para uma melhor compreensão dos princípios que regem os fatos históricos e as relações da história com outras disciplinas, inclusive com a literatura.

Segundo White:

Uma das marcas do bom historiador profissional é a firmeza com que ele lembra a seus leitores a natureza provisória das suas caracterizações dos acontecimentos, dos agentes e das atividades encontrados no registro histórico sempre incompleto. [...] Mas de um modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tão

inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências. (WHITE, 2001, p. 98).

Isso ocorre, sobretudo por que os acontecimentos são convertidos em história pela supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros, por caracterização, repetição do motivo, variação do tom e do ponto de vista, estratégias descritivas alternativas, em síntese, por todas as técnicas que normalmente se espera encontrar na tessitura de um texto.

O modo como uma determinada situação histórica é configurada depende da sutileza com que o historiador compõe a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Segundo Hayden White (2001) trata-se essencialmente de uma operação literária, criadora de ficção. E denominá-la assim não deprecia de forma alguma o status das narrativas históricas como fornecedoras de um tipo de conhecimento.

Hayden White lembra a conclusão de Lévi-Strauss, sobre os fatos históricos, em que: “a despeito dos esforços meritórios e indispensáveis para dar vida a um momento da história e para apropriar-se dele, uma história clarividente deveria admitir que ele jamais escapa completamente à natureza do mito”. (WHITE, 2001, p. 107). Assim, é na formulação simbólica que o relato histórico se constitui e desta forma se associa a uma memória coletiva.

Para Le Goff (1996), a memória coletiva e a história, o que ele chama de forma científica da memória coletiva, relacionam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos, que funcionam como selecionadores de fatos que ocorreram no passado e resistem ao tempo para servir como testemunho.

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada, quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam a ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. (LE GOFF, 1996, p. 535).

Monumentos são heranças do passado que se ligam à memória coletiva, documentos são elementos que ficam do passado escolhido pelos historiadores. No atual contexto, já não se dá só importância aos grandes feitos e aos grandes homens, há o interesse em ver a história por vários ângulos. O documento se coloca em primeiro plano. Se os fatos não são registrados em documentos gravados ou escritos, os fatos perdem-se.

Chateaubriand, profeta de uma nova história, escrevera no prefácio dos *Études Historiques* (1831): 'Os antigos conceberam a história de modo diferente do nosso [...]. Libertos daquelas imensas leituras sob as quais tanto a imaginação como a memória são esmagadas, tinham poucos documentos para consultar'. (EHRARD e PALMADE apud LE GOFF, 1996, p. 538).

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades atuais.

Mas a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral ou questão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1996, p. 540).

Michael Pollak (1992) destaca alguns elementos que segundo ele constituem e formam a memória e identidade social. Coloca em primeiro lugar, os acontecimentos vividos pessoalmente, em segundo, os acontecimentos que o autor chama de "vividos por tabela", que seriam acontecimentos vividos pelo grupo ou coletividade a qual a pessoa pertence. E estes são acontecimentos dos quais a pessoa participou.

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória herdada (...) podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação. (POLLAK, 1992, p. 201).

O autor afirma também, que a memória é constituída por pessoas, personagens. Segundo ele, pessoas ou personagens que realmente fizeram parte da vida da pessoa, e de personagens por tabela, e que indiretamente se transformaram praticamente em pessoas conhecidas e, também, de personagens que não pertenceram ao mesmo espaço-tempo da pessoa.

Além dos acontecimentos e pessoas, Pollak coloca também como um dos constituintes da memória os lugares, no sentido de espaço físico mesmo. Para o autor, existem lugares da memória, particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico, pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independente da data real em que a vivência se deu. Pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração.

Historiador e romancista constroem mundos para representar ações. O primeiro constrói um mundo baseado em documentos e registros concretos que atribuam veracidade ao seu discurso. Já o segundo constrói um mundo possível baseado na sua imaginação e criatividade.

Não importa em que momento, a literatura tornou-se uma absorção híbrida de todos os outros discursos, o fato é que no contexto atual é impossível detectar uma literatura pura. Portanto, toda a narrativa literária está carregada de uma "consciência histórica", mesmo quando ela não é imediatamente perceptível.

A narrativa centrada no sujeito que a cria, simultaneamente ponto de partida e objeto do texto, a autobiografia parece ser a atualização do "indivíduo moderno" no espaço da literatura. É como se, ao lado da poesia, do romance, da peça teatral, da crônica, enfim, reserva-se àquele indivíduo, a suas reflexões e experiências particulares, um "gênero literário" específico, que permitisse a expressão de sua unidade e autonomia.

Pierre Bourdieu manifestou uma crítica à ideia de a vida do indivíduo poder ser vista como linearidade, ordem e coerência, no retrospecto de sua história, desconsiderando-se as discontinuidades e fragmentações nos atos e acontecimentos que marcam o seu passado. Para ele:

Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo. (BOURDIEU, 1998, p. 184).

Seria a consideração da vida como relato histórico ou a aceitação da “filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos”. (BOURDIEU, 1998, p.184).

Entretanto, sabemos que nessa suposta sucessão linear, ocorrem quebras e rupturas que fragmentam a vida do indivíduo. Há um ordenamento nesses relatos, biográficos ou autobiográficos, onde o elemento da recriação, do imprevisto e da recomposição assume um papel de destaque.

Devemos considerar então, que o relato de vida de um entrevistado ou de um escritor que escreve sobre si, é ordenado a partir de certos pressupostos e de certas visões que o mesmo constrói sobre seu ser.

Pude perceber essa força da memória coletiva, trabalhada pela ideologia, sobre a memória individual do recordador, o que ocorreu mesmo quando este participou e testemunhou os fatos e poderia, portanto, dar-nos uma descrição diferenciada da vida. Parece que há sempre uma NARRATIVA COLETIVA privilegiada no interior de um mito ou de uma ideologia. E essa narrativa explicadora e legitimadora serve ao poder que a transmite e a difunde. (BOSI, 2003, p. 17-18).

Assim, a memória é a forma viva da preservação do passado, e ela não se faz somente através do indivíduo a qual pertence, mas tem uma dependência com tudo o que compõe o seu ciclo social, como a sua família, amigos, espaço e tempo, entre outros fenômenos que poderão influenciar na formação da memória e identidade do indivíduo.

Segundo Schmitz e Mahfoud (1993) no artigo *Halbwachs: Memória coletiva e Experiência*, no qual os autores abordam conceitos sobre a memória e apresentam o trabalho de Halbwachs, que defende que a memória é sempre construída em grupo. Em termos dinâmicos, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo, necessita de uma comunidade afetiva, forjada no “entreter-

se internamente com pessoas”, característico das relações nos grupos de referência.

A lembrança, para Halbwachs é reconhecimento e reconstrução. É reconhecimento, na medida em que tem o ‘sentimento do já visto’. E é reconstrução, principalmente em dois sentidos: por um lado, porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas um resgate destes acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis e localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 289).

Os autores assinalam que para Halbwachs é impossível a existência de uma memória exclusivamente individual, porque a lembrança de um indivíduo é sempre formada a partir de sua relação com o grupo social em que está inserido, no entanto, ele não nega a existência da memória individual.

O indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre um trabalho do sujeito. [...]. Uma semente de rememoração pode permanecer um dado abstrato, pode, ainda, formar-se em imagem e como tal permanecer ou, finalmente, pode tornar-se lembrança viva. Estes destinos dependem da ausência ou presença de outros que se constituem como grupos de referência. O grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e confundiu seu passado. O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288).

No contexto da contemporaneidade, a memória individual pode ser compreendida, então, como um ponto de convergência de variadas influências sociais e como forma particular de articulação das mesmas.

Os escritos memorialistas e autobiográficos inscrevem-se num terreno bastante amplo. Isto porque solicitam, constantemente, elementos conceituais de áreas do conhecimento afins, mas com especificidades próprias. O exame de uma escrita de si inscreve-se no terreno de observação da psicanálise e da filosofia, enquanto procedimentos mentais realizados por um sujeito bastante amplo – e muitas vezes, com uma dimensão desconhecida pelo próprio sujeito – que fala de si, busca lembranças que permitam compor-se como um indivíduo ímpar dentre seus pares, representa a si mesmo enquanto personalidade e encena os acontecimentos vividos como se fossem realidades presentes; evoca o terreno da História, pois versa sobre acontecimentos situados em uma outra dimensão de temporalidade que são revisitados, avaliados e representados novamente, num movimento de alternância temporal intenso; e instaura também o terreno da literatura na medida em que esta escrita de si percebe-se em outra dimensão de temporalidade e se faz de maneira ficcional, reinventando os acontecimentos, encenando os fatos como se fossem vividos pela primeira vez, misturando, muitas vezes, realidade e ficção. (MAYR, 2007, p. 13).

Alguns autores situam as autobiografias no âmbito mais individual, privado, ao passo que nos escritos memorialistas a narrativa do autor sofreria uma contaminação pelos acontecimentos testemunhados.

As narrativas autobiográficas ganharam espaço no contexto latino-americano contemporâneo, apontando para a memória coletiva, uma espécie de expressão “híbrida” que seria o relato autobiográfico de líderes políticos destinados a uma audiência externa de ONGs e público nacional. É importante observar o modo de enunciação dessas narrativas. Embora, o discurso seja regido por um “eu”, o enunciador pode estar emprestando sua voz a uma longa série de outros. Isto acontece quando o narrador cita alguém que cita alguém. Esse desvio do eu constrói um conjunto de jogos de linguagem. Assim, o sujeito narrado define sua identidade por meio do que outros fizeram ou disseram dele; é uma extropecção antes que uma instropecção. O “eu” forma-se pela confluência de vozes que estão no espaço público, mas que também estão no espaço privado.

Nesse sentido, a demanda de uma história própria expressa em nome próprio não é muito diferente da demanda de eu narrativo, mas ganha um estatuto especial, na medida em que representa um universo pautado no social e no imaginário, como é o caso de *La razón de mi vida* que apresenta a partir

de uma voz feminina, fenômenos históricos e sociais situados no contexto latino-americano.

Dentro da perspectiva de uma História Cultural da leitura, Roger Chartier (2000) desenvolve noções e conceitos úteis para esta investigação, com relação à noção de “representação”. Ao estudar a leitura como ato concreto, o historiador francês se debruça sobre os leitores empíricos e as “redes de práticas que organizam, histórica e socialmente, os modos diferenciados de acesso aos textos”. (CHARTIER, 2000, p. 122). O autor lança olhar sobre os gestos, objetos, posturas em torno da leitura, considerando que estes mudam com tempos e lugares.

Neste contexto, um conceito fundamental para Chartier é o de representação. Em sua abordagem de representações, o historiador da leitura as identifica como esquemas construídos de classificação e julgamento que organizam a apreensão do mundo real, sendo sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as geram.

O autor lembra que a questão da representação do sujeito é ponto considerado polêmico, pois implica pensar nas relações entre os textos da escrita do eu com a ficção e como esta se faz presente nos textos através do registro escrito.

As representações se estabelecem como disposições estáveis e partilhadas, sendo matrizes de discursos e práticas. Daí a necessidade de se relacionar o que é dito com o lugar social daquele que diz. Chartier pensa as representações sempre inseridas em um campo concorrencial. O autor francês destaca que é necessário considerar as lutas de representação na sociedade. Para ele, “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”. (CHARTIER, 2000, p. 17).

As relações de dominação na sociedade vinculam-se, entre outras coisas, à aceitação que as representações de determinado grupo (incluindo o modo como ele concebe a si e aos outros) conseguem obter dentro dos grupos dominados. De acordo com Chartier, “pelo prisma da Nova História Cultural, as relações de poder são relações de força simbólica. Nas lutas de representação,

o que está em pauta é a hierarquização da própria estrutura social”. (CHARTIER, 2000, p. 23).

A representação de Eva Perón em *La razón de mi vida* evoca considerações de gênero no contexto latino-americano, permeado por uma luta expressa em seus ideais políticos, refletindo, sobretudo, o lugar/papel da mulher na sociedade contemporânea latino-americana e, portanto, assume importância aos estudos sobre bibliografia e história neste contexto.

Los estudios académicos vinculados a la condición de las mujeres, que en buena medida se reconocieron más tarde como ‘estudios de género’, tuvieron origen en plena dictadura militar. Un núcleo germinal reunía sobre todo a egresadas de Psicología cuyas tareas estaban obstruidas y hasta impedidas por la dictadura, que decidió iniciar una actividad en el Instituto Goethe de Buenos Aires, en 1978. Sus convocantes pusieron en marcha un seminario al que se había dado el nombre de ‘El lugar de la mujer en la sociedad actual’, permitiendo así reunir a un cierto número de profesionales de diversas disciplinas, aunque había un mayor número de formados en Psicología. Las reuniones eran semanales y posibilitaron toda suerte de debates sobre los condicionantes sociales, culturales, psicológicos que subalternizaban a las mujeres. El programa incluyó la realización de las primeras Jornadas Multidisciplinarias para el abordaje de diversas dimensiones de la situación femenina, en 1979. El nuevo organismo se proponía promover la equidad a través de diversas intervenciones, al mismo tiempo que se comprometía a realizar investigación relacionada con diversos aspectos de los derechos de las mujeres.¹⁴ (BARRANCOS, 2007, p. 319-320).

As reflexões, os debates e as pesquisas sobre os estudos da mulher e de gênero que tinham surgido fora das universidades, como tinha ocorrido na maioria dos países latino-americanos, incorporaram-se desde metade da década de 1980. Apesar do processo de redemocratização que invadiu os

¹⁴ Os estudos acadêmicos vinculados à condição das mulheres, que em certa medida se reconheceram mais tarde como ‘estudos de gênero’ tiveram origem em plena ditadura militar. Um núcleo germinal reunia, sobretudo, as egressas de Psicologia cujas tarefas estavam obstruídas e até impedidas pela ditadura, que decidiu iniciar uma atividade no Instituto Goethe de Buenos Aires, em 1978. Seus convocantes realizaram um seminário que recebeu o nome de “O lugar da mulher na sociedade atual”, permitindo assim reunir um número de profissionais de diversas áreas, mesmo que tinha um maior número de formados em Psicologia. As reuniões eram semanais todo tipo de debates sobre os condicionantes sociais, culturais, psicológicos que subalternizavam as mulheres. O programa incluiu a realização das primeiras Jornadas Multidisciplinares para a abordagem de diversas dimensões da situação feminina, em 1979. O novo organismo se propunha promover a igualdade através de diversas intervenções, ao mesmo tempo em que se comprometia a realizar pesquisa relacionada com diversos aspectos dos direitos das mulheres. (tradução nossa).

claustros, havia apenas um resquício para abordar as assimetrias de gênero no currículo nas universidades, como observa Rosano.

En los primeros años de la década de 1990, las universidades nacionales de Buenos Aires, La Plata – que obtuvo la Cátedra de la Mujer de modo precoz – Luján, Rosario, Santa Fe y algo más tarde Tucumán, Salta, Córdoba, Neuquén y La Pampa, contaron con áreas, centros o núcleos destinados a realizar investigación, promover docencia y realizar tareas de extensión relacionadas con la condición femenina. Es necesario destacar la labor del Centro de Estudios Interdisciplinarios sobre las mujeres – CEIM – de Rosario, creado en 1989, que originó la primera Maestría vinculada con la temática en la Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Rosario.¹⁵ (ROSANO, 2006, p. 322).

Em 1991, foram realizadas na *Universidad de Luján* as Primeiras Jornadas de História das Mulheres, onde foi possível promover um debate sobre um conjunto de trabalhos realizados a partir da temática. No entanto, a determinação de realizar encontros periódicos para o intercâmbio da produção acadêmica seguiu um poderoso impulso com a organização das Jornadas de Estudos de Gênero e História das Mulheres que foram realizados a cada dois anos, nas Universidades Nacionais de Buenos Aires (1992), Rosario (1994), Tucumán (1996), La Pampa (1998) e novamente em Buenos Aires (2000). Se em 1991, o número de comunicações apenas chegava a vinte, as Jornadas de Buenos Aires (2000) reuniram centenas. Não havia dúvidas de que a expansão dos estudos, do interesse que despertava a perspectiva de gênero e sobre a qualidade que mostrava boa parte das produções científicas.

Una iniciativa importante fue el PRIOM – Programa Nacional de Igualdad de Oportunidades para la Mujer en el Área Educativa, desarrollado en el Ministerio de Cultura y Educación entre 1993 y 1996. El programa quería asegurar equidad entre os géneros mediante la transformación de la currícula de todos los niveles de la enseñanza, la modificación del lenguaje y de las pautas de comportamiento en la instituciones educativas, así como de

¹⁵ Nos primeiros anos da década de 1990, as Universidades Nacionais de Buenos Aires, La Plata – que obteve a Cátedra da Mulher de modo precoce – Luján, Rosario, Santa Fe e, mais tarde, Tucumán, Salta, Córdoba, Neuquén e La Pampa, contaram com áreas, centros ou núcleos destinados a realizar pesquisa, promover docência e realizar tarefas de extensão relacionadas com a condição feminina. É necessário destacar o trabalho do Centro de Estudios Interdisciplinarios sobre as Mulheres – CEIM – de Rosário, criado em 1989, que originou o primeiro Programa de Mestrado vinculado com a temática na *Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Rosario*. (tradução nossa).

las concepciones ideológicas discriminantes que caracterizaban a sus agentes. El PRIOM procuraba que se hiciera visible y reconocida la participación de las mujeres en la sociedad, Pero, entre otras cosas, el empleo de la noción 'género', incomodaba a la jerarquía eclesiástica. En su opinión, género desplazaba hacia la cultura lo que pertenecía a la naturaleza. Los sexos eran una creación esencial del orden biológico, con funciones inexorables que no podían ser alteradas mediante operaciones del lenguaje. Vale la pena recordar que el género se había impuesto de modo creciente como concepto que denotaba la creación sociocultural de los papeles atribuidos a mujeres y varones a lo largo de la historia. 'Relaciones de género', y también 'sistema sexo-género', llegaron a ser nociones dominantes en las crítica feministas anglosajonas, y preferidas la expresión 'relaciones entre los sexos'. Aunque en algunos países era difícil la traducción para dar cuenta del fenómeno al que se aludía, en el nuestro, ya a inicios de los 90 se había vulgarizado por entero. Hubo en algunos casos cambios de nomenclatura, como fue la conversión producida en el Área de Estudios de la Mujer – surgida en 1992 en la Facultad de Filosofía y Letras – que mudó por Instituto Interdisciplinarios de Estudios de Género en 1997. Pero volviendo al PRIOM, las oposiciones eclesiásticas terminaron con su gestión.¹⁶ (ROSANO, 2006, p. 323).

Desde inícios dos anos de 1980, as publicações especializadas começaram a ter regularidade e constituíram um veículo para a comunicação, tanto ao que se referia à teoria crítica feminista como aos resultados de pesquisas em diferentes áreas.

¹⁶ Uma iniciativa importante foi o PRIOM – Programa Nacional de Igualdade de Oportunidades para a Mulher na Área Educacional, desenvolvido no Ministério de Cultura e Educação entre 1993 e 1996. O programa queria assegurar igualdade entre os gêneros mediante a transformação do currículo em todos os níveis de ensino, a modificação da linguagem e das pautas de comportamento nas instituições educacionais, assim como, das concepções ideológicas discriminantes que caracterizavam os seus agentes. O PRIOM procurava que se fizesse visível e reconhecida a participação das mulheres na sociedade. Mas, entre outras coisas, o emprego da noção 'gênero', incomodava a hierarquia eclesiástica. Em sua opinião, gênero, deslocava em direção à cultura o que pertencia à natureza. Os sexos eram uma criação essencialmente de ordem biológica, com funções inexoráveis que não poderiam ser alteradas mediante operações da linguagem. Vale a pena lembrar que o gênero se impôs de modo crescente como conceito que denotava a criação sociocultural dos papéis atribuídos a mulheres e homens ao longo da história. 'Relações de gênero', e, também, 'sistema sexo-gênero', chegaram a ser noções dominantes nas críticas feministas anglo-saxãs, e preferidas à expressão 'relações entre os sexos'. Mesmo que em alguns países fosse difícil a tradução para dar conta ao fenômeno a que se aludia, no nosso, já no início dos anos 90 tinha sido vulgarizado por inteiro. Houve, em alguns casos, troca da nomenclatura, como foi a conversão produzida na Área de Estudos da Mulher – surgida em 1992 na Faculdade de Filosofia e Letras – que mudou para Instituto Interdisciplinar de Estudos de Gênero em 1997. Mas voltando ao PRIOM, as oposições eclesiásticas terminaram com sua gestão. (tradução nossa).

Identificada con el ensayo crítico – y también como espacio para la producción literaria crítica –, apareció *Feminaria* [...] Más adelante, *Zona Franca* y *Travesías*. En el ámbito de las universidades nacionales surgieron dos importantes revistas: una de ellas es *La Aljaba*, que constituye un emprendimiento común de las universidades de Luján, La Pampa y el Comahue; la otra es *Mora*, producida por el Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género – IIEGE – de la Facultad de Filosofía y Letras de la UBA. Estas últimas revistas se caracterizan por la presentación de investigaciones originales en las diversas disciplinas sociales y humanísticas con arbitraje. Los estudios *queer*, esto es los análisis dedicados a la diversidad sexual, a la comprensión de los fenómenos asociados a las orientaciones sexuales no normativas, han nucleado tanto a especialistas como a militantes que procuran el reconocimiento de derechos. Iniciados a inicios de la década de 1990, han proliferado en diversos circuitos.¹⁷ (ROSANO, 2006, p. 324).

Rosano (2006) resalta que a produção acadêmica foi cada vez mais importante e de maior qualidade, produção científica indispensável para a construção do papel da mulher no contexto Argentino e Latino-americano. Poucas mulheres se arriscaram a escrever algo, muito menos sobre si, como o fez Eva Perón em sua autobiografia. Obra na qual Eva Perón procurou falar de si e, sobretudo, relatar sua experiência do cotidiano, representando a si mesma, a Perón e aos *descamisados* e por extensão à história de um período importante de conquistas para as mulheres no contexto latino.

Como podemos observar, o texto que se pretende autobiografia, é capaz de gerar um largo material de pesquisa. Além disso, é importante registrar que o gênero autobiográfico se mantém como tal pelo fato de se ancorar em uma tensão constante entre o discurso historiográfico, aqui encarado no sentido de recapitulação de um determinado bloco temporal, no qual se evidenciam os elementos de um relato.

CAPÍTULO II

¹⁷ Identificada como o ensaio crítico – e, também, como espaço para a produção literária crítica –, apareceu *Feminaria*. Mais adiante, *Zona Franca* e *Travessias*. No âmbito das universidades nacionais surgiram duas importantes revistas: uma delas é *La Aljaba*, que constitui um empreendimento comum entre as universidades de Luján, La Pampa e o Comahue; a outra, é *Mora*, produzida pelo Instituto Interdisciplinar de Estudos de Género – IIEGE – da Faculdade de Filosofia e Letras da UBA – Universidade de Buenos Aires. Estas últimas revistas se caracterizam pela apresentação de pesquisas originais nas diversas disciplinas sociais e humanísticas com arbitragem. Os estudos *queer*, isto é, as análises dedicadas à diversidade sexual, à compreensão dos fenômenos associados às orientações sexuais não normativas, juntaram tanto especialistas como militantes que procuram o reconhecimento de direitos. Iniciados no começo da década de 1990, proliferaram em diversos circuitos. (tradução nossa).

Eu não escrevo o que quero, escrevo o que sou. (LISPECTOR, Clarice, 1992, p. 32).

RELATO E EXPERIÊNCIA DO COTIDIANO: REPRESENTAÇÕES DO INDIVIDUAL E DO COLETIVO

De acordo com Antônio Candido (1967), a literatura reflete e refrata a sociedade, ela absorve e expressa as condições do contexto em que é produzida, e está sujeita às variações ou mudanças que nele ocorrem.

Neste sentido, a obra *La razón de mi vida* está diretamente articulada às discussões do peronismo feminino, a partir da figura de Eva Perón, mais precisamente na sua terceira parte em que o conjunto de textos apresenta uma autobiografia mais memorialística voltada para uma reflexão sobre a condição feminina na Argentina, em outros países da América Latina e no mundo.

O peronismo foi um movimento político que nasceu na Argentina na década de 1940 e identificado com a figura política de Juan Domingo Perón este período da história do país se inicia em 1945 e termina em 1955. O partido político foi criado por Perón logo após a sua vitória nas eleições de 1946.

Desde a sua morte, em 26 de julho de 1952, a história de Eva Perón ou “Evita” foi escrita e reescrita por historiadores e romancistas. Além disso, muitas pessoas se ofereceram como testemunha para contribuir na escrituração desta história, colaborando para a continuidade deste mito e na recriação de sua imagem, sempre dialogando com seu livro, sua autobiografia. No entanto, a construção do mito de “santa” tem início muito antes de sua morte.

La razón de mi vida permitiu a Eva Perón incrustar no âmbito discursivo sua autorrepresentação como mulher de Estado. Muito além das estratégias utilizadas e da autoria do texto, o certo é que Eva se instalou na esfera pública a partir de um desvio, de uma certa tensão: sua escritura de autolegitimação política.

Su auto-representación implica entonces un intento discursivo por legitimar un espacio. Aunque ambiguo, contradictorio, su gesto responde a lo que Jean Franco denomina las luchas por el poder representativo. Eva es una mujer, pobre, poco ilustrada, carece de buen gusto. En este sentido, llega igual que Perón 'desde afuera' del campo hegemónico. Una actriz mediocre que se instala en el lugar de la primera dama, para acumular un poder jamás logrado por mujer alguna en el país. Desde allí, y ya enferma de cáncer, accede a hacer público un texto oficial, de auto-representación, que el poder hegemónico peronista convertirá en un verdadero catecismo. Y de esta manera, Eva desafía la tradición argentina que asignaba ese poder a los hombres representativos de la época. Parece así querer replicar un espacio discursivo cruzado por rumores y chistes de mal gusto, por el recuerdo insistente de su pasado ilegítimo, por acusaciones constantes sobre la impropiedad de su lugar en el espacio público.¹⁸ (ROSANO, 2006, p. 91).

Em outras palavras, sua presença na esfera pública transgrediu os parâmetros do sistema oligárquico liberal que tinha regido até o momento os destinos do país, com a única exceção dos governos de Hipólito Yrigoyen. Ou como coloca Rosano, “sua atuação articulou uma nova forma de interpelação popular democrática entre os vastos setores operários que se vinham desde a época de 20”. (ROSANO, 2006, p. 91).

A história da vida de Eva Perón sempre intrigou a muitos estudiosos por conhecer mais sobre sua “verdadeira” história, sua luta contra as oligarquias da época. Falar a respeito do mito “Evita” nos remete a imagem de uma mulher humilde, de origem pobre, filha ilegítima, filha de mãe solteira, atriz, nascida no interior de um país que oportunizava muito pouco às mulheres daquela época, porém excessivamente obcecada com a causa alheia, extremamente preocupada em oferecer um pouco de oportunidades aos “descamisados” de sua pátria. Um papel nada fácil, sem interpretações, bem diferente dos momentos em que representou papéis no rádio, no teatro e na televisão.

¹⁸ Sua autorrepresentação implica então uma tentativa discursiva para legitimar um espaço. Mesmo que ambíguo, contraditório, seu gesto responde ao que Jean Franco denomina as lutas pelo poder representativo. Eva é uma mulher pobre, pouco ilustrada, carece de bom gosto. Neste sentido, chega como Perón, de fora, do campo hegemônico. Uma atriz medíocre que se instala no lugar da primeira-dama, para acumular um poder jamais conseguido por mulher alguma no país. A partir daí e já doente de câncer torna público um texto oficial, de autorrepresentação, que o poder hegemônico peronista convertera num verdadeiro catecismo. E desta maneira, Eva desafia a tradição Argentina que atribuía esse poder aos homens representativos da época. Parece assim querer replicar um espaço discursivo cruzado por rumores e piadas de mau gosto, pela lembrança insistente de seu passado ilegítimo, por constates acusações sobre a impropriedade de seu lugar no espaço público. (tradução nossa).

Por outro lado, falar de Eva Perón vem à tona a imagem de uma mulher autoritária, elegante, formal, primeira-dama, esposa do Presidente da nação Argentina da época. Uma mulher com um papel social de destaque, cuja principal função era meramente protocolar, como ela mesma comentou em um de seus discursos que se transformou em letra de canção popular¹⁹ que relembra muito bem o mito e alguns momentos em que se tentou contar a sua história no cinema. Eva Perón registra que tinha um papel simples e agradável, trabalhar nos dias de festa, receber honrarias, mais ou menos como sempre o fez no cinema, na televisão e nos teatros – representar.

Através de seus discursos, proferidos a partir da *Casa Rosada*²⁰ ela se justificava diante dos *descamisados* que precisava ser dessa forma. Que os luxos não passavam de disfarces. Segundo ela, fazia uso do luxo para poder ajudá-los. Dizia, ainda, que não tinha muitas alternativas. Os discursos entre o mito Evita e a mulher de Estado muitas vezes se fundem e continuam a requerer novas leituras.

A autobiografia *La razón de mi vida* reflete este momento histórico da constituição do peronismo, que ocorreu marcado pelo golpe de Estado em 1943. O texto traz apontamentos históricos descrevendo que em junho de 1943, Perón participa do golpe militar e torna-se Ministro do Trabalho e passa a ser alvo de oposição da maioria dos partidos políticos, bem como, das elites sociais e econômicas. Foi identificado como o “homem forte” do regime militar. Grande parte do exército esteve ao lado de Perón nesse momento. Em 1944 é nomeado vice-presidente da República Argentina.

¹⁹ Canção intitulada (*No chore por mim Argentina*. Título em Português; *Don't Cry For Me Argentina*. Título em inglês - música de Andrew Lloyd Weber). “Será difícil de comprender/ Que a pesar de estar hoy aquí/ Soy del pueblo jamás lo podré olvidar/ Debéis creerme, mis lujos son solamente un disfraz/ Un juego burgués, nada más/ Las reglas del ceremonial/ Tenía que aceptar debí cambiar/ Y dejar de vivir en lo gris/ Siempre tras la ventana, sin lugar bajo el sol/ Busqué ser libre, pero jamás dejaré de soñar/ Y solo podré conseguir la fe que querrás compartir/ No llores por mí Argentina/ Mi alma está contigo/ Mi vida entera te la dedico/ Mas no te alejes, te necesito/ Jamás poderes ambicioné/ Mentiras dijeron de mí/ Mi lugar vuestro es, por vosotros luché/ Yo sólo quiero sentirlos muy cerca, poder intentar/ Abrir mi ventana y saber/ Que nunca me vais a olvidar/ No llores por mí Argentina/ Mi alma está contigo/ Mi vida entera te la dedico/ Mas no te alejes, te necesito/ No llores por mí Argentina/ Mi alma está contigo/ Mi vida entera te la dedico/ Mas no te alejes, te necesito/ Qué más podré decir / Para convencerlos de mi verdad/ Si aún queréis dudar,/ mirad mis ojos ved/ Cómo lloran de amor/ No llores por mí Argentina/ Mi alma está contigo/ Mi vida entera te la dedico/ Mas no te alejes, te necesito.”

²⁰

Casa do Governo Argentino.

O peronismo teve como base de apoio a Confederação Geral dos Trabalhadores – CGT, sobre a qual Perón e Eva Perón exerciam grande influência.

Y el gobierno Peronista, inspirado por su conductor, trata de adelantarse al tiempo y se apoya cada vez más en las organizaciones sindicales [...] Yo pienso, inspirándome en ese concepto visionario de Perón, que el pueblo está casi siempre más representado hoy por sus organizaciones gremiales que por sus partidos políticos.²¹ (PERÓN, 2004, p. 55).²²

Perón com seus discursos e uma vasta propaganda eleitoral utilizou-se de elementos convincentes que garantiram sua ligação com os trabalhadores.

De acordo com González (2009), o peronismo foi uma combinação única de nacionalismo argentino e democracia social, que favoreceu os grupos trabalhistas e ao mesmo tempo encorajou o crescimento da classe média.

Teoricamente o peronismo se instalou no país com um discurso de cunho social, pois o que se constatou na prática foi uma política voltada ao lado social. Essa postura de atenção aos *descamisados* dispensada pelo peronismo fica extremamente explicitada na condução das atividades cotidianas de Eva Perón na Fundação criada por ela e que leva o seu próprio nome.

La atención de los obreros me lleva casi todo el tiempo de mis audiencias y de mi trabajo en la Secretaría [...] Esto resulta una exigencia propia del Partido Peronista, cuya historia y cuya realización han sido cumplidas gracias al apoyo total de los trabajadores organizados de mí país²³. (PERÓN, 2004, p. 55).

Eva criou a fundação Eva Perón e passava em média 15 horas por dia ajudando os humildes. O seu empenho em ajudar aos pobres parecia autêntico

²¹

E o governo Peronista, inspirado por seu condutor, trata de se adiantar no tempo e se apóia cada vez mais nas organizações sindicais [...] Eu penso, inspirando-me nesse conceito visionário de Perón que o povo está quase sempre mais representado hoje por suas organizações organizadas em grêmios que por seus partidos políticos. (tradução nossa).

²²

Esta é a edição que será usada para as ilustrações e análises no presente trabalho.

²³

O atendimento aos trabalhadores utiliza quase todo o tempo de minhas reuniões e de meu trabalho da Secretaria [...] Isto resulta uma exigência própria do Partido Peronista, cuja história e cuja realização foram cumpridas graças ao apoio total dos trabalhadores organizados de meu país. (tradução nossa).

e Eva detestava a burocracia. A fundação estabeleceu escolas, hospitais, centros médicos e casas de apoio. Eva atendia em seu gabinete “os descamisados” escutando-lhes os seus pedidos. Quando necessário, Eva com sua equipe de trabalho percorria o país de trem, levando remédios, roupas, calçados e comida ao povo necessitado. Por causa de seu trabalho de ajuda ao povo ela não contava com o apoio das famílias ricas da Argentina, mas, em contra partida, ganhou o apoio de milhões de pessoas pertencentes às classes menos privilegiadas economicamente.

El tema de los ricos y de los pobres, desde entonces, el tema de mis soledades. Creo que nunca lo comenté con otras personas, ni siquiera mi madre, pero pensaba en él frecuentemente [...] Yo sabía que había pobres y había ricos; y sabía que los pobres eran más que los ricos y estaban en todas partes [...] Sentí, ya entonces, en lo íntimo de mi corazón algo que ahora reconozco como sentimiento de indignación. No comprendía que habiendo pobres hubiese ricos y que el afán de éstos por la riqueza fuese la causa de la pobreza de tanta gente [...] Pero, aunque no pueda explicarse a sí mismo, lo cierto es que mi sentimiento de indignación por la injusticia social es la fuerza que me ha llevado de la mano, desde mis primeros recuerdos, hasta aquí... y que esa es la causa última que explica cómo una mujer que apareció alguna vez a la mirada de algunos como “superficial, vulgar e indiferente”, pueda decidirse a realizar una vida de ‘incomprensible sacrificio.’²⁴ (PERÓN, 2004, p. 13).

O governo de Perón era paternalista, assistencialista e marcado por favores pessoais com os quais obtinha a garantia da distribuição de roupas, alimentos e medicamentos.

Como cuando por ejemplo una descamisadita de ocho años me escribe diciéndome textualmente: ‘Querida Evita: yo quiero para los Reyes cualquier cosa con tal de tener un recuerdo suyo. Pero no tengo ninguna bicicleta.’ Toda la carta es eso;

²⁴ O tema dos ricos e dos pobres, desde então, o tema das minhas solidões. Acredito que nunca o comentei com outras pessoas, nem sequer com minha mãe, mas pensava nele frequentemente [...] Eu sabia que havia pobres e havia ricos; e sabia que os pobres eram mais que os ricos e estavam em todas as partes [...] Senti, já então, no mais íntimo do meu coração, algo que agora reconheço como sentimento de indignação. Não compreendia que havendo pobres houvesse ricos e que o desejo destes pela riqueza fosse a causa da pobreza de tanta gente [...] Mas, que possa se explicar a si mesmo, o certo é que o desejo de indignação pela injustiça social é a força que me levou pela mão, desde minhas primeiras lembranças, até aqui... e que essa é a causa última que explica como uma mulher que apareceu alguma vez na mirada de alguns como ‘superficial, vulgar e indiferente’, possa decidir realizar um vida de ‘incompreensível sacrifício.’ (tradução nossa).

pero, ¿quién se niega a mandarle un recuerdo?²⁵ (PERÓN, 2004, p. 91).

O Peronismo tem sua própria doutrina política, econômica e social: o *justicialismo*. Perón congrega as forças trabalhistas de todas as legendas políticas, pregando uma doutrina que chamou de *justicialismo*, uma mistura de totalitarismo com reforma social.

No todos los descamisados son obreros, pero, para mí todo obrero es un es un descamisado; y yo no olvidaré jamás que a cada descamisado le debo un poco de la vida de Perón y que el movimiento peronista no podría definirse sin ellos [...] El General Perón ha dicho que no sería posible el Justicialismo sin el Sindicalismo [...] Y esto es verdad, primero, porque lo ha dicho el General Perón y segundo, porque efectivamente es verdad [...] En la realidad de mi país el sindicalismo es actualmente la fuerza organizada más poderosa que apoya al movimiento Peronista [...] Más de cuatro millones de obreros agrupa la CGT – Confederación General del Trabajo –, que es la Central Obrera, y todos unidos se han definido a favor de la Doctrina Justicialista de Perón [...] Por eso cada obrero es además para mí un peronista auténtico: el mejor de todos los peronistas, porque además es pueblo y además es descamisado²⁶. (PERÓN, 2004, p. 62).

De 1946 a 1948 o peronismo sofre algumas transformações. O Partido Laborista, baseado em sindicatos, desapareceu para dar lugar ao “Movimento Peronista”. Muitas pessoas não compactuavam com essa passagem, pois pensavam que perderiam autonomia. Porém isso não ocorreu, mas a

25

Como quando, por exemplo, uma *descamisadita* de oito anos me escreve dizendo textualmente: ‘Querida Evita: eu quero para o dia de Reis qualquer coisa, com tal que seja uma lembrança sua. Mas não tenho nenhuma bicicleta’. Toda a carta é isso, mas quem se nega em mandar para ela uma lembrança? (tradução nossa).

26

Não todos os *descamisados* são operários, mas, para mim todo operário é um *descamisado*; e eu jamais esquecerei que a cada *descamisado* lhe devo um pouco da vida de Perón e que o movimento peronista não poderia se definir sem eles [...] O General Perón disse que não seria possível o *Justicialismo* sem o Sindicalismo [...] E isto é verdade, primeiro, porque o disse o General Perón e segundo, porque efetivamente é verdade [...] Na realidade de meu país o sindicalismo é atualmente a força organizada mais poderosa que apóia o movimento Peronista [...] Mais de quatro milhões de operários formam a CGT – Confederação Geral do Trabalho, que é a Central Operária, e todos unidos se definiram à favor da *Doutrina Justicialista* de Perón [...] Por isso cada operário é além disso para mim um autêntico peronista: o melhor de todos os peronistas, porque além disso é povo e além disso é *descamisado*. (tradução nossa).

denominação “peronismo” estabelecia uma identidade nova na qual tinham de se unir os temas antiimperialistas, socialistas e reformistas.

A nova identidade reserva aos sindicatos a caráter de ‘coluna vertebral’. Mas eles estão agora imersos num movimento de multidões. Certamente, há uma evocação “corporativa” nessa ideia de movimento, mas sua chancela de massa impede o corporativismo de vingar. Assim, apesar do protesto de alguns antigos dirigentes *laboristas*, o ‘nome’ é criado: *peronismo*. Era uma reviravolta semântica que, se bem podia ser uma limitação para as tradições do reformismo sindical, sob outro ponto de vista, também era considerada por muitos como um ensaio global de politização do movimento sindical. (GONZÁLES, 2002, p. 78).

Mas no centro do novo dispositivo de agitação cultural do peronismo está a figura de “Evita”. Ela consolida a linguagem e o estilo do peronismo, fornece sua dramaturgia e aperfeiçoa definitivamente sua identidade. Ela é a personagem principal na escolha idiossincrática que caracterizou o peronismo.

A partir da figura de Evita, um feminismo de massas vai surgindo impetuosamente. Surge também, um feminismo de mobilização social, cujos contornos não estavam ainda bem definidos e cuja temática emergente acentuava virtudes e modelo do “caráter feminino”, mas que nos fatos alterava profundamente o papel da mulher na vida produtiva e familiar.

El partido femenino que yo dirijo en mi país está vinculado al movimiento Peronista pero es independiente como partido del que integran los hombres [...] Nos une totalmente el Líder, único e indiscutido para todos. Nos unen los grandes objetivos de la doctrina y del movimiento Peronista [...] Pero nos separa una sola cosa: nosotras tenemos un objetivo nuestro que es redimir la mujer [...] Ese objetivo está en la doctrina justicialista de Perón pero nos toca a nosotras, mujeres, alcanzarlo. Para ello incluso debemos ganar la colaboración efectiva de los hombres [...] En esto soy optimista [...] Los hombres del peronismo que nos dieron el derecho de votar, no han de quedarse ahora atrás.²⁷ (PERÓN, 2004, p. 143).

²⁷ O partido feminino que eu dirijo em meu país está vinculado ao movimento Peronista, mas é independente como partido do que integram os homens [...] Nos une totalmente o líder, indiscutivelmente único para todos. Unem-nos os grandes objetivos da Doutrina e do movimento Peronista [...] Mas somente uma coisa nos separa: nós as mulheres temos um objetivo nosso que é redimir a mulher [...] Este objetivo está na doutrina justicialista de Perón, mas nos toca a nós mulheres alcançá-lo. Para isso, inclusive, devemos ganhar a efetiva colaboração dos homens [...] Nisso sou otimista. [...] Os homens do Peronismo que nos deram o direito de votar, não ficarão agora atrás. (tradução nossa).

Historicamente, a Argentina era uma das nações mais ricas do mundo no início do século XX. Porém, após a Segunda Guerra Mundial, o quadro econômico do país foi afetado e levado a uma polarização em decorrência da ascensão do partido peronista.

Conforme Bakhtin “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 2004, p. 41).

O domínio político que Eva teve sobre seu país pode ser entendido quando se percebe que a ideologia utilizada por ela se populariza, suas ações tornam-se um conjunto de ideais e valores que são interiorizados pela consciência de todos os membros não dominantes de uma sociedade. Um exemplo: Eva Perón conseguiu o apoio do Congresso e fez sancionar a Lei da legitimação dos filhos nascidos fora do matrimônio. Essa foi uma vitória pessoal por ter tido a experiência de ser uma “filha bastarda”. Também a única filha não registrada dos cinco filhos que seu pai, o fazendeiro, Juan Duarte teve com sua mãe Juana Ibarburen.

Na autobiografia *La razón de mi vida* e em outros textos sobre Eva Perón aparece de forma contundente uma preocupação em combater as injustiças sociais, sobretudo com as crianças e com as mulheres. A criação do *Partido Justicialista* em 1947 significou quase dois anos mais tarde, em Julho de 1949, a criação da ala feminina do Partido Peronista, que tão logo recebeu a denominação de Partido Peronista Feminino.

Quando me di cuenta presidía ya un movimiento político femenino... y, sobre la marcha, tuve que aceptar la condición espiritual de la mujeres de mi Patria [...] Esto me exigió meditar los problemas de la mujer. Y más que meditarlos, me exigió sentirlos y sentirlos a la luz de la Doctrina con la que Perón empezaba a construir la Nueva Argentina [...] Recuerdo con qué extraordinario cariño de amigo y de maestro fue el General Perón mostrándome los infinitos problemas de la mujer en mi Patria y en el mundo²⁸. (PERÓN, 2004, p. 130).

²⁸ Quando me dei conta já presidia um movimento político feminino... e, sobre a marcha, tive que aceitar a condição espiritual das mulheres de minha Pátria [...] Isto me exigiu meditar sobre os problemas da mulher. E mais que meditá-los, exigiu-me senti-los e senti-los à luz da Doutrina com a que Perón começava a construir a Nova Argentina [...] Lembro com que extraordinário carinho de amigo e de professor foi o General Perón mostrando-me os infinitos problemas da mulher em minha Pátria e no mundo. (tradução nossa).

Eva ajudou Perón a chegar à presidência e ele deu a ela o controle da Assistência Social. Neste sentido Sarlo (2005) reflete como a imagem de Eva Perón foi construída e serviu como instrumento de propaganda política. A permanência da figura de Evita no imaginário político argentino é acentuada na autobiografia.

Mi trabajo en el movimiento femenino nació y creció, lo mismo que mi obra de ayuda social y que mi actividad sindical: poco a poco y más bien por fuerza de las circunstancias que por decisión mía [...] Nunca imaginé que me iba a tocar algún día encabezar un movimiento femenino en mi país y menos aún un movimiento político [...] Reconozco, ante todo, que empecé trabajando en el movimiento femenino porque así lo exigía la causa de Perón [...] Las feministas del mundo dirán que empezar así un movimiento femenino es poco femenino... ¡empezar reconociendo en cierto modo la superioridad de un hombre! No me interesa sin embargo la crítica [...] ¡Además... me he propuesto escribir la verdad!²⁹ (PERÓN, 2004, p. 131).

O fato de Eva fundar e comandar o Partido Peronista Feminino, o primeiro partido para as mulheres, desagradou aos oficiais superiores do exército, e em 1947, graças a Eva, as mulheres argentinas foram as primeiras latinas a conquistar, depois de 35 anos de luta, o direito ao voto.

2.1 O PARTIDO PERONISTA FEMININO – TEXTUALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA – O TEMA DE *LA RAZÓN DE MI VIDA*

Com a sanção do voto, o propósito peronista de reunir simpatizantes com a causa teve em Eva Perón uma referência central incontestável. Durante o período de 1947 a 1955, uma forma nacional-burguesa de populismo e um movimento político multi-classista, o Peronismo, promoveu políticas para elevar

29

Meu trabalho no movimento feminino nasceu e cresceu, o mesmo que minha obra de ajuda social e que minha atividade sindical: pouco a pouco e bem mais pela força das circunstâncias que por decisão minha [...] Nunca imaginei que me tocara algum dia encabeçar um movimento feminino em meu país e menos ainda um movimento político [...] Reconheço, ante tudo, que comecei trabalhando no movimento feminino porque assim o exigia a causa de Perón [...] As feministas do mundo dirão que começar assim um movimento feminino, é pouco feminino... Começar, reconhecendo de certo modo a superioridade de um homem! No entanto, a crítica não me interessa [...] Além disso.... escrever a verdade foi o que me propus. (tradução nossa).

o status político e social, em geral das mulheres na Argentina, e providenciou o apoio das mulheres, independentemente delas trabalharem ou não fora de casa, com uma organização política própria, uma seção separada dos homens, denominada Partido Peronista Feminino (PPF). Por sua vez, o apoio das mulheres foi importante para a restauração do processo constitucional na Argentina em 1946 e crucial na sustentação do processo democrático e do regime Peronista, por mais de uma década num país com uma história de golpes militares. Entretanto, apesar da volumosa bibliografia existente sobre o Peronismo, estas questões têm sido largamente ignoradas pelos estudantes, em contraste, para dar apenas um exemplo, ao amplo tratamento dado aos sindicatos e/ou à classe trabalhadora em geral como pilares do populismo Peronista.

Mi trabajo con los obreros es una técnica muy simple, aunque a veces los problemas que me presentan suelen ser complicados, y de difícil solución. Ya he dicho que, sin embargo, me siento cómoda entre ellos y que siempre terminamos por entendernos. A veces, la gente me pregunta qué soy yo para los obreros de mi país. Yo prefiero explicar primero qué son los obreros para mí. Para mí los hombres y las mujeres de trabajo son siempre, y ante todo, descamisados. Y, ¿qué son los descamisados? No puedo hablar de ellos sin que vengan a mi memoria los días de mi soledad en octubre de 1945 [...] Descamisados fueron todos los que estuvieron en la Plaza de Mayo el 17 de Octubre de 1945; los que cruzaron a nado el Riachuelo viniendo de Avellaneda, de la Boca y de la Provincia de Buenos Aires, los que en columnas alegres y dispuestos a todo, incluso morir, desfilaron aquel día inolvidable por la Avenida de Mayo y por la diagonales que conducen a la Casa de Gobierno; hicieron callar a la oligarquía y a aquél que dijo “yo no soy Perón” [...] ¡Todos los que estuvieron aquella noche en la Plaza de Mayo son descamisados! [...] Y el movimiento Peronista no podría definirse sin ellos.³⁰ (PERÓN, 2004, p. 61-62).

³⁰ Meu trabalho com os operários é uma técnica muito simples, mesmo que às vezes os problemas que me apresentam costumam ser complicados, e de difícil solução. Já disse que, no entanto, sinto-me muito confortável entre eles e que sempre terminamos em nos entendendo. Às vezes, as pessoas me perguntam o que sou para os operários do meu país. Eu prefiro explicar primeiro o que são os operários para mim. Para mim, os homens e as mulheres trabalhadores são sempre e, antes de tudo, *descamisados*. E o que são os *descamisados*? Não posso falar deles sem que venham em minha memória os dias de minha solidão em outubro de 1945 [...] *Descamisados* são os que estiveram na *Plaza de Mayo* em 17 de outubro de 1945; os que cruzaram nadando o rio *Riachuelo* vindo de *Avellaneda*, do bairro *Boca* e do Estado de *Buenos Aires*, os que em colunas alegres e dispostos a tudo, inclusive morrer, desfilaram aquele dia inesquecível pela *Avenida de Mayo* e pelas diagonais que conduzem à Casa do Governo; fizeram calar a oligarquia ou aquele que disse “eu não sou Perón” [...] Todos os que estiveram aquela noite na *Praça de Mayo* são *descamisados*! [...] E o movimento Peronista não

Se bem não faltavam antecedentes na vida dos partidos políticos democráticos, que reconheciam um setor específico de representação feminina e em certa medida o socialismo com seus centros de mulheres era um exemplo, foi a única força que admitiu uma formação feminina, mesmo que ficou expressamente assentado que teria autonomia respectiva do partido.

Esse inverno do final da década, julho de 1949, viu uma atividade febril para erguer e fortalecer o incipiente organismo, estendê-lo a todo o país e selecionar os quadros, levando em conta a aptidão como líderes e inclusive como futuras legisladoras.

Hubo aquí una notable diferencia con el sector masculino, tal como lo evidencian algunas investigaciones. Estaba previsto que las células partidarias tomarían el nombre de unidades básicas, respondiendo a cada una de las ramas, y se ordenó que bajo ningún concepto podrían cruzarse los sexos en los locales femeninos. En efecto, un código moral muy formalizado impedía que los varones ingresasen en las unidades básicas de la rama, y si por alguna razón debían hacerlo, era necesario tomar una serie de recaudos.³¹ (BARRANCOS, 2007, p. 184).

Eva Perón, presidente do Partido Peronista Feminino, estava convencida da enorme inconveniência que tinha a presença dos homens dentro do partido, fato que, inclusive, confundia o desempenho das mulheres, haja vista a aversão de certos setores sociais. Se ela mesma era qualificada como “prostituta” por parte da oposição, o que poderia dizer de seus seguidores, dos quais ela esperava todo tipo de lealdade e contribuições, começando pela mais importante: o tempo dedicado às tarefas do lar, ou seja, quanto menos estavam em suas casas realizando suas tarefas, mais tempo estariam trabalhando com as companheiras peronistas. Uma das tarefas mais importantes das primeiras peronistas foi a realização de um censo feminino, para estabelecer com maior

poderia se definir sem eles. (tradução nossa).

³¹ Houve aqui uma notável diferença com o setor masculino, tal como evidenciam algumas pesquisas. Estava previsto que as células partidárias tomariam o nome de unidades básicas, respondendo a cada uma das ramificações e se ordenou que, sob nenhuma justificativa, poderiam cruzar-se os sexos nos locais femininos. Em efeito, um código moral muito formal impedia que os homens ingressassem nas unidades básicas da ramificação, e se por alguma razão deveriam fazê-lo, era necessário tomar uma série de cuidados. (tradução nossa).

exatidão possível quem eram as mulheres que, nos mais distantes pontos do país, apoiavam o regime.

Este censo significó una enorme movilización incluso geográfica. Mujeres que nunca habían dejado sus localidades si vieron transportadas muy lejos, a otras provincias, para registrar los nombres, domicilios, profesiones y posibilidad de acción que tenían y quiénes estaban dispuestas a seguir a Perón y erguir la rama femenina.³² (BARRANCOS, 2007, p. 184).

Na maioria dos casos, essa visita das mulheres que trabalhavam com o censo significou a constituição de um marco, o surgimento de uma unidade básica que respondia quase diretamente à presidência do partido que, além de Eva Perón, era ocupada pelas diferentes delegadas do censo. Criavam-se assim obrigações sobrecarregadas para as afiliadas, visto que o trabalho era intenso e deveria ser compartilhado com as indelegáveis responsabilidades da casa. A partir desta evidência, diversas pesquisas mostraram as contrariedades da ideologia peronista, ou seja, das posições de Eva Perón que, por um lado, proferia uma retórica conservadora, apegada estritamente ao estereótipo feminino, toda vez que recordava as sagradas funções maternas e, por outro lado, exigia a maior disponibilidade para realizar o mandato doutrinário do grande líder, Perón, convidando a abandonar seus lares por sua causa.

Eva Perón solicitava o maior estado de disponibilidade das trabalhadoras da ala feminina do Partido Peronista, a mais generosa entrega das seguidoras do Líder, o abandono dos deveres domésticos quando se tratava de sua causa, mas ao mesmo tempo, não deixava de comentar, de argumentar, sobre o valor fundamental das mulheres no lar.

Hoy, en todo el país, miles y miles de mujeres trabajan activamente en la organización [...] Con la plenipotencia que me otorgó la Primera Asamblea Nacional, yo puedo dirigir libremente todos los trabajos de la organización [...] Eso me

32

Este censo significou uma enorme mobilização, inclusive geográfica. Mulheres que nunca tinham deixado suas localidades viram-se transportadas para muito longe, para outros estados, para registrar os nomes, domicílios, profissões e possibilidade de ação que tinham e quais as mulheres que estavam dispostas a seguir Perón e erguer a ala feminina. (tradução nossa).

cuesta muchas horas de paciente trabajo, de reuniones, de conversaciones personales con las delegadas censistas, algunos disgustos, muchas dificultades, pero... todo se compensa con la alegría que tengo cuando, en las fechas nuestras, puedo llegar al Líder con mis mujeres para darle cuenta de nuestros progresos y de nuestras victorias [...] Los centros políticos del partido femenino se llaman 'unidades básicas'.³³ (PERÓN, 2004, p. 144).

As unidades básicas do Partido Peronista Feminino realizavam, além das tarefas políticas, tarefas sociais, educacionais e culturais. A assistência às pessoas com problemas devido à pobreza constituiu uma preocupação dominante. Mais tarde, estes organismos serviram de ponte com a *Cruzada de Asistencia Social María Eva Duarte de Perón*, convertida logo na Fundação Eva Perón. Em alguns lugares também se ofereciam tarefas de reforço para as crianças. Durante a campanha de alfabetização, no *Año Sanmartiniano* (1950), também deram aulas para adultos. Nos grandes centros urbanos, as unidades básicas femininas ofereciam treinamento de datilografia e taquigrafia, mas várias atividades resultaram na capacitação de muitas mulheres em habilidades manuais. Os cursos de corte e costura, de confecções, de tecidos e outros trabalhos em telar não faltaram em praticamente nenhuma dessas experiências.

Perón quiso que los nuestros – los centros políticos del peronismo – fuesen focos de cultura y de acción útil para los argentinos [...] Mis centros, mis unidades básicas cumplen aquel deseo de Perón [...] En las unidades se organizan bibliotecas, se dan conferencias culturales, y sin que yo lo haya establecido expresamente pronto se han convertido en centro de ayuda y acción social [...] Los descamisados no distinguen todavía lo que es la organización política que yo presido de lo que es mi Fundación... [...] Las unidades básicas son para ellos algo de Evita. Y allí van buscando lo que esperan que pueda darles Evita [...] Ellos mismos, mis descamisados, son los que han creado en mis unidades básicas una nueva función: informar a la Fundación acerca de las necesidades de los humildes de todo el país. La Fundación atiende estos

³³ Hoje, em todo o país, milhares e milhares de mulheres, trabalham ativamente na organização [...] com os poderes que me outorgou a *Primera Asamblea Nacional*, eu posso dirigir livremente todos os trabalhos da organização [...] Isso me custa muitas horas de paciente trabalho, de reuniões, de conversas pessoais com as delegadas do censo, alguns desgostos, muitas dificuldades, mas... tudo se compensa com a alegria que tenho quando, nas nossas datas, posso chegar ao Líder com minhas mulheres para que ele veja nossos progressos e nossas vitórias [...] Os centros políticos do partido feminino se chamam “unidades básicas”. (tradução nossa).

pedidos haciéndoles llegar directamente su ayuda [...] Si alguna vez los partidos que se oponen a Perón me enviasen algún pedido de algún descamisado también la Fundación acudiría allí donde fuese necesario [...] ¿Acaso alguna vez la Fundación ha preguntado el nombre, la raza, la religión o el partido político de alguien para ayudarlo?³⁴ (PERÓN, 2004, p. 145).

Historicamente, as forças de esquerda, sobretudo, o socialismo, tinham integrado às militantes e simpatizantes mediante ações de letramento, através de conferências e bibliotecas, mas também sobre a base da instrução que modelava as atividades próprias do gênero.

No faltaban en los centros socialistas máquinas de coser, ni instructoras de corte y confección que enseñaban a las vecinas a hacer ropas para sí y para la familia, ahorrando recursos, y también a valerse de ese aprendizaje para obtener ingresos.³⁵ (BARRANCOS, 2007, p. 186).

As eleições de novembro de 1951 apresentaram um registro de aproximadamente 9 milhões de pessoas, onde as mulheres apareciam numa proporção um pouco menor que os homens, já que havia cerca de 200 mil mulheres menos, mesmo que tenha sido maior sua proporção entre os votantes.

Las tasas de feminización del padrón iban desde casi el 111% en la Capital Federal y a casi 43% en Tierra del Fuego, y la oposición aseguraba que gran parte del triunfo de Perón se debería a esa ocasión a las mujeres. Lo cierto es que el

³⁴ Perón quis que os nossos – os centros políticos do Peronismo – fossem focos de cultura e de ação útil para os argentinos [...] Meus centros, minhas unidades básicas realizam aquele desejo de Perón [...] Nas unidades se organizam bibliotecas, são realizadas conferências culturais e, sem que eu o tenha logo estabelecido expressamente, transformaram-se em centro de ajuda e ação social [...] Os *descamisados* não distinguem, ainda, o que é a organização política que eu presido do que é minha Fundação... [...] As unidades básicas são para eles algo de Evita. E ali procuram o que esperam que possa dar-lhes Evita [...] Eles mesmos, mis *descamisados*, são os que criaram em minhas unidades básicas uma nova função: informar à Fundação sobre as necessidades dos humildes de todo o país. A Fundação atende estes pedidos fazendo-lhes chegar diretamente a ajuda [...] Se alguma vez os partidos políticos que se opõe a Perón me enviassem algum pedido de algum *descamisado* também a Fundação acudiria onde fosse necessário [...] Por acaso alguma vez a Fundação perguntou o nome, a raça, a religião ou o partido político de alguém para ajudá-lo? (tradução nossa).

³⁵

Não faltavam nos centros socialistas máquinas de costura, nem instrutoras de corte e confecção que ensinavam as vizinhas a fazer roupas para si e para a família, economizando recursos e também a se valer dessa aprendizagem para obter renda. (tradução nossa).

Peronismo se impuso de modo atronador, con más de 62% de los votos – hubo provincias como Jujuy, en donde la proporción superó el 80% – y las mujeres fueron más contundentes, ya que el 51% lo había votado. El voto femenino significó una preferencia del 64% para el Partido Justicialista.³⁶ (BARRANCOS, 2007, p. 186).

As mulheres do Partido Feminino Peronista, que tinham conduzido um elevado número de candidatas nessas primeiras eleições depois da sanção do voto, sentiram-se grandes vitoriosas, 6 se tornaram senadoras da República e 23 chegaram a Câmara dos Deputados.

Uma pesquisa recente verificou que, a *UCR – Unión Cívica Radical* (que obteve quase 33% dos votos) não apresentou candidaturas femininas na ocasião. Podem-se concluir ao menos duas questões: por um lado a contrariedade com a lei, cuja paternidade estava no Peronismo e, por outro, a impossibilidade de vencer as resistências de uma sensibilidade que encontrava, ainda, às mulheres pouco capacitadas para a arena política. Qualquer que fosse a razão, a desertização das mulheres opositoras foi evidente, e o mais notável é que a Argentina, graças à quota aportada pelo Peronismo, pôde oferecer destacadas porcentagens da participação feminina na vida parlamentar.

Na mesma época afirma Barrancos (2007), a presença de mulheres como legisladoras era mínima nos Estados Unidos, França, Alemanha e Inglaterra. E o que dizer da América Latina; nem nas nações que reconheciam certa precocidade em matéria de voto feminino – Equador, Cuba, Brasil, Uruguai – encontravam-se mulheres nos órgãos de representação. Pode-se assegurar que as mulheres não estavam na maioria dos cargos médios e altos do Poder Executivo, em nenhum lugar do mundo, no início do século passado.

2.2 A PARTICIPAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DAS MULHERES NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO: QUANDO A MULHER ESCREVE SUA HISTÓRIA?

36

As taxas da participação feminina registradas chegavam quase a 111% na Capital Federal e a quase 43% na *Tierra del Fuego*, e a oposição assegurava que grande parte do triunfo de Perón era devido a intensa participação feminina. O certo é que o Peronismo se impôs de modo avassalador, com mais de 62% dos votos – houve estados como *Jujuy*, onde a proporção superou os 80% – e as mulheres foram mais contundentes, já que 51% votou. O voto feminino significou uma preferência de 64% para o *Partido Justicialista*. (tradução nossa).

Sabe-se muito pouco sobre a história das mulheres dos povos que habitaram originariamente o território argentino, com exceção, talvez, das que pertenceram aos grupos submetidos ao Império Inca no Norte, dos localizados da Região da Patagônia e dos grupos Guaranis.

Hay muchas dificultades para reconstruir las relaciones que vincularon a varones y mujeres en el elevado número de culturas aborígenes distribuidas en el país. No hay duda de que los estudios referidos a las relaciones de género en América Latina, durante el largo lapso prehispánico, se han localizado especialmente en las grandes civilizaciones. Las sociedades mayas, mexica e inca han sido objeto de escudriñamientos sistemáticos y seguramente más incisivos para establecer las características de los vínculos entre varones y mujeres.³⁷ (BARRANCOS³⁸, 2007, p.15).

A história dá conta de um determinado número de mulheres que saíram do anonimato colonial. Entre muitos perfis, encontra-se o da transgressora, o da freira Catalina de Erauso, que fugiu do País Vasco, na Espanha, depois de tornar-se noviça.

Travestida completamente de varón – se ha narrado que hasta consiguió hacerse una reducción de senos gracias a algún procedimiento que le habría indicado un entendido italiano – vivió increíbles aventuras, algunas de muy dudoso crédito. Luego de deambular en la Península al servicio de diferentes patronos, recaló en el Nuevo Mundo, más precisamente en Cartagena de Indias, y desde allí, sirviendo a diversas empresas de las que generalmente debía desembarazarse debido a graves pleitos en los que se metía, pudo recorrer Perú, Chile y – ya convertida en soldado – la ciudad de

³⁷ Há muitas dificuldades para reconstruir as relações que vincularam homens e mulheres no elevado número de culturas aborígenes distribuídas no país. Não há dúvida de que os estudos que se referem às relações de gênero na América Latina, durante um longo lapso pré-hispânico, localizaram-se nas grandes civilizações. As sociedades maias, mexica e inca foram objeto de investigação sistemática e, seguramente, mais incisivos para estabelecer as características dos vínculos entre homens e mulheres. (tradução nossa).

³⁸ Dora Barrancos é socióloga egressa da Universidade de Buenos Aires, Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. É professora da UBA – Universidad de Buenos Aires, Diretora do Instituto Interdisciplinar de Estudos de Gênero. É pesquisadora do CONICET – *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas). Dora Barrancos tem se dedicado ao estudo da história social e cultural, especialista nas relações educacionais e culturais dos grupos subalternos; em particular tem investigado acerca da história das mulheres no contexto latino-americano.

Tucumán. Catalina, com certeza, era lesbiana.³⁹ (BARRANCOS, 2007, p. 41).

A história bizarra de Catalina surge de suas próprias memórias e, como muito bem se pode concluir, provavelmente tenha acrescentado muitas cenas fantasmagóricas a suas andanças, mas não se deve destacar uma dose de verossimilidade a certas experiências que, sem dúvida alguma, interditas a mulheres de seu tempo. Essa seria uma grande semelhança entre algumas mulheres apontadas no livro de Dora Barrancos (2007). Segundo a pesquisadora, poucas mulheres decidiram viver o “proibido”, algo que até então, pertencia somente aos homens, uma delas foi Evita. Eva Perón conheceu e viveu momentos que outras mulheres nunca sonharam ou, então tiveram que fechar seus olhos diante desses caminhos.

¡Ah! Pero yo no me quedé en mi cómodo lugar de Eva Perón. Camino que se abrió ante mis ojos fue el camino que me tomé, si andar por él podía ayudar la causa de Perón, que es la causa del pueblo. Yo me imagino que muchas otras mujeres han visto antes que yo los caminos que recorro. La única diferencia entre ellas y yo es que ellas se quedaron y yo me largué. En realidad yo debo confesar que si me animé a la lucha no fue por mí sino por él... ¡Por Perón!⁴⁰ (PERÓN, 2004, p. 130).

A década de 1930 se iniciou com escuros presságios. A crise econômica e o golpe militar sacudiram a Argentina e as forças políticas e ideológicas se enfrentaram pelo menos em duas alas: direita e esquerda. Mas não é possível discernir a natureza desse severo conflito sem levar em conta os acontecimentos no contexto mundial. O nazifascismo havia ingressado numa

³⁹ Travestida completamente de homem – narrou que até conseguiu fazer uma redução de seios graças a algum procedimento que lhe tinha indicado um entendido italiano – viveu incríveis aventuras, algumas de muito duvidoso crédito. Depois de vagar na Península a serviço de diferentes patrões, penetrou no Novo Mundo, mais precisamente em Cartagena das Índias, e desde ali, servindo a diversas empresas das que geralmente devia libertar-se devido a graves pleitos nos que se metia, pode recorrer Peru, Chile, e, já transformada em soldado, a cidade de Tucumán. Catalina, com certeza, era lesbica. (tradução nossa).

⁴⁰

Ah! Mas eu não fiquei em meu cómodo lugar de Eva Perón. O caminho que se abriu diante dos meus olhos foi o caminho que eu tomei, se por andar por ele poderia ajudar a causa de Perón, que é a causa do povo. Eu me imagino que muitas outras mulheres viram antes que eu os caminhos que recorro. A única diferença entre eu e elas é que elas ficaram e eu me larguei, eu fui. Em realidade eu devo confessar que se me animei à luta não foi por mim, mas por ele... Por Perón! (tradução nossa).

fase expansiva e a ameaça totalitária era uma preocupação dos liberais e da esquerda. O “fermento” autoritário que, como na Alemanha e na Itália, acaba com as liberdades individuais e o direito à associação livre – colocando as organizações sociais e políticas sob controle direto do Estado – era repudiado pelas chamadas forças democráticas.

Ambos regímenes se caracterizaban por sostener los valores tradicionales adjudicados a las mujeres y por el establecimiento de políticas pro fatalistas vinculadas con los principios de la expansión nacional. También contaba la consolidación de la revolución rusa, que no sólo surgía como un contundente rival del orden capitalista, sino que también exhibía lo que entonces era visto como modelo de una nueva relación entre los sexos, merced a las transformaciones de la condición femenina y a los cambios en la vida privada suscitados por las nuevas leyes comunitas. En efecto, se asistía en la Unión Soviética a muy variados estímulos para la incorporación femenina al campo partidario y al trabajo fuera de los hogares; el notable aumento de las mujeres era evidente en muy diversas ramas de la producción. Se fomentaba su inclusión en la educación técnica, la universidad y la ciencia.⁴¹ (BARRANCOS, 2007, p. 155).

A autorização do aborto, na Argentina, no começo dos anos 20 tinha sido um escândalo para a direita política. A medida veio acompanhada pela sanção do divórcio em termos muito amplos e, também, pelas maiores prerrogativas civis acordadas para as mulheres. Mesmo que o comunismo soviético transgredisse, mais tarde, a disposição do aborto, o Vaticano incitava bruscamente a ideia de que destruiria até os vestígios do cristianismo de ordem moral, que em seus desígnios estava a aniquilação ou mesmo, a extinção da família e, inclusive, a identidade dos sexos. Conforme Barrancos “la Iglesia Católica propalaba en cada país verdaderas cruzadas contra la ideología

⁴¹ Ambos regimes se caracterizavam por sustentar os valores tradicionais entregados às mulheres e pelo estabelecimento de políticas pró-fatalistas vinculadas aos princípios de expansão nacional. Também contava a consolidação da revolução russa, que não somente surgia como um contundente rival, da ordem capitalista, mas que também exibia o que era visto como modelo de uma nova relação entre os sexos, mercê às transformações da condição feminina e as transformações na vida privada suscitados pelas novas leis comunistas. Efetivamente, assistia-se na União Soviética aos mais variados estímulos para a incorporação feminina ao campo partidário e ao trabalho fora dos lares; o notável aumento das mulheres nos mais diversos segmentos da produção. Fomentava-se sua inclusão na educação técnica, na universidade e na ciência. (tradução nossa).

comunista y la izquierda en general, pero a menudo el enemigo principal era el liberalismo.” (BARRANCOS, 2007, p. 156).⁴²

O golpe de 1930 articulava-se a partir de boa parte destes conteúdos. Os militares e civis que o tinham produzido, além de jogar ao presidente Hipólito Yrigoyen pela sua imperícia e corrupção que o rodeava, estavam consubstanciados com ideais conservadores que se situavam muito além de uma mera oposição às suas medidas populares. A restauração moral abarca muito mais que os sentidos habituais outorgados às questões públicas.

Los conservadores, varones y mujeres, estaban asustados con las crecientes marcas de autonomía que mostraban las mujeres debido al contacto con géneros culturales contaminantes, como el cine, que traía toda clase de malos ejemplos, pero también con la lectura más libre y con la sociabilidad menos recoleta que propiciaba el trabajo de aquéllas fuera de los hogares. Sin embargo, no deben confundirse estos temores con la invalidación de toda y cualquier medida tendiente a aumentar sus derechos, puesto que, paradójicamente, hasta los grupos conservadores admitían que debían conceder-se algunas prerrogativas en virtud de los cambios a los que se asistía. Ya no era posible cubrir el sol con el harnero.⁴³ (BARRANCOS, 2007, p. 156).

Os anos 30, talvez com a mesma razão do conflito que popularizava a cidadania, pelas transformações forçadas pela crise – origem do chamado processo de substituição de importações – pelos fluidos intercâmbios nacionais e internacionais, pelo fato de que o país, mesmo que com problemas, fora receptor dos exilados que a guerra civil espanhola arremessava para longe – uma referência central nas diatribes da direita e da esquerda –, não significaram, absolutamente, um período inerente. Foi uma época em que as mulheres afirmaram suas decisões limitantes em questão de maternidade,

⁴² A Igreja Católica difundia em cada país verdadeiras cruzadas contra a ideologia comunista e a esquerda em geral, mas, frequentemente, o inimigo principal era o liberalismo. (tradução nossa).

⁴³

Os conservadores, homens e mulheres, estavam assustados com as crescentes marcas de autonomia que mostravam as mulheres devido ao contato com gêneros culturais contaminantes, como o cinema, que trazia todo tipo de maus exemplos, mas também com a leitura mais livre e com a sociedade menos retirada que propiciava o trabalho daquelas que fora dos lares. No entanto, não devem confundir-se estes temores com a invalidação de toda e qualquer medida tendente a aumentar seus direitos, visto que, paradoxalmente, até os grupos conservadores admitiam que deviam conceder-se algumas prerrogativas em virtude das transformações às que se assistia. Já não era possível tapar o sol com a peneira. (tradução nossa).

apareceram mais ao mercado de trabalho e começaram a fazer parte, a incorpora-se nas batalhas políticas e ideológicas, mesmo que muitas estivessem longe de compactuar com os ideais feministas. Além disso, com a explosão da Segunda Guerra Mundial, manifestou-se a necessidade da contribuição das mulheres que cujas nações estavam em guerra.

Si eran bendecidas como paridoras y guardianas del hogar, en la coyuntura fueron llamadas como sustitutas de los varones en una enorme cantidad de funciones que éstos abandonaban para ir al frente. El trabajo femenino reconoció lugares inéditos en muy diversos sectores de la producción, y también las mujeres revistieron en puestos directamente vinculados con las acciones de guerra, tanto en los países aliados como en los del Eje.⁴⁴ (BARRANCOS, 2007, p. 157).

O surgimento do peronismo deve muito à incubação destes anos de transição. Durante a década de 30, a prática de fraudar eleições, a violência política e a ameaça de que os conflitos poderiam chegar ainda mais longe, constituíam um ingrediente na vida cotidiana. O aparecimento de uma força que confluiria mais tarde como o peronismo, preocupava aos liberais e aos esquerdistas.

La nueva fuerza parecía ya presagiada pelos 'demócratas', puesto que se les apareció como la profecía autocumplida del totalitarismo y renunciaron a entender las razones más profundas de su gestación. Como es bien sabido, la inestabilidad política signó en inicio de la década de 1940.⁴⁵ (BARRANCOS, 2007, p. 157).

As hipóteses, mesmo que diversas, têm alguns aspectos comuns, como a expectativa de certos grupos cívico-militares sobre a nova realidade de as massas trabalhadoras cujo crescimento era notável, a ponto de confrontar os traços firmes da “classe”.

⁴⁴ Se eram bentas como parideiras ou guardiãs do lar, na conjuntura foram como substitutas dos homens numa enorme quantidade de funções que estes abandonavam para ir ao combate. O trabalho feminino ocupou lugares inéditos em variados setores da produção, e também as mulheres revestiram os postos diretamente vinculados com as ações de guerra, tanto em países aliados como no do Eixo. (tradução nossa).

⁴⁵ A nova força parecia já pressagiada pelos 'democratas', visto que lhes apareceu como a profecia autocumprida do totalitarismo e renunciaram a entender as razões mais profundas de sua gestão. Como é bem sabido, a instabilidade política simbolizou em início da década de 1940. (tradução nossa).

Refletindo sobre o que comumente tem sido denominado de “História das Mulheres” é possível vislumbrar um horizonte pleno de multiplicidades de interpretações, de olhares, de formas de narrar suas trajetórias, histórias de vida, biografias, ações políticas culturais, esportivas, entre outras. Essa multiplicidade advém tanto das configurações teóricas e metodológicas adotadas pelas/os historiadoras/es, quanto das questões afetas à compreensão que se tem acerca do objeto específico de investigação, ou seja, sobre as próprias mulheres. Ou seja, no campo específico da historiografia sobre mulheres, tanto se pode encontrar abordagens que tratam das mulheres como um bloco uníssono, quanto àquelas que as analisam ressaltando suas particularidades e diferenças. Em sua autobiografia Eva Perón assim se manifesta sobre a condição do “ser mulher”.

Ninguna profesión en el mundo tiene menos posibilidades de retorno como nuestra profesión de mujeres [...] La madre de familia está al margen de todas las previsiones. Es el único trabajador del mundo que no conoce salario, ni garantía de respeto, ni límite de jornadas, ni domingo, ni vacaciones, ni descanso alguno [...] Por eso el primer objetivo de un movimiento femenino que quiera hacer bien a la mujer... que no aspire a cambiarlas en hombres, debe ser el hogar [...] Nacimos para construir hogares. No para la calle. La solución nos la está indicando el sentido común. ¡Tenemos que tener en el hogar lo que salimos a buscar en la calle: nuestra pequeña independencia económica... que nos libere de llegar a ser pobres mujeres sin ningún horizonte, sin ningún derecho y ninguna esperanza!⁴⁶ (PERÓN, 2004, p. 136-137).

Nessa perspectiva, torna-se pertinente ressaltar a importância dos atravessamentos disciplinares visto que a História, ao dialogar com a Literatura, com os estudos de gênero e com as epistemologias feministas, tem permitido a emergência de diferentes práticas discursivas conferindo visibilidade às mulheres como sujeitos históricos, conforme Barrancos (2007).

46

Nenhuma profissão no mundo tem menos possibilidades de retorno como nossa profissão de mulheres [...] A mãe de família está à margem de todas as previsões. É o único trabalhador do mundo que não conhece salário, nem garantia de respeito, nem limite de jornadas, nem domingo, nem férias, nem descanso algum [...] Por isso o primeiro objetivo de um movimento feminino que queira fazer bem à mulher... que não aspire a transformá-las em homens, deve ser o lar [...] Nascemos para construir lares. Não para a rua. O sentido comum está nos indicando a solução. Precisamos ter no lar o que saímos procurar na rua: nossa pequena independência econômica... que nos livre chegar a ser pobres mulheres sem nenhum horizonte, sem nenhum direito e sem nenhuma esperança. (tradução nossa).

Não há como falar de uma “História das Mulheres”, mas de “histórias” e de “mulheres”, onde inexistente uma hegemonização do fazer historiográfico visto que os sujeitos são plurais e que as abordagens possíveis de narrá-los podem ser absolutamente diversos. Ao escrever, ainda, sobre as mulheres no contexto latino-americano, torna-se indispensável o enfoque ao grupo de mulheres denominado Madres y Abuelas de la Plaza de Mayo⁴⁷.

Enfocaré al grupo de mujeres que se involucraron en acciones destinadas inicialmente a exigir información y explicación acerca de lo que había ocurrido con sus familiares desaparecidos [...] Hay evidencias de que la desaparición de personas comenzó antes del golpe militar [...] Aunque las fuerzas que actuaban podían aparecer a cualquier momento para retirar con violencia a ocupantes de casas, a empleados y trabajadores de sus puestos laborales, o para secuestrar en la calle a las víctimas, las horas de la noche parecían gozar de alta preferencia.⁴⁸ (BARRANCOS, 2007, p. 255).

A história registra uma abundante presença de mulheres que averiguaram paradeiro e exigiram notícias de seus familiares desaparecidos durante a ditadura militar na Argentina, de 1976 a 1983. Unidas pela angústia e sua insistência pela “devolução” dos desaparecidos foi o que as levou a assumir a identidade das Mães e Avós da Praça de Maio, exemplo de mulheres que de forma contundente escreveram e inscreveram sua história no contexto latino-americano.

A autobiografia de Eva Perón nos remete às reflexões de Jean-Paul Sartre (2005), sobre o que significa escrever acerca de si mesmo? Qual é o significado da escrita de si, materializada em palavras? Ainda mais quando observamos que na autobiografia *La razón de mi vida* encontramos uma representação inversa que remete ao outro, fazendo surgir uma relação de alteridade. Para Sartre (2005), cada homem existe no mundo com os outros homens. Mesmo que fosse possível isolarmos a consciência para analisá-la em

⁴⁷ Mães e Avós da Praça de Mayo.

⁴⁸

Enfocaré o grupo de mulheres que se envolveu em ações destinadas, inicialmente, em exigir informação e explicação sobre o que tinha ocorrido com seus familiares desaparecidos [...] Há evidências de que a desaparecimento de pessoas começou antes do golpe militar [...] Mesmo que as forças que atuavam podiam aparecer a qualquer momento para retirar, com violência, pessoas de dentro de suas casas, empregados e trabalhadores de seus locais de trabalho, ou para sequestrar, na rua, suas vítimas, nas horas da noite pareciam gozar de alta preferência. (tradução nossa).

profundidade, exauri-la em sua inteligibilidade, tal procedimento seria inócuo no processo de compreensão da existência humana, pois, segundo o filósofo existencialista, o homem é uma consciência ilhada, cerceada por outras consciências.

CAPÍTULO III

Escrevam, façam qualquer coisa que justifique o impulso de vida de cada uma. Lembrem-se de que as universidades inglesas se abriram para as mulheres em 1660, de que votam desde 1919 e que hoje todas as profissões (ou a grande maioria delas) estão abertas às mulheres. [...] Como posso incentivá-las mais a empreenderem a tarefa de viver? (Virgínia Woolf, 2004, p. 32).

DESDOBRAMENTOS DO DISCURSO E DA IMAGEM – O GENERAL E EVA PERÓN EM *LA RAZÓN DE MI VIDA*

Eva Perón, nessa obra, conta a trajetória desde a sua juventude, antes de fazer parte da “causa social” até o momento em que declara a sua consciência com relação a gênero e participação política na América Latina. Ao optar pelo gênero autobiográfico, ao escrever sua história de vida, Eva Perón almeja ordenar e compreender os acontecimentos que constituíram sua existência, cujo enfoque já aparece no título da obra, verificando sua importância para a escritura do texto.

No primeiro capítulo estudamos alguns aspectos relacionados à autobiografia enquanto gênero e o modo como nosso objeto de estudo se insere nele, para chegar às questões relacionadas à história, identidade e escritas do eu na obra *La razón de mi vida*, no segundo capítulo.

Procuramos agora, no terceiro capítulo, refletir sobre o processo pelo qual Eva Perón ao falar de si, revela o outro.

Sartre (2003) reflete que o outro existe originariamente em cada indivíduo. Ele é o que esse indivíduo não é, uma pura negatividade, portanto. Ao mesmo tempo, esse outro reflete a única possibilidade de apreensão do indivíduo, visto que é impossível a uma consciência ser consciência dela mesma.

Estar no mundo denota uma negatividade fundamental para Sartre, pois se o indivíduo tem em si o outro como consciência do que não é, considera-o,

conseqüentemente, como um tipo de ser equivalente a si, logo como um ser para quem é ele quem é o outro.

O “eu” e o “outro” não podem, então, ser compreendidos como duas substâncias isoladas, o recurso ao outro se apresenta, deste modo, como uma condição indispensável para a constituição do mundo. Segundo Sartre (2003), mesmo isolado no seu quarto, o homem nunca está completamente só, pois os traços da exterioridade do mundo tais como um livro, um pensamento sobre alguém, uma carta, o telefone que toca, uma expectativa sobre algum fato, sempre remeterão ao *alter*, ao outro.

Tomamos aqui esta breve reflexão de Sartre, ao observar que já a partir do prólogo de *La razón de mi vida* Eva Perón vai desvelando a sua intenção quando diz que apesar de ser sua autobiografia os leitores encontrarão a figura do General Perón e a sua admiração pela causa social e política. O texto reforça a ideia de uma existência a partir do outro. Observamos na autobiografia um esforço em manter uma imagem já construída pelo povo sobre o general.

¿Por qué los hombres humildes, los obreros de mi país no reaccionaron como los ‘hombres comunes’ y en cambio comprendieron a Perón y creyeron en él? La explicación es una sola: basta verlo a Perón para creer en él, en su sinceridad, en su lealtad y en su franqueza [...] Se repitió eso en Belén, hace dos mil años; los primeros en creer fueron los humildes, no los ricos, ni los sabios, ni los poderosos [...] Muchas veces lo vi, desde un rincón de su despacho en la querida Secretaría de Trabajo y Previsión, él escuchando a los humildes obreros de mi Patria, hablando con ellos de sus problemas, dándoles las soluciones que venían reclamando desde hacía muchos años [...] Allí le conocí franco y cordial, sincero y humilde, generoso e incansable, allí vislumbré la grandeza de su alma y la intrepidez de su corazón.⁴⁹ (PERÓN, 2007, p. 21-22).

⁴⁹ Por que os homens humildes, os operários de meu país não reagem como os “homens comuns” e, ao contrário, compreenderam Perón e acreditaram nele? A explicação é somente uma: basta ver Perón para acreditar nele, em sua sinceridade, em sua lealdade e em sua franqueza [...] Repetiu-se isso em Belém faz dois mil anos; os primeiros a acreditar foram os humildes, não os ricos, nem os sábios, nem os poderosos [...] Muitas vezes o vi, desde um canto em seu escritório na querida Secretaria de Trabalho e Previdência, ele escutando aos humildes operários de minha Pátria, falando com eles sobre seus problemas, dando-lhes as soluções que vinham reclamando já há muitos anos [...] Ali o conheci franco e cordial, sincero e humilde, generoso e incansável, ali vislumbrei a grandeza de sua alma e a intrepidez de seu coração. (tradução nossa).

Eva Perón autobiografada vai construindo identidades que se confundem ao longo da narrativa, compara-se ao pardal e compara o General a um condor. Em todo texto segue reforçando que não é nada sem os ensinamentos do General a quem chama também de professor. Neste sentido, Eva Perón aparece criando sua identidade⁵⁰ como um duplo de Perón.

Uma das primeiras manifestações do duplo, na história literária, aparece no mito de *Anfitrión*, no qual o deus Júpiter toma a aparência física de *Anfitrión*, ou seja, enquanto este estava no campo de batalha, para penetrar no seu palácio e deitar-se com sua esposa Alcmena.

Desde Plauto (la primera versión conservada), a través de las versiones españolas del s. XVI (Juan de Timoneda), las francesas del s. XVII (Rotrou, Molière), se acentúa el aspecto cómico; a partir de la versión del dramaturgo Heinrich von Kleist (dentro del romanticismo alemán) hasta las versiones del s. XX (el francés Giraudoux y el brasileño Figueiredo), es la dimensión trágica la que acentúa, por medio de la confrontación entre el dios y la mortal. Si se establece un sistema de oposiciones (confrontando los rasgos distintivos entre el Anfitrión falso y el Anfitrión verdadero), la primera oposición manifiesta es el engaño – el dios, en la literatura griega, había recurrido a la astucia del engaño tanto para proteger al héroe como para destruirlo. La segunda oposición está marcada por el espacio de cada uno: arriba/abajo ('Yo soy el que vivo en el piso de arriba – dice Júpiter; expresión equívoca intencionada, al tener como referente tanto el cielo como las habitaciones de Alcmena', situadas en la planta de arriba). La tercera oposición (dentro/fuera) hace referencia al palacio del Anfitrión: el dios permanece dentro, en donde recibe los favores de Alcmena mientras el marido se empeña en vano en entrar, ya que se lo impide el dios Mercurio, disfrazado de su criado Sosias.⁵¹ (BARGALLÓ, 1994, p. 12-13).

⁵⁰ Empregamos para este trabalho, a ideia de identidade de acordo com os pressupostos de Hall (2004), quando este teórico explica que: "A identidade, na concepção ideológica, preenche o espaço entre o 'interior' e o 'exterior' – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a 'nós próprios' nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os 'parte de nós', contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos como os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar a metáfora médica, 'sutura') o sujeito à estrutura [...]. A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo formada' [...]. A identidade surge não tanto na plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros". (HALL, 2004, p. 11-25).

⁵¹ Desde Plauto (a primeira versão conservada), através das versões espanholas do século XVI (Juan de Timoneda), as francesas do século XVII (Rotrou, Molière), acentua-se o aspecto cômico; a partir da versão do dramaturgo Henrich von Kleist (dentro do romanticismo alemão)

O tema do duplo é decorrente de longo período na literatura e nas artes em geral, mas não somente na literatura chamada fantástica. De acordo com Bargalló, as “encarnações” imaginárias deste arquétipo de origem romântico (o Romantismo reforça a presença do duplo) são tão diversas de um autor para outro e, também, no imaginário literário “privado” de cada um deles.

A identidade do duplo não é outra coisa senão o sentido do paradoxo verbal que a sua presença representa em um relato.

Como la paradoja del doble es a su vez el propio núcleo de la narración fantástica, la identidad del doble se constituye necesariamente como finalidad centralísima de las investigaciones de lo fantástico y que lo es de la propia escritura. Esto es así porque tanto el sentimiento que acompaña siempre la presencia del doble como el misterio de su intrincado sentido representan el momento culminante del relato. El sentido que pueda tener la literatura fantástica y el sentido del doble son una misma cosa.⁵² (BARGALLÓ, 1994, p. 161).

Muitas vezes, a figura do duplo, ou seja, a presença súbita do duplo desencadeia os sentimentos e as reflexões do autor, ou do protagonista do relato. O duplo subjuga sempre confundido.

Na mitologia grega o homem é interpretado como possuidor de uma natureza dupla, em particular masculina e feminina. Esta ideia da dualidade do humano masculino/feminino, homem/animal, espírito/carne, vida/morte, revela,

até as versões do século XX (o francês Giraudoux e o brasileiro Figueiredo), é a dimensão trágica a que acentua, por meio da confrontação entre o deus e a morte. Se se estabelece um sistema de oposições (confrontando os traços distintivos entre o *Anfitrión* falso e o *Anfitrión* verdadeiro), a primeira oposição manifestada é o engano – o deus, na literatura grega, tinha recorrido à astúcia do engano, tanto para proteger ao herói como para destruí-lo. A segunda oposição está marcada pelo espaço de cada um: acima/abaixo (‘Eu sou o que vive no andar de cima – diz Júpiter, expressão equivocada intencionada, ao ter como referência tanto o céu como as habitações de Alcmena’, situadas no andar de cima). A terceira oposição (dentro/fora), faz referência ao palácio do *Anfitrión*: o deus permanece dentro, onde recebe os favores de Alcmena enquanto o marido se empenha em vão para entrar, já que o impede o deus Mercúrio, disfarçado de seu criado Sosias. (nossa tradução).

⁵² Como o paradoxo do duplo é a sua vez o próprio núcleo da narração fantástica, a identidade do duplo, constitui-se necessariamente como finalidade central das pesquisas do fantástico e que o é da própria estrutura. Isto é assim porque tanto o sentimento que acompanha sempre a presença do duplo como o mistério de seu intrincado sentido representam o momento culminante do relato. O sentido que possa ter a literatura fantástica e o sentido do duplo são a mesma coisa. (tradução nossa).

segundo Brunel "uma crença na metamorfose que implica uma certa idéia do homem como responsável pelo seu destino". (BRUNEL, 2000, p. 262).

A literatura, segundo o mesmo autor, "tem a vocação de por em cena o duplo, invalidando o princípio de identidade, o que é uno é também múltiplo". (BRUNEL, 2000, p. 262).

Porém, nem sempre foi assim, da Antigüidade até o final do século XVI, o mito do duplo simboliza o homogêneo, o idêntico: a semelhança física entre duas pessoas empregada para efeitos de substituição; o gêmeo é confundido com o herói e vice-versa, cada um com sua identidade própria. Somente, a partir do século XVII, a concepção do duplo sofre uma mudança radical, e passa a assumir a figura do heterogêneo, com "uma abertura para o espaço interior do ser que força ao abandono progressivo do postulado da unidade da consciência, da identidade de um sujeito, única e transparente" (BRUNEL, 2000, 217). No século XIX, estudos sobre a divisão do "eu", apontam para à quebra da unidade. Na contemporaneidade, com as contribuições da psicanálise freudiana, a temática do duplo mantém-se na problemática do heterogêneo, privilegiando, porém, o aspecto psicológico.

Em 1900, Freud apresenta a primeira concepção sobre a estrutura e funcionamento da personalidade. Essa teoria refere-se à existência de três sistemas ou instâncias psíquicas: inconsciente, pré-consciente e consciente.

O inconsciente, exprimindo o conjunto dos conteúdos não presentes no campo atual da consciência, constituído então, por conteúdos reprimidos que não tinham acesso ao sistema pré-consciente (local onde permanecem aqueles conteúdos acessíveis à consciência) pela ação de censuras internas, é que propiciaria um fracionamento infinito do ser - a condição dupla ou múltipla da personalidade.

Entre 1920 e 1930, Freud (1976) remodela a teoria do aparelho psíquico e introduz os conceitos de id, ego e superego. O id, possuidor do reservatório da energia psíquica, recebe as características atribuídas ao sistema do inconsciente da primeira teoria, passa a ser o responsável pela condição da dupla personalidade; o ego é o sistema que estabelece o equilíbrio entre as exigências do id e as ordens do superego; O superego assume as internalizações das proibições, dos limites e da autoridade.

No processo terapêutico e de postulação teórica, Freud, inicialmente, entendia que todas as cenas relatadas pelos pacientes tinham de fato ocorrido. Posteriormente, descobriu que poderiam ter sido imaginadas, mas com a mesma força e conseqüências de uma situação real. Aquilo que, para o indivíduo, assumia valor de realidade era, na verdade, realidade psíquica. E o duplo, então, seria originado por conflitos psíquicos, numa projeção da desordem íntima.

A partir destas descobertas, os estudos sobre o desdobramento do ser passam a relacionar os diferentes aspectos do duplo na literatura, da mitologia à psicanálise.

O estudo de Keppler (1972) dedica-se unicamente ao estudo dos duplos na literatura. É dele uma das definições mais rigorosas sobre a temática.

O duplo é ao mesmo tempo idêntico ao original e diferente - até mesmo o oposto - dele. É sempre uma figura fascinante para aquele que ele duplica, em virtude do paradoxo que representa (ele é ao mesmo tempo interior e exterior, está aqui e lá, é oposto e complementar), provocando no original, reações emocionais extremas - atração e repulsa. (KEPPLER apud BRUNEL, 2000, p. 263).

Poderia resultar surpreendente que a proposta de considerar o tema do eu e do outro, a alteridade ou o desdobramento do eu (aquele que vem a ser eu mesmo) tenha despertado o interesse de pesquisadores e especialistas em disciplinas tão diversas como a filosofia, as ciências da comunicação, a sociologia, a história da arte e, especialmente, as literaturas de outros países, se não fosse levado em conta que o tema do duplo forma parte da estrutura de toda a Literatura Ocidental, como oposição de contrários.

Dicha oposición de contrarios constituye un supuesto básico en la doctrina de los más antiguos pensadores de Occidente, Heráclito y Platón, está latente en el mito de Edipo, se manifiesta, bajo las formas más diversas, en las páginas de la literatura de todos los tiempos, y determina uno de los capítulos destacados de la crítica moderna, concretamente en la sociocrítica, la psicocrítica freudiana y la mitocrítica de Gilbert

Durand, bajo el denominado 'régimen de la antítesis'.⁵³ (BARGALLÓ, 1994, p. 11).

O desdobramento, talvez não suponha mais que uma metáfora dessa antítese ou dessa oposição de contrários, cada um dos quais encontra no outro seu próprio complemento que resultaria, que o desdobramento (a aparição do outro) não seria mais que o reconhecimento da própria indigência, do vazio que experimenta o ser no fundo de si mesmo e da busca do outro para tentar preenchê-lo, complementando esta idéia do desdobramento, pode-se remeter a ideia de alteridade.

Luiza Lobo explica que:

A alteridade pode ser vista não só como um outro antropológico (Lévi-Strauss mostra o selvagem como um outro igual ao civilizado que deve ser conhecido) ou um outro filosófico (a consciência da diferença entre pessoas), mas também do ponto de vista psicanalítico: neste caso consistiria no confronto entre consciente e inconsciente, e, por conseguinte, na consciência de que não somos um eu total, sem arestas, como querem o humanismo e a metafísica, mas um eu com fissuras, com desdobramentos, que é representado pela própria entrada no universo da linguagem através da fala que constitui, para Lacan, a entrada no plano do simbólico exterior. (LOBO, 2008, p. 3).

A ideia da alteridade antropológica, filosófica ou psicanalítica, a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro. Assim sendo, eu apenas existo a partir do outro, da visão do outro.

Partindo desse pressuposto, a escritura, ao falar de si própria, inclui, em seu universo literário, o outro, e ao mesmo tempo, inventa-se e deixa-se inventar pela alteridade. Do mesmo modo, inventa o outro dentro ou fora dela mesma, não sem provocar, logicamente, e como já se viu antes, uma relação de inclusão/exclusão do outro em sua interioridade: um modo de aceitação e, ao mesmo tempo, de negação. (RODRIGUES, 2007, p. 154).

⁵³ Dita oposição de contrários constitui um suposto básico na doutrina dos mais antigos pensadores do Ocidente, Heráclito e Platão, está latente no mito Édipo, manifesta-se, sob as formas mais diversas, nas lágrimas da literatura de todos os tempos e determina um dos capítulos destacados da crítica moderna, concretamente na sociocrítica, na psicocrítica freudiana e na mitocrítica de Gilbert Durand, sob o denominado 'regime da antítese'. (tradução nossa).

Nesta perspectiva, na autobiografia de Eva Perón está explícito o desejo de exteriorização, que aparece como um desdobramento, desejo de ser outra, ver-se em Perón, da mesma forma, que o general Perón fosse visto nela.

[...]. Yo he deseado que fuese así. Y aun más, yo he tratado de que así sucediese. Que se presenten ante mí como se pidiesen justicia, como se exige un derecho. Además no piden a mí. Lo que solicitan es aquello que se les negó siempre y que Perón les prometió: un poco de bienestar, un poco de felicidad. En realidad, analizando bien, ellos vienen a pedir el cumplimiento de la palabra empeñada por Perón. Por eso, allí yo me siento como una empleada más de él, sin otro sueldo que su cariño y el de mi pueblo... ¡nadie gana tanto en este mundo como yo! Lo que interesa es que la palabra de Perón se cumpla. Los que me piden algo a mí, lo piden a Perón; y pedir a Perón no es humillante para nadie ni aun para los más encumbrados. Menos para un descamisado que ve en él a un padre o a un amigo.⁵⁴ (PERÓN, 2004, p. 96).

Além da presença da alteridade, ou seja, da condição de ser “outro” podemos observar na citação acima, outras características relativas ao duplo, como a exterioridade, ou a qualidade de ser exterior ou de estar fora e a duplicidade ou a capacidade de desdobrar-se, de ser dúplice ou a duplicidade. Eva ou “Evita” desejava sair de si mesma, exteriorizar-se, desdobrar-se, ser outra. Queria poder ver a si mesma em Perón e ver Perón nela.

3.1 ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO: EVA, JUAN PERÓN OU EVITA?

La razón de mi vida de um lado aproxima-se da concepção tradicional de biografismo, ou seja, apresenta um conjunto de textos em torno dos quais se organiza; o relato autobiográfico estaria linearmente ligado aos aspectos cronológicos da vida e atuação política de Eva Perón, tentando passar uma imagem única, integral e plástica do sujeito ali descrito. No entanto, no texto autobiográfico a vida pode ser descrita e interpretada desvelando um outro texto em que aparece o social, como lembra Bakhtin, que “as histórias de vida

⁵⁴ Eu desejei que fosse assim. E até mais, eu tratei que assim sucedesse. Que se apresentem em minha frente pedindo justiça, da mesma forma como se exige um direito. Além disso, não pedem a mim. O que solicitam é aquilo que os foi negado sempre e que Perón os prometeu: um pouco de bem estar, um pouco de felicidade. Na realidade, analisando bem, eles vêm pedir o cumprimento da palavra empenhada por Perón. Por isso, ali eu me sinto como mais uma funcionária dele, sem outro salário além de seu carinho e o carinho de meu povo... ninguém ganha tanto neste mundo como eu! (tradução nossa).

permitem diversos modos de escrever ou narrar uma biografia”. (BAKHTIN, 2000, p. 164).

A autobiografia *La razón de mi vida* apresenta um discurso centrado na experiência de um sujeito que se autorrepresenta configurado como uma escrita do eu, mas que paradoxalmente revela o outro.

Outras considerações, entretanto, podem ser tecidas com relação a esta autobiografia, a princípio, tem-se a impressão de que a figura de Eva Perón é tratada com um tom “encomiástico”, definido por Bakhtin como “[...] ato verbal de glorificação”. (BAKHTIN, 2000, p. 164).

Contudo, uma leitura mais apurada da obra mostra que a primeira parte é dedicada mais ao sujeito do presente e as partes subsequentes ao sujeito político coletivo, ou seja, a mulher/figura política e sua causa. Além disso, a narrativa dessa autobiografia dialoga com diferentes vozes, apresentando, assim, características do texto autobiográfico ou da narrativa confessional.

Parece que a literatura confessional é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um ‘eu’, de uma pessoa viva que ali se encontra e que diante do leitor desnuda sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre autor e leitor. Literatura centrada no sujeito, pois o sujeito é objeto de seu próprio discurso, denomina-se confessional ou intimista e adquire confissões diversas. (REMÉDIOS, 1997, p. 09).

No entanto, em *La razón de mi vida*, o sujeito autobiografado é assujeitado ao discurso que sobre ele proferem. No texto se pode observar a relação entre o poder e seus efeitos de verdade na perspectiva de que trata Foucault:

Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder. (FOUCAULT, 1976, p. 29).

Deslizando entre a autobiografia e a memória, *La razón de mi vida* põe em cena um eu fragmentado que vive o desejo de legitimar ações e discursos a partir de quadros de sentido, moldura ou enquadramentos definidos pelos ideais do Partido Peronista.

Ahora ya puede comprender quien haya leído el capítulo precedente que siento así Perón en su grandeza, que unida a su sencillez lo hacen genial, sea yo como soy: fervorosa y fanáticamente peronista. A me suele decir cariñosamente el mismo Líder que soy ‘demasiado peronista’. Recuerdo una tarde después de haberle estado hablando durante largo rato de... ¿de qué iba a hablarle sino de él, de sus sueños, de sus realizaciones, de su doctrina, de sus conquistas? Me interrumpió para decirme: – ¡Tanto me hablas de Perón que voy a terminar por odiarle! – No se extrañe pues quien buscando en estas páginas mi retrato encuentre más bien la figura de Perón. Es que – lo reconozco – yo he dejado de existir en mi misma y es él quien vive en mi alma, dueño de todas mis palabras y de mis sentimientos, señor absoluto de mi corazón y de mi vida. Por otra parte, esto es un viejo milagro, un antiguo milagro del amor que a fuerza de repetirse en el mundo ya ni siquiera no parece milagro. Un día me dijeron que era demasiado peronista para que pudiese encabezar un movimiento de las mujeres de mi Patria. Pensé muchas veces en eso y aunque de inmediato ‘sentí’ que no era verdad, traté durante algún tiempo de llegar a saber por qué no era no lógico ni razonable. Ahora creo que puedo dar mis conclusiones. ¡Sí, soy peronista, fanáticamente peronista!⁵⁵ (PERÓN, 2004, p. 33).

Segundo Lejeune, para que haja autobiografia, é preciso haver identidade de nome entre o autor, o narrador e o personagem afirmada, no texto, por uma espécie de contrato que se estabelece entre o autor e o leitor: “o pacto autobiográfico” (1975). Em princípio, *La razón de mi vida* responde plenamente ao critério exigido por Lejeune, tendo em vista que o pacto se evidencia no nível da identidade entre o nome da autora que aparece na capa e o da voz narrativa declarada ao longo do relato.

⁵⁵ Agora, já pode compreender, quem leu o capítulo precedente que sendo assim Perón em sua grandeza, que unida a sua simplicidade o fazem genial, seja eu como sou: fervorosa e fanaticamente peronista. Às vezes, dói-me dizer carinhosamente o mesmo Líder que sou ‘demasiado peronista’. Lembro-me que uma tarde depois de ter estado falando dele durante longo tempo sobre... De que eu falaria com ele senão dele, de seus sonhos, de suas realizações, de sua doutrina, de suas conquistas? Ele me interrompeu para dizer-me: Você tanto me fala de Perón que vou terminar por odiá-lo! No estranhe, pois quem está buscando nestas páginas meu retrato encontre nele a figura de Perón. É que – o reconheço – eu deixei de existir em mim mesma e é ele quem vive em minha alma, dono de todas minhas palavras e de meus sentimentos, senhor absoluto de meu coração e de minha vida. De outro lado, isto é um velho milagre, um antigo milagre do amor que com a força que se repete no mundo, já nem sequer parece milagre. Um dia me disseram que eu era demasiado peronista para que pudesse encabeçar um movimento das mulheres de minha Pátria. Pensei muitas vezes nisso e mesmo que, de imediato, ‘sentí’ que não era verdade, tratei durante algum tempo de chegar, a saber, por que não era nem lógico nem racional. Agora acredito que posso dar minhas conclusões. Sim, sou peronista, fanaticamente peronista! (tradução nossa).

El 17 de Octubre es otra cosa. Pero el pueblo es el mismo, y el lugar, como siempre desde 1945, es la Plaza de Mayo. Es nuestro 'día de lealtad'. Desde 1945, todos los años *los descamisados* de mi país se dan cita en ese lugar. Como en aquella primera noche memorable cada año quiere ver y escuchar a Perón. Este es para mí un día de grandes emociones. Aunque me propongo ser fuerte hasta el fin, nunca lo consigo del todo. Es demasiado fuerte para mi corazón contemplar al mismo tiempo la felicidad del pueblo y la de Perón. Desde el balcón que preside la fiesta me es posible ver las caras de los descamisados y la del Líder. Es magnífico siempre el espectáculo, pero se vuelve indescriptible cuando habla Perón. Cada año é pregunta a su pueblo si está satisfecho con el gobierno. Cuando millares y millares de voces responden que sí, se estremece toda la Plaza de Mayo y puedo afirmar que ese estremecimiento, que viene desde tantas almas, sacude violentamente mi corazón. Lo que ocurre en el alma de Perón tal vez me resulte muy difícil describirlo. Cuando quise representar en estos apuntes la figura del Líder dije que era mejor salir a verlo, como quien invita a conocer una cosa indescriptible como el sol. Decir lo que pasa en el alma de Perón cada 17 de Octubre es una cosa parecida a eso. Yo no creo que sea verdad aquello de influjo magnético de la multitud sobre su conductor y del conductor sobre su multitud. En cambio creo que es más bien un problema de sensibilidad. Pienso que muchos hombres reunidos, en vez de ser millares y millares de almas separadas son más bien una sola alma. Para que esa alma se manifieste es necesario que el conductor tenga la sensibilidad suficiente como para poder oír las voces del alma gigantesca de la multitud. Es necesario por eso poseer un alma extraordinaria para ser conductor. Y allí está el secreto de Perón: ¡en su alma! [...] Sentimos que el sol ilumina todos nuestros caminos [...] El Líder ha dejado contento y tranquilo a su pueblo.⁵⁶ (PERÓN, 2004, p. 75-76).

⁵⁶ O dia 17 de Outubro é outra coisa. Porém o povo é o mesmo, e o lugar, como sempre desde 1945, é a *Plaza de Mayo*. E o nosso 'día da lealdade'. Desde 1945, todos os anos os *descamisados* de meu país se encontram nesse lugar. Como naquela primeira noite memorável, em cada ano, quer ver e escutar Perón. Este é para mim um dia de grandes emoções. Mesmo que sempre me proponho em ser forte até o fim, nunca o consigo totalmente. É demasiado forte para meu coração contemplar ao mesmo tempo a felicidade do povo e a de Perón. Da sacada que preside a festa é possível que eu veja os rostos do *descamisados* e o rosto do Líder. O espetáculo sempre é magnífico, mas se transforma indescreível quando Perón fala. Cada ano ele pergunta ao seu povo se está satisfeito com o governo. Quando milhares e milhares de vozes respondem sim, estremece-se toda a *Plaza de Mayo* e posso afirmar que esse estremecimento, quem vem de tantas almas, sacode violentamente meu coração. O que ocorre na alma de Perón, talvez, resulte-me muito difícil descrevê-lo. Quando eu quis apresentar estas anotações sobre a figura do Líder disse que era melhor sair a vê-lo, como quem convida para conhecer algo indescreível como o sol. Eu não acredito que seja verdade aquilo de influência magnética da multidão sobre seu condutor e do condutor sobre a multidão. Ao contrário, acredito que é bem mais um problema de sensibilidade. Penso que muitos homens reunidos, em vez de ser milhares e milhares de almas separadas são, bem mais, somente uma alma. Para que essa alma se manifieste é necessário que o condutor tenha a sensibilidade suficiente para poder ouvir as vozes da alma gigantesca da multidão. É necessário por isso possuir uma alma extraordinária para ser condutor. E ali está o segredo de Perón: em sua alma! [...] Sentimos que o sol ilumina todos os nossos caminhos [...] O Líder deixou o seu povo contente e tranquilo. (tradução nossa).

O livro apresenta uma espécie de prólogo no qual a autora fornece informações sobre sua própria vida, sobre a admiração por Perón e o verdadeiro motivo que a levou à escritura da autobiografia.

Este libro ha brotado de lo más íntimo de mi corazón. Por más que, a través de sus páginas, hablo de mis sentimientos, de mis pensamientos y de mi propia vida, en todo lo que he escrito, el menos advertido de mis lectores no encontrará otra cosa que la figura, el alma y la vida del General Perón y mi entrañable amor por su persona y por su causa. Muchos me reprocharán que haya sido escrito todo esto pensando solamente en él; yo me adelanto a confesar que es cierto, totalmente cierto. Y yo tengo mis razones, mis poderosas razones que nadie podrá discutir ni poner en duda: yo no era ni soy nada más humilde mujer... un gorrión en una inmensa bandada de gorriones... Y él era el cóndor gigante que vuela alto y seguro entre las cumbres y cerca de Dios. Si no fuese por él que descendió hasta mí y me enseñó a volar de otra manera, yo no hubiese sabido nunca lo que es un cóndor ni hubiese podido contemplar jamás la maravillosa y magnífica inmensidad de mi pueblo. Por eso mi vida ni mi corazón me pertenecen y nada de todo lo que soy o tengo es mío. Todo lo que soy, todo lo que tengo, todo lo que pienso y todo lo que siento es de Perón. Pero yo no me olvido ni me olvidaré nunca de que fui gorrión ni de que sigo siéndolo. Si vuelo más alto es por él. Si ando entre las cumbre, es por él. Si a veces toco casi el cielo con mis alas, es por él. Si veo claramente lo que es mi pueblo y lo quiero y siento su cariño acariciando mi nombre, es solamente por él. Por eso le dedico a él, íntegramente, este canto que, como el de los gorriones, no tiene ninguna belleza, pero es humilde y sincero, y tiene todo el amor de mi corazón.⁵⁷ (PERÓN, 2004, p. 07).

⁵⁷ O livro brotou do mais íntimo de meu coração. Por mais que, através de suas páginas, falo de meus sentimentos, de meus pensamentos e de minha própria vida, em tudo o que escrevi, o menos advertido de meus leitores não encontrará outra coisa além da figura, da alma e da vida do General Perón e meu profundo amor por sua pessoa e por sua causa. Muitos me reprovarão que eu tenha escrito tudo isto pensando somente nele; eu já me adianto em confessar que é certo, totalmente certo. E eu tenho minhas razões, minhas poderosas razões que ninguém poderá discutir, nem duvidar: eu não era e nem sou nada mais que uma humilde mulher... Um pardal num imenso bando de pardais... E ele o condor gigante que voa alto e firme entre os lugares mais altos e perto de Deus. Se não fosse por ele que desceu até mim e me ensinou a voar de outra maneira, eu não teria sabido nunca o que é um condor, nem teria podido contemplar jamais a maravilhosa e magnífica imensidão de meu povo. Por isso, nem minha vida, nem meu coração me pertencem e nada de tudo o que eu sou e tenho é meu. Tudo o que sou, tudo o que tenho, tudo o que penso e tudo o que sinto é de Perón. Mas eu não me esqueço nem que esquecerei nunca de que fui um pardal e o continuo sendo. Se voo mais alto é por ele. Se ando entre os cumes, é por ele. Se às vezes quase toco o céu com minhas asas, é por ele. Se vejo claramente o que é meu povo e o amo e sinto seu carinho acariciando meu nome, é somente por ele. Por isso, dedico-lhe a ele, integralmente, este canto que, como o dos pardais, não tem beleza alguma, mas é humilde e sincero e tem todo o amor de meu coração. (tradução nossa).

A presença do prólogo e conteúdo expresso pela autora levaria a classificá-lo a princípio, seguindo Lejeune, como autobiografias propriamente ditas. Mas, avançando na leitura do relato, percebe-se logo que ele rompe a fronteira do gênero autobiográfico e envereda por vias diversas, recorrendo à ficção para preencher as lacunas da memória, misturando memória individual e memória coletiva e, por vezes, aproximando-se do relato histórico ao fornecer dados precisos sobre a história da Argentina.

Así fue como un día me vi en una circunstancia que decidió mi destino. El país estaba solo. Marchaba a la deriva sin conducción y sin rumbo. Todo había sido entregado al extranjero. El pueblo sin justicia, oprimido y negado. Países extraños y fuerzas internacionales lo sometían a un dominio que no era muy distinto a la opresión colonial. Me di cuenta de que todo eso podía remediarse. Poco a poco advertí que yo era quien podía remediarlo. En ese momento, el problema de mi país pasó a ser un problema de mi conciencia. Lo resolví decidiéndome por la Revolución. Esa decisión fue 'mi ayuda al destino. Dos años y medio después todo parecía perdido. Había luchado intensamente en la Secretaría de Trabajo y Previsión [...] Fue en octubre de 1945. Esa es historia conocida. Durante ocho días conocí los matices de la soledad, el abandono y la amargura. Así como yo había pensado un día que era necesario hacer una Revolución, el pueblo sintió – ¡el pueblo siente! – que había llegado un momento crucial de su historia [...] Desde 1943 a 1945 el pueblo fue despertando de un viejo letargo que ya duraba más de un siglo. Pero durante ese siglo había vivido de sus viejas glorias. No pudo olvidar la hazaña de sus granaderos por medio continente. No pudo olvidar su vocación por la libertad y la justicia. Por eso me resulto fácil desertarlo. Me bastó insistir en los viejos temas de la hora inicial de su vida: la justicia, la libertad, la independencia y la soberanía.⁵⁸ (PERÓN, 2004, p. 30-32).

⁵⁸ Assim foi como um dia em que me vi numa circunstância que decidiu meu destino. O país estava sozinho. Marchava à deriva sem condição e sem rumo. Tudo tinha sido entregue ao estrangeiro. O povo sem justiça, oprimido e negado. Países estranhos e forças internacionais o submetiam a um domínio que não era muito diferente à opressão colonial. Eu me dei conta de que tudo isso poderia ser remediado. Pouco a pouco adverti que eu era quem poderia remediá-lo. Nesse momento, o problema de meu país passou a ser um problema de minha consciência. Resolvi-o decidindo pela Revolução. Essa decisão foi 'minha ajuda ao destino'. Dois anos e meio depois tudo parecia perdido. Tinha lutado intensamente na Secretaria de Trabalho e Previdência [...] Foi em outubro de 1945. Essa história é conhecida. Durante oito dias conheci as matizes da solidão, do abandono e da amargura. Assim como eu tinha pensado um dia que era necessário fazer uma Revolução, o povo sentiu – o povo sente! – que tinha chegado um momento crucial em sua história [...] De 1943 a 1945, o povo foi despertando de um velho letargo que já durava mais de um século. Mas durante esse século tinha vivido de suas velhas glórias. Não pôde olvidar a façanha de seus granadeiros por meio continente. Não pôde esquecer a sua vocação pela liberdade e pela justiça. Por isso me resultou fácil desertá-lo. Bastou-me insistir nos velhos temas da hora inicial de sua vida: a justiça, a liberdade, a

O texto *La razón de mi vida* pode ser lido na perspectiva das escritas do eu, mas trata-se de um eu reinventado, recriado, enfim, um eu fabulizado no imaginário coletivo.

Quando me encuentro con ellos ¿qué voy a ser entonces sino una compañera, o una amiga?; una compañera cuya gratitud infinita no puede expresarse sino de una sola manera: ¡Con absoluta y profunda lealtad! Y ellos lo saben bien; saben que yo no soy el Estado, ni mucho menos el patrón. Por eso suelen decir: – Evita es vasca, pero es leal. Saben que yo no tengo sino un precio que es el amor de mi pueblo. Por el amor de mi pueblo – ¡y ellos son pueblo! – yo vendería todo cuanto soy cuanto tengo y creo que incluso daría mi vida. Saben que cuando yo les aconsejo ‘aflojar’ lo hago por el bien de ellos, lo mismo que cuando les incito a la lucha. A medida que avanza el tiempo en nuestro movimiento común esa confianza se va consolidando pues todos los días les doy pruebas de mi lealtad. Y en ellos cada vez es mayor la confianza que me tienen, a tal punto que suelen esperar de mí incluso cuando todo está perdido. Muchas veces sucede un problema gremial mal conducido, o por dificultades económicas insolubles, no puede tener solución adecuada, satisfactoria para los obreros. Entonces es cuando mi trabajo, de simple y sencillo, se vuelve difícil. Entonces es cuando más empeño en buscar la solución y mi más grande alegría es encontrarla y ofrecerla a los obreros. ¿Acaso ellos no encontraron la solución de un problema que estaba perdido cuando reconquistaron a Perón para ellos y para mí, el 17 de Octubre de 1945? Y cuando de mis recursos no queda ya ninguno, entonces acudimos al supremo recurso que es la plenipotencia de Perón, en cuyas manos toda esperanza se convierte en realidad aunque sea una esperanza ya desesperada.⁵⁹ (PERÓN, 2004, p. 62-63).

independência e a soberania. (tradução nossa).

⁵⁹ Quando me encontro com eles, o que vou ser então senão uma companheira ou uma amiga? Uma companheira cuja gratidão infinita não pode se expressar senão de uma maneira somente: Com absoluta e profunda lealdade! E eles o sabem bem; sabem que eu não sou o Estado, nem muito menos o patrão. Por isso costumam dizer: – Evita é excessivamente ansiosa, mas é leal. Sabem que eu não tenho senão um preço que é o amor de meu povo. Pelo amor de meu povo – E eles não povo! – Eu venderia tudo quanto sou, quanto tenho e acredito que, inclusive, daria minha vida. Sabem que quando eu lhes aconselho ‘afrouxar’, faço-o pelo bem deles, o mesmo que quando lhes incentivo à luta. À medida que avança o tempo em nosso movimento comum, essa confiança vai se consolidando, pois todos os dias dou-lhes provas de minha lealdade. E, neles, cada vez é maior a confiança que têm em mim, a tal ponto que costumam esperar de mim, inclusive, quando tudo está perdido. Muitas vezes acontece um problema comum mal conduzido ou por dificuldades econômicas insolúveis, não pode ter solução adequada, satisfatória para os operários. Então é quando meu trabalho, de simples, transforma-se difícil. Então é quando mais me empenho para encontrar uma solução e minha maior alegria é encontrá-la e oferecê-la aos trabalhadores. Por acaso eles não encontraram a solução de um problema que estava perdido quando reconquistaram Perón para eles e para mim, no dia 17 de Outubro de 1945? E quando, dos meus recursos, não resta já nenhum, então recorreremos ao supremo recurso que é a plenipotência de Perón, em cujas

La razón de mi vida poderia ser lida ainda sob a rubrica de “autoficção biográfica” a que Vincent Colonna define como sendo um “relato no qual ele (o escritor) fabula sua existência a partir de dados reais, permanece o mais perto possível do verossímil e confere a seu texto uma verdade pelo menos subjetiva – quando não mais que isso” (COLONNA, 2004, p. 93). É importante observar a construção da narrativa híbrida desse texto que, deslizando por diferentes gêneros narrativos (autobiografia, confissão, ficção/imaginário, memória, história), transforma-se em um espaço privilegiado de encenação desse eu fragmentado entre imagens e discursos diversos.

Algunos suelen pensar – y aun me lo han dicho ingenuamente – que al tratar con los obreros realizo un sacrificio demasiado grande y demasiado generoso [...] Nada del trato con los obreros me resulta desagradable. Son hombres sencillos, sí [...] Yo nunca he seccionado a los obreros que me visitan [...] La gente oligárquica, que cree que ‘desciendo’ por tratar con los obreros, aprendería mucho de ellos y tal vez – aunque esto lo digo sin ninguna esperanza –, tal vez ‘subiría’ un poco en honradez y en dignidad [...] Son tan sensatos nuestros obreros en su manera de reclamar mejoras que muchas veces yo les he podido dar la ‘sorpresa’ de obtenerles más de cuando habían solicitado los más optimistas. En mi despacho nunca faltan obreros. Yo los veo muchas veces conversar con los ministros, con altos funcionarios, embajadores, visitantes ilustres y aun famosos. Me gusta ver cómo los obreros no temen el trato de nadie y se sienten iguales y ¿por qué no? Creo que a veces, en mi despacho, se ‘sienten más que los otros’ porque allí ellos tienen privilegio. Los demás pueden aspirar al derecho de mi amistad, los obreros saben que tienen ya derecho a un poco más de mi amistad, y es mi cariño. Viendo cómo los obreros tratan y aprecian a los demás he aprendido mucho. Sé ahora que los hombres que saben ganarse el afecto de los obreros son, por lo general, dignos del movimiento Peronista; y que no sirven para nuestra lucha quienes no saben o no pueden conquistar aquel afecto. Es que los obreros sólo dan su amistad y su afecto a quienes honrada y lealmente ofrecen amistad. Y tienen una fina sensibilidad que les permite descubrir a quién únicamente desea utilizar la

mãos toda esperança se converte em realidade mesmo que seja uma esperança já desesperada. (tradução nossa).

amistad como puente de sus ambiciones personales.⁶⁰
(PERÓN, 2004, p. 66-67).

Philippe Vilain confirma que a escrita autobiográfica não se resume apenas a um relato de vida, “mas parece explorar, sobretudo, um imaginário”. (VILAIN, 2005, p. 119).

Se a escrita do eu passa pela ficção, é na memória que se encontra a fonte de criação. Memória individual, mas também memória coletiva, memória de seus *descamisados* transmitida pelo povo.

Entre maio de 1952 – dois meses antes de sua morte – e julho de 1954, o Vaticano recebeu quase quarenta mil cartas de fiéis atribuindo diversos milagres a Evita e exigindo que o papa a canonizasse [...]. Por aqueles mesmos anos, todas as adolescentes pobres da Argentina queriam parecer-se com Evita. A metade das meninas nascidas nas províncias do Noroeste se chamava Eva ou María Eva, e as que não tinham esses nomes copiavam os emblemas de sua beleza. Tingiam os cabelos de loiro e os penteavam para trás, puxados e recolhidos em um ou dois coques. Vestiam saias rodadas, feitas de tecidos que pudessem ser engomados, e sapatos com cintilho nos tornozelos. Evita era o juiz da moda e o modelo nacional de comportamento. Saias e sapatos desse tipo nunca voltaram a ser usados depois do final dos anos 50, mas o cabelo tingido de loiro seduziu as altas classes e, com o tempo, tornou-se um elemento distintivo das mulheres dos bairros chiques de Buenos Aires. Nos seis primeiros meses de 1951, Evita entregou vinte e cinco mil casas e quase três milhões de pacotes contendo remédios, móveis, roupas, bicicletas e brinquedos. Para falar com ela, os pobres faziam filas desde

⁶⁰ Alguns costumam pensar – e, inclusive, disseram-me ingenuamente – que ao receber aos operários, realizo um sacrifício demasiado grande e demasiado generoso [...] Nada do tratamento com os operários me resulta desagradável. São homens simples, sim [...] Eu nunca selecionei aos operários que me visitam [...] As pessoas da oligarquia, que acreditam que ‘desço’ por receber aos operários, aprenderia muito deles e talvez – mesmo que isto o digo sem nenhuma esperança – talvez ‘subiriam’ um pouco em honradez e em dignidade [...] São tão sensatos nossos operários em sua maneira de reclamar melhorias que, muitas vezes, eu os pude dar a ‘surpresa’ de que eles obtivessem mais do que tinham solicitados os mais otimistas. Em meu escritório nunca faltam operários. Muitas vezes, eu os vejo conversando com os ministros, com altos funcionários, embaixadores, visitantes ilustres e, inclusive, famosos. Eu gosto de ver como os operários não temem ao tratar com ninguém e se sentem iguais. E por que não? Acredito que às vezes, em meu escritório, eles se ‘sentem mais do que os outros’, porque ali eles têm um privilégio. Os demais podem aspirar ao direito de minha amizade, os operários sabem que já têm o direito a um pouco mais que minha amizade é meu carinho. Vendo como os operários tratam e apreciam aos demais aprendi muito. Sei agora que os homens que sabem ganhar o afeto dos operários são, geralmente, dignos do movimento Peronista; e que não servem para nossa luta quem não sabe ou não pode conquistar aquele afeto. É que os operários somente dão sua amizade e seu afeto a quem honrada e lealmente oferecem amizade. E têm sua fina sensibilidade que lhes permite descobrir a quem, unicamente, deseja utilizar a amizade como ponte de suas ambições pessoais. (tradução nossa).

bem antes do amanhecer, e alguns só conseguiam fazê-lo no amanhecer do dia seguinte. Ela os interrogava acerca de seus problemas familiares, suas doenças, seus empregos e até seus amores. Durante aquele mesmo ano de 1951, foi madrinha de casamento de 1708 casais, metade dos quais já com filhos. Os filhos ilegítimos comoviam Evita até as lágrimas, pois havia sofrido a sua própria ilegitimidade como um martírio. Eu me lembro nos povoados perdidos de Tucumán muita gente acreditava que era uma emissária de Deus. Também ouvi dizer que no Pampa e nos vilarejos do litoral Patagônico os camponeses costumavam ver seu rosto desenhado no céu. Temiam que morresse, pois com seu último suspiro o mundo poderia acabar. Era comum que as pessoas simples tentassem chamar a atenção de Evita, para assim alcançar alguma forma de eternidade. 'Estar no pensamento da Senhora', disse um doente de pólio, 'é como tocar Deus com as mãos. O que mais a gente precisa?' (MARTÍNEZ, 1996, p. 57-58).

O mito de Evita se confunde na memória de Eva Perón com a história do peronismo na Argentina cujas bandeiras foram incorporadas pelo imaginário coletivo latino-americano.

A la doble personalidad de Perón debía corresponder una doble personalidad en mí; una, la de Eva Perón, mujer del Presidente, cuyo trabajo es sencillo y agradable, trabajo de los días de fiesta, de recibir honores, de funciones de gala; y otra, la de Evita, mujer del Líder de un pueblo que ha depositado en él toda su fe, toda su esperanza y todo su amor. Unos pocos días al año, represento en papel de Eva Perón; y en ese papel creo que me desempeño cada vez mejor, pues no me parece difícil ni desagradable. La inmensa mayoría soy en cambio Evita, puente tendido entre las esperanzas del pueblo y las manos realizadoras de Perón, primera peronista argentina, y éste sí que me resulta papel difícil, y en que nunca estoy totalmente contenta de mí. De Eva Perón no interesa que hablemos. Lo que ella hace aparece demasiado profusamente en los diarios y revistas de todas partes. En cambio, sí interesa que hablemos de 'Evita'; y no porque sienta ninguna vanidad en serlo sino porque quien comprenda a 'Evita' tal vez encuentre luego fácilmente comprensible a sus 'descamisados', el pueblo mismo, y ése nunca sentirá más de lo que es... ¡nunca se convertirá por lo tanto en oligarca, que es lo peor que puede sucederle a una peronista! [...] Cuando elegí ser 'Evita' se que elegí el camino de mi pueblo [...] Nadie sino el pueblo me llama 'Evita'. Solamente aprendieron a llamarme así los 'descamisados'. Los hombres de gobierno, los dirigentes políticos, los embajadores, los hombres de empresa, profesionales, intelectuales, etc., suelen llamarme 'Señora'; y algunos incluso me dicen públicamente 'Excelentísima o Dignísima Señora' y aun, a veces, 'Señora Presidenta'. Ellos no me ven en mí más que a Eva Perón. Los descamisados, en cambio, no me conocen sino 'Evita' [...] Sí, confieso que tengo

una ambición, una sola y gran ambición personal: quisiera que el nombre de Evita figurase alguna vez en la historia de mi Patria [...] Y me sentiría debidamente, sobradamente compensada si la nota terminase de esta manera: ‘De aquella mujer sólo sabemos que el pueblo la llamaba, cariñosamente, ‘Evita’.⁶¹ (PERÓN, 2004, p. 47-50).

Como se vê, *La razón de mi vida* na sua escrita do eu, passa de uma forma narrativa a outra, misturando a memória individual à memória coletiva e à história para se construir sua própria ficção. Este recurso remete ao que Régine Robin define como “memória cultural” que seria uma espécie de bricolagem narrativa, fabricada pelo indivíduo para se representar o passado a partir de relatos familiares, “genealogias mais ou menos imaginárias, traços de leitura, informações históricas, imagens, enfim, de tudo o que o marcou e que lhe vem à mente em uma dispersão de lembranças-flash”. (ROBIN, 1989, p. 57).

E assim, inventando-se e reinventando-se por meio de uma escrita tecida entre a memória e a ficção, a voz narrativa em *La razón de mi vida* consegue fazer o que Daniel Sibony define como “viagem da origem, ida e volta”, ou seja, atravessar o entre-dois e recolar alguns pedaços de história. (SIBONY, 1991, p. 20).

⁶¹ À dupla personalidade de Perón devia corresponder uma dupla personalidade em mim: uma, a de Eva Perón, mulher do Presidente, cujo trabalho é simples e agradável, trabalho nos dias de festa, de receber honras, de funções de gala; e outra, a de Evita, mulher do Líder de um povo que depositou nele toda sua fé, toda sua esperança e todo seu amor. Uns poucos dias ao ano, represento o papel de Eva Perón; e nesse papel acredito que me desempenho cada vez melhor, pois não me parece difícil, nem desagradável. Na maior parte dos dias sou, ao contrário, Evita, ponte estendida entre as esperanças do povo e as mãos realizadoras de Perón, primeira peronista Argentina, e este sim que me resulta num difícil papel, e neste papel nunca estou totalmente contente comigo. De Eva Perón não interessa que falemos. O que ela faz aparece bastante difuso nos jornais e revistas de todas as partes. Ao contrário, sim interessa que falemos de ‘Evita’. Não porque sinta alguma vaidade em sê-lo, senão porque quem compreenda a ‘Evita’, talvez encontre logo e facilmente a compreensão aos seus *descamisados*, o povo mesmo, e esse nunca se sentirá mais do que é... Nunca se transformará, portanto, em oligarca, que é o pior que pode acontecer a uma peronista! [...] Quando escolhi se ‘Evita’, escolhi o caminho de meu povo [...] Ninguém senão o povo me chama ‘Evita’ [...] Somente aprenderam a me chamar assim os *descamisados*. Os homens de governo, os dirigentes políticos, os embaixadores, os empresários, profissionais, os intelectuais, etc., costumam me chamar ‘Senhora’, e alguns, inclusive, tratam-me publicamente ‘Excelentíssima ou Digníssima Senhora’ e até, às vezes, ‘Senhora Presidente’. Eles não enxergam em mim, ninguém mais que Eva Perón. Os *descamisados*, ao contrário, não me conhecem, senão por ‘Evita’ [...] Sim, confesso que tenho uma ambição, somente uma e grande ambição pessoal: quisera que o nome de Evita aparecesse alguma vez na história de minha Pátria [...] E me sentiria debidamente, demasiado compensada se a nota terminasse desta maneira: ‘Daquela mulher somente sabemos que o povo a chamava, carinhosamente, ‘Evita’. (tradução nossa).

Eva Perón recolhe fenômenos importantes do seu passado e os incorpora à sua condição atual (tempo de escritura da autobiografia) de mulher pública, o que lhe permite assumir, uma identidade outra ou – retomando Sibony – uma “identidade em pedaços, mas consistente”. (SIBONY, 1991, p. 20).

Em *La razón de mi vida* a escrita se constitui como o espaço por excelência de travessia da linguagem para a realização da experiência. Parece estar clara a preocupação em dizer a verdade. Philippe Vilain admite “a hipótese de que a verdade autobiográfica diz respeito tanto à experiência vivida como à antecipação imaginada dessa experiência, tanto à realização como aos desejos e medos ligados a esta mesma realização”. (VILAIN, 2005, p. 124).

A definição que Lejeune (1975) propõe parte de uma série de oposições e aproximações entre o que ele chama de gênero autobiográfico e outros gêneros da literatura íntima como as memórias, o diário e o ensaio. O principal ponto de suas investigações recai sobre o leitor, pois é ele que estabelece o que o autor denominou de “pacto autobiográfico”, constituindo-se em elemento fundamental para distinguir a autobiografia da categoria a que denomina “novela autobiográfica”. A essência do gênero autobiográfico residiria nos papéis do autor e do leitor.

Em seu relato de vida, Eva Perón mistura as experiências realmente vividas a outras criadas pela imaginação, mas cuja realização teria sido possível. Se o que ela conta não é totalmente verdadeiro, é certamente verossímil. E, segundo Paul Ricoeur, o verossímil, isto é, “o que teria podido acontecer” incorpora ao mesmo tempo as potencialidades do passado “real” e os possíveis “irreais” da pura ficção. (RICOEUR, 1994, p. 347).

A memória, portanto, não é um simples mecanismo de recordação, mas é o elemento que permite mostrar o estado de espírito da voz narrativa no momento da escrita e possibilita que o sujeito busque, no processo de narrar, sua própria identidade.

Para Ricoeur (1994) uma obra é a configuração do desejo de dizer o ser. Por isso, o homem narra para saber quem é. O autor afirma ainda que “não é de forma intuitiva e imediata que o sujeito se conhece, mas sim através da mediação pelos episódios que vai registrando ao longo da sua vida”. (RICOEUR, 1994, p. 35). Cada sujeito configura os acontecimentos dispersos

da sua existência por meio da interpretação pessoal que dá a eles: “É como se a vida só tomasse figura, e um sujeito identidade como sujeito, após o entrelaçamento dos vários episódios da sua vida, de forma a construir uma narrativa com sentido”. (RICOEUR, 1994, p. 36). A memória, portanto, ocupa papel prioritário nesse contexto, pois permitindo o entrelaçamento dos episódios da vida do sujeito na narrativa, dá vazão ao desejo do sujeito de aprofundar o conhecimento sobre si mesmo.

Nessa linha de pensamento de Ricoeur, pode-se dizer que, deslizando entre o passado “real” e os possíveis “irreais” da ficção, Eva Perón escreve sua memória política, uma memória reconstruída sobre o verossímil, para reforçar que seu texto remete mais ao verossímil do que ao verdadeiro, recorre frequentemente a expressões lexicais e/ou estruturas gramaticais que exprimem a incerteza, a eventualidade, a suposição, como o uso do futuro do pretérito em diversas passagens do livro:

Me pregunto si tal vez en lo más secreto de mi corazón, en mi subconciencia no tendría ya, al iniciar estos apuntes, el propósito de buscar otro pretexto más que hablar de ellos precisamente: de Perón y su pueblo [...] ¡Quizás en eso consista mañana mi única gloria: en haber sabido decir toda la verdad acerca de los grandes amores de mi vida, tal como yo los vivo, los siento y los sirvo! [...] ¿Acaso en esto no está la ‘clave’, la explicación de mi propia vida? [...] Si alguna vez le molestó a Dios con algún pedido mío es para eso: para que me ayude a dar la vida por mis descamisados [...] Cuando yo concebí mi obra de ayuda social no pensé ni remotamente que tendría necesidad de hacer todo lo que después me he visto obligada a realizar [...] ¿Acaso aquí pueda verse todavía aquella ingenua idea de mi infancia, cuando yo creía que todos eran ricos en el mundo?⁶² (PERÓN, 2004, p. 78-115).

Assim, por meio de uma narrativa híbrida em que se misturam escrita do eu, memória política e ficção/imaginário, Eva Perón tenta reorganizar seu passado. Escrevendo, portanto, pelas mãos do outro, ela se inventa,

⁶² Pergunto-me se talvez no mais secreto de meu coração, em minha subconsciência, não teria já, ao iniciar estas anotações, o propósito de procurar outro pretexto mais do que falar deles precisamente: de Perón e de seu povo [...] Talvez nisto consista amanhã minha única glória: em ter sabido dizer toda a verdade sobre os grandes amores de minha vida, tal como eu os vivo, sinto-os e os sirvo! [...] Por acaso nisto não está ‘a chave’, a explicação de minha própria vida? [...] Se alguma vez incomodou a Deus com algum pedido meu é para isso: para que me ajude a dar a vida por meus *descamisados* [...] Quando eu concebi minha obra de ajuda social não pensei, nem remotamente, que teria necessidade de fazer tudo o que depois me vi obrigada a realizar [...] Por acaso aqui possa ver ainda aquela ingênua ideia de minha infância, quando eu acreditava que todos eram ricos no mundo? (tradução nossa).

poderíamos dizer que sua escrita do eu tem origem na exploração de um imaginário acima de tudo “na experiência”, intrinsecamente ligado à memória afetiva e à capacidade de reciclar coisas ou de ressuscitar vozes de um tempo sensível ao lado de Perón. O papel representado por este imaginário na construção de sua autobiografia é, aliás, ressaltado por ela própria ao final do livro, quando declara que apesar de seu amor por Perón, pelos *descamisados* e pela causa social, ela foi a mulher que não foi elogiada e, mesmo sendo como qualquer outra mulher, além de ser uma simples mulher, ela de nada se arrepende. Tudo que escreveu, tudo que fazia, tudo que pensava, tudo que tinha e tudo que sentia era de Perón, de Perón e de seu povo.

Creo que ya he escrito demasiado. Yo solamente quería explicarme y pienso que tal vez no lo haya conseguido sino a medias. Pero seguir escribiendo sería inútil. Quien no me haya comprendido hasta aquí, quien no me haya ‘sentido’, no me sentirá ya aun cuando siguiera estos apuntes por mil páginas más. Aquí veo ahora a mi lado verdaderas pilas de papel fatigado por mi letra grande... y creo que ha llegado el momento de terminar. Leo las primeras páginas... y voy repasando todo lo que he escrito. Sé que muchas cosas tal vez, no debieras haberlas dicho... Si alguna vez se leen por curiosidad histórica no me harán estas páginas un favor muy grande: la gente dirá por ejemplo que fui demasiado cruel con los enemigos de Perón. Pero... no he escrito esto para la historia. Todo ha sido hecho para este presente extraordinario y maravilloso que me toca vivir: para mi pueblo y para todas las almas del mundo que sientan, desde cerca o de lejos, que está por llegar un día nuevo para la humanidad: el día del Justicialismo. Yo solamente he querido anunciarlo con mis buenas o malas palabras... con las mismas palabras con que lo anuncio todos los días a los hombres y a las mujeres de mi propio pueblo. No me arrepiento por ninguna palabra que he escrito. ¡Tendrían que borrarse primero en el alma de mi pueblo que me las oyó tantas veces y que por eso me brindó

su cariño inigualable! ¡Un cariño que vale más que mi vida!⁶³
(PERÓN, 2004, p. 157).

A autobiografia de Eva Perón funciona como o lugar da realização da experiência do sujeito fragmentado, dividido entre o universo feminino e o discurso de poder masculino.

Esta perspectiva reflete a própria história da mulher que ao longo da história tem sido descrita de diversas formas, de acordo com a cultura de cada povo, com o período específico em que viveu, envolvida por circunstâncias sociais da época. Historicamente a mulher sempre esteve na posição de subordinação ao homem, ela não podia escolher, era escolhida. Mesmo as poucas produções artísticas femininas obrigavam o uso de codinomes masculinos para serem aceitas e ao iniciarem-se na escrita muitas escritoras partiram para uma escrita confessional, às vezes, autobiográfica e poucas vezes memorialística.

Para Ricoeur (1994), não é possível reconstruir o passado como ele foi e, por isso, a autobiografia consiste em uma leitura da experiência, o que nos leva a uma outra questão, considerada central nos estudos autobiográficos: como o texto escrito representa o sujeito. Para o autor, o eu é criado na experiência da escritura; é representação do eu da vida real. Além das problemáticas já citadas, as próprias distinções entre as formas das narrativas do eu são muitas vezes imprecisas e, por isso, torna-se difícil estabelecer critérios rígidos para delimitar características da autobiografia, do diário, das memórias.

⁶³ Acredito que eu já escrevi demasiado. Eu somente queria me explicar e penso que talvez não o tenha conseguido, senão pela metade. Porém continuar escrevendo seria inútil. Quem não me compreendeu até aqui, quem não tenha 'me sentido', não me sentirá já até quando eu seguisse escrevendo estas anotações por mais mil páginas. Aqui vejo agora ao meu lado verdadeiras pilhas de papel fatigado por minha letra grande... e acredito que chegou o momento de terminar. Leio as primeiras páginas... e vou repassando tudo o que escrevi. Sei que muitas coisas, talvez, eu não devesse tê-las dito... Se alguma vez sejam lidas por curiosidade histórica, essas páginas não me farão um grande favor: as pessoas dirão, por exemplo, que fui demasiado cruel com os inimigos de Perón. Porém... não escrevi isto para a história. Tudo foi feito para este presente extraordinário e maravilhoso que estou vivendo: para meu povo e para todas as almas do mundo que se sintam, de perto ou de longe, que está para chegar um novo dia para a humanidade: o dia do *Justicialismo*. Eu somente quis anunciá-lo com minhas boas ou mas palavras... com minhas palavras com que o anúncio todos os dias aos homens e às mulheres de meu próprio povo. Não me arrependo por nenhuma das palavras que escrevi. Teriam que apagá-las primeiro da alma de meu povo. Meu povo que as ouviu tantas vezes e que por isso me ofereceu seu carinho inigualável! Um carinho que vale mais que minha vida! (tradução nossa).

Ricoeur observa que há uma interpenetração entre todas as formas. Apesar das marcas que caracterizam as diferentes formas do gênero autobiográfico levantadas por Lejeune (1975), há textos íntimos que são difíceis de classificar como diário ou como autobiografia, mas todos se encaixam na escrita do eu.

Na autobiografia *La razón de mi vida*, muitos fragmentos revelam, como foi dito, não o momento presente, mas o passado. Através das lembranças da infância, da adolescência e da mulher adulta, a voz narrativa procura expor impressões como elas lhe vêm ao espírito e ao coração. Mescla, para isso, o olhar intimista, que descreve o momento e que é próprio do diário, com o olhar memorialista, de quem está a olhar os fatos à distância, que é característico da autobiografia. Marcas do diário – definido por Ricoeur (1994) como um livro aberto que apresenta uma seqüência de instantes e interpretações momentâneas da vida -, e da autobiografia - que se caracteriza pelo enfoque retrospectivo da narração, proveniente de uma elaboração do passado -, ambos gêneros da escrita do eu, estão presentes na obra através desses dois olhares.

A distinção entre o olhar intimista do diário e o olhar memorialista da autobiografia, de acordo com o autor, é questionável, pois para ele toda a escrita do eu propõe uma autobiografia em potencial, por esta via, propusemos aqui refletir em que medida *La razón de mi vida* pode ser lida como mais um documento importante a registrar aspectos da vida cultural e histórica da mulher e espaço público na América Latina, ainda que seja o desejo de muitos a negação desta história e que as inscrições do texto em *La razón de mi vida* apareçam sob uma voz que representa o masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever a conclusão ou as considerações finais de um trabalho não é uma tarefa muito fácil. Realizar este trabalho é custoso, por no mínimo, vários motivos. Primeiro porque não é comum resumir, sintetizar, horas, dias e meses de leituras e escrita em poucas páginas; segundo porque há a preocupação de escrever algo novo; terceiro porque nos perguntamos: será que conseguimos atingir os objetivos propostos no início do trabalho? Pensando sobre o mito Eva Perón, texto autobiográfico situado à beira do cânone literário e pouco lido nos dias de hoje, acreditamos que sim pelo que representa Eva Maria Duarte, em seguida Eva Perón ou carinhosamente “Evita”, nomes marcados nos anais da história social e política da Argentina, sendo um dos maiores mitos contemporâneos da América Latina.

Ainda, na atualidade, mais de 50 anos após a sua morte, Evita continua viva no imaginário social argentino.

Eva Perón, ao contar a sua história, opta pelo gênero autobiográfico, contratando o jornalista espanhol Manuel Penella de Silva para escrevê-la. No papel de *ghost-writer*, traduzido literalmente como escritor fantasma, Silva escreve *La razón de mi vida*, autobiografia de Eva Perón, publicado na Argentina em 1951, que foi utilizado, inclusive, como material didático em muitas escolas na época.

A autobiografia de Eva Perón ao contar uma trajetória desde a sua juventude antes de fazer parte da causa social e política de seu país até o momento em que declara a sua consciência com relação a gênero e participação política na América Latina coloca-se como documento na perspectiva da Nova História, no sentido atribuído por Peter Burke. Para ele os

“novos historiadores estão preocupados com ‘a história vista de baixo’, em outras palavras, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social”. (BURKE, 1992, p. 12-13).

Ao optar pelo gênero autobiográfico, pensando escrever sua história de vida, Eva Perón inicia um processo de ordenamento e compreensão dos acontecimentos que constituíram sua existência, verificando sua importância para a escritura do texto, contudo, observa-se que Eva Perón ao falar de si, revela o outro, o marido e sua causa política.

Em sua autobiografia Eva Perón comenta, ainda, que muitos a reprovarão por ter escrito tudo pensando somente em Perón, mas que tinha as suas razões, por isso, em muitos fragmentos da obra o texto é altamente confessional, aspecto que pode atribuir ao texto uma visão pejorativa.

Já no início de sua obra, Eva Perón vai desvelando a sua intenção quando diz que apesar de ser sua autobiografia, os leitores encontrarão a figura do General Perón e a sua admiração pela causa social e política. Em todo o texto, a forma autobiográfica mostra paradoxalmente, Eva como um duplo de Perón. O texto reforça a ideia de uma existência a partir do outro, quando afirma que não é nada sem os ensinamentos do General a quem chama de professor, justificando-se, diante de “seu povo”, através de seus discursos, que o luxo é somente um jogo da burguesia, as regras do cerimonial, e nada mais. Ela necessita do lugar que ocupa, para poder ajudá-los, ou seja, como esposa do homem mais importante da Nação Argentina, esposa do presidente, ela tem mais poderes para atingir os objetivos da causa social e política, assim a enunciação de seu discurso tem um lugar marcado, ao lado do general.

Eva Perón autobiografada vai tendo suas identidades delineadas ao longo da narrativa. *La razón de mi vida* de um lado aproxima-se da concepção tradicional de biografismo, ou seja, apresenta um conjunto de textos em torno dos quais se organiza. Em um primeiro olhar, a narrativa estaria linearmente ligada aos aspectos cronológicos da vida e atuação política de Eva Perón, tentando passar uma imagem única e integral do sujeito ali descrito. No entanto, no texto autobiográfico aspectos importantes de sua vida vão sendo descritos e interpretados desvelando um outro “texto” em que aparece uma memória social, coletiva na acepção bakhtiniana.

A princípio, tem-se a impressão de que a figura de Eva Perón é tratada apenas com um tom “encomiástico”, definido por Bakhtin como glorificação. Conforme, vamos lendo o texto ao lado de outros textos, a exemplo da obra de Dora Barrancos (2007) observamos que a primeira parte está dedicada mais ao sujeito do presente, ao contrário das partes subsequentes, que se voltam ao sujeito político coletivo, ou seja, a mulher/figura política e a causa social .

Nesta perspectiva, o texto autobiográfico *La razón de mi vida* dialoga com diferentes vozes, apresentando, de forma híbrida, características do texto confessional, do texto autobiográfico e também do texto memorialístico.

Embora o gênero autobiográfico seja caracterizado pelas especificidades estruturais e ideológicas A autobiografia de Eva Perón realiza um discurso marcado pela alteridade, ocultada na figura de Perón. Nesse sentido, a história própria expressa em nome próprio se aproxima do eu narrativo e ganha um estatuto especial, na medida em que representa um universo pautado no social e no imaginário coletivo, ao apresentar fenômenos históricos e sociais situados no contexto latino-americano.

Observamos que a escrita do eu em *La razón de mi vida* se manifesta e se configura na obra através de uma estrutura composta por relatos de experiência do cotidiano que acabam por revelar presente e passado, individual e coletivo.

A partir desta autobiografia se pode conhecer as contribuições fundamentais da mulher para a criação da ala feminina do partido peronista. É sabido que antes de Eva Perón, conforme Barrancos (2007), não faltavam antecedentes na vida dos partidos políticos democráticos, que reconheciam um setor específico de representação feminina e em certa medida o socialismo com seus centros de mulheres, no entanto, a ala feminina do partido peronista foi a única força que admitiu uma formação feminina expressamente assentada de forma autônoma.

La razón de mi vida mostra uma Eva Perón convencida da enorme inconveniência que tinha a presença dos homens dentro do partido, fato que, inclusive, confundia o desempenho das mulheres, haja vista a aversão de certos setores sociais. Uma das tarefas mais importantes das primeiras peronistas foi a realização de um censo feminino, para estabelecer com maior

exatidão possível quem eram as mulheres que, nos mais distantes pontos da Argentina, apoiavam o regime, conforme relata Barrancos (2007).

Diversas pesquisas mostraram as contrariedades da ideologia peronista, ou seja, das posições de Eva Perón que, por um lado, proferia uma retórica conservadora, apegada estritamente ao estereótipo feminino, toda vez que recordava as “sagradas funções maternas” e, por outro lado, exigia a maior disponibilidade para realizar o mandato doutrinário do grande líder, Perón, convidando a abandonar seus lares por sua causa política.

O texto autobiográfico de Eva Perón revela que historicamente, as forças de esquerda, sobretudo, o socialismo, tinham integrado às militantes e simpatizantes mediante ações de letramento, através de conferências e bibliotecas, mas também sobre a base da instrução que modelava as atividades próprias do gênero.

Na mesma época, das ações políticas e sociais descritas por Eva Perón, em sua autobiografia, afirma Barrancos (2007), a presença de mulheres como legisladoras era mínima nos Estados Unidos, França, Alemanha e Inglaterra. Segundo a historiadora, na América Latina, nem nas nações que reconheciam certa precocidade em matéria de voto feminino – Equador, Cuba, Brasil, Uruguai – encontravam-se mulheres nos órgãos de representação. Observa-se que as mulheres não ocupavam cargos expressivos de Poder Executivo, em nenhum lugar do mundo, no início do século passado. Por estes aspectos, a obra *La razón de mi vida* constitui-se ao lado de outros textos reveladores da cultura e da história na América Latina como um importante registro.

Este estudo tem sua importância na medida em que oportunizou reflexões com relação ao gênero da autobiografia, ainda pouco estudado no espaço acadêmico no campo dos estudos da linguagem e da literatura. Tivemos assim, a oportunidade de verificar a importância deste gênero para os estudos sobre culturas hispânicas em nosso trabalho com o ensino, a língua e a cultura no contexto latino-americano.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. A condição humana. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ARISTÓTELES. Arte retórica e arte poética. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril, 1984.

ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea*. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. Marxismo e filosofia de linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARGALLÓ, Juan (Org.) *Identidad y alteridad: aproximación del tema del doble*. Sevilla: Ediciones Alfar, 1994. (Colección Alfar Universidad, 80. Serie "Investigación y Ensayo").

BARRANCOS, Dora. *Mujeres en la Argentina: una historia de cinco siglos*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2007.

BARTHES, Roland. *Essais critiques*. Paris: Seuil, 1975.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BRUNEL, Pierre (Org.) *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

BURR, Anna Robeson. *The Autobiography: A Critical and Comparative Study*. New York: Houghton Mifflin, 1909.

BURKE, Peter. *A escrita da história. Novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1967.

CATELLI, Nora. *El espacio autobiográfico*. Barcelona: Lumen, 1991.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COLLONA, Vincent. *Autofiction et autres mythomanies littéraires*. Paris: Tristram, 2004.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FILIZOLA, Anamaria; RONDELLI, Elizabeth. Equilíbrio distante: fascínio pelo biográfico, descuido da crítica. *Lugar comum*, vol. 1, No. 2, p. 209-225.

FILIZOLA, Anamaria. A inserção do biográfico no ficcional. *Anais do XV Seminário do CELIP*, Curitiba-PR, 2002, p.126-129.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade – a vontade de saber. Trad. MARIA Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GALASSO, Norberto. *Verdades y mentiras acerca de Perón y Eva Perón*. Buenos Aires: Ediciones Ayacucho, 1996.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONZÁLEZ, Horacio. En el peronismo persiste la identidad de un dilema. Disponível em <http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/suplementos/espectaculos/2-8826-2008-01-06.html>>. Acesso em 20 de abril de 2009.

GONZÁLES, Horacio. *Evita: a militante no camarim*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HAMBURGER, Kate. *A lógica da criação literária*. Trad. Margot P. Malnic. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

LYOTARD, Jean François. *O pós-moderno*. Trad. de Ricardo Correa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

LIMA, Luiz Costa. "Júbilos e Misérias do pequeno eu". In: *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LE GOFF, J. (Org.). *A história nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

LOBO, Luiza. *A Literatura de Autoria Feminina na América Latina*. Disponível em <<http://www.members.tripod.com/~lfilipe/LLobo.html>>. Acesso em 12 de novembro de 2008.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Santa Evita*. Buenos Aires: Planeta, 1995.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. El Canon Argentino. *La Nación*, México, 10 nov. 1996. Suplemento Cultura.

MAY, Georges. *L'autobiographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

MAYR, Arnaldo Henrique. *Escrever-se para superar a morte: Jean-Paul Sartre e liberdade n'As palavras*. Dissertação de mestrado da Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2007. Disponível em http://www.unincor.br/pos/cursos/MestreLetras/arquivos/dissertacoes/2007/ARNALDO_HENRIQUE_MAYR.pdf. Acesso em 12 de janeiro de 2009.

MORETTO, Fúlvia M. L. Introdução. In: MORETTO, Fúlvia M.(Org.). *Caminhos do decadentismo francês*. Trad. São Paulo: Perspectiva Edusp, 1989.

ORIGO, Iris. *Leopardi*. Trad. Paola Ojetti. Milano: Rizzoli Editore, 1974.

ORTIZ, Alicia Dujovne. *Eva Perón: la biografía*. Buenos Aires: Aguilar, 1995.

PEREYRA, Enrique Pavón (Org.). *Evita: La Mujer del Siglo*. Buenos Aires: Zupa, 1985.

PERÓN, Eva. *La razón de mi vida*. Buenos Aires: Peuser, 2004.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Arx, 1991.

POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1974.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *Literatura confessional – autobiografia e ficcionalidade*. (Org.). Porto alegre: Mercado Aberto, 1997.

ROCHA, Clara Crabbe. *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra, Almedina, 1977.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Tomo I. São Paulo: Papyrus, 1994.

ROBIN, Régine. *Le roman mémoriel: de l'histoire à l'écriture du hors-lieu*. Montréal: Préambule, 1989.

RODRIGUES, Maria Aparecida. *O Discurso Autobiográfico Confessional*. Goiania: Ed. da UCG, 2007.

ROSANO, Susana. *Rostros y Máscaras de Eva Perón*. Rosario: B. Viterbo, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Rousseau. As confissões*. Trad. Wilson Louzada. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1965.

_____. *O Contrato Social*. Trad. de Paulo Neves. Campinas. Hucitec e Editora da UNICAMP, 1994.

_____. *Emílio ou da educação*. Trad. Sérgio Milliet, São Paulo: Difel, 1968.

SARLO, Beatriz. *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. Trad. J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. *O ser e o nada: ensaios de uma ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANTIAGO, Silviano. Meditação sobre o ofício de criar. *Revista Aletria*, v. 18, Julho/Dez, 2008.

SANTO AGOSTINHO. *As confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2002.

SIBONY, Daniel. *Entre-deux: l'origine en partage*. Paris: Seuil, 1991.

SCHMIDT, MAHFOUD. Halbwichs: *memória coletiva e experiência*. *Psicol. USP* v.4 n.1-2, São Paulo, 1993.

STAROBINSKI, Jean. *Jean Jacques Rousseau: A Transparência e o Obstáculo*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

VILAIN, Philippe. *Défense de Narcisse*. Paris: Grasset, 2005.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 2001.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

PERIÓDICOS CONSULTADOS

ÁVILA, Myriam. Ascensão da autobiografia / declínio do sujeito. *Kriterion: Revista de Filosofia*. vol.47 no.114 Belo Horizonte Dec. 2006. disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100512X2006000200015&script=sci_arttext> – (SciELO Brasil).

GONZÁLEZ, Horacio. En el peronismo persiste la identidad de un dilema. Disponível em <<http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/suplementos/espectaculos/2-8826-2008-01-06.html>>. Acesso em 20 de abril de 2009.

_____. El novelista, un embalsamador del tiempo. Disponível em: <www.m3w3.com.mx/ SIEMPRE/2319/cultura/Cultura16.html>. Acesso: em 03 março 2009. Entrevista concedida a Claudia Posadas. 27 nov. 1997.

_____. Evita Soy Yo. Disponível em: <www.elnacional.com/archivedata/1996/06/09/215.htm>. Acesso em: 03 março 2009. Entrevista concedida ao jornalista Albor Rodríguez.

_____. Me interesa la zona enfermiza de la política. Disponível em <www.elnacional.com/archivedata/1996/06/09/215.htm>. Acesso em: 03 março 2009. *Clarín*, Buenos Aires, 3 mayo 1998. Entrevista concedida a Jorge Halperin.

_____. *Santa Evita. Noticias*, 16 jul 1995. Disponível em: <www.literatura.org>. Acesso em: 03 de março 2009. Entrevista concedida a Miguel Wiñazki.

MITIDIERI-PEREIRA, André Luis. Um Pacto com a Santa, ou Autenticações Demoníacas no Romance de Eva Perón?. In: *Revista Literatura e Autoritarismo: memórias da repressão*, nº 9, São Paulo: Edusp, 2007, p. 1-9. Disponível em <<http://coralx.ufsm.br/grpesqla/revista/num09/sumario.php>>. Acesso em 12 de janeiro de 2009.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. . In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>>. Acesso em 12 de dezembro de 2008.

TESES

OLMI, Alba. *Janet Frame: uma escritora de ficção e a ficção de uma escritora: os múltiplos processos da autobiografia estética*. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, sob orientação da Profa. Dra. Gilda Neves da Silva Bittencourt, 2001. Acesso em <http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/38062894.html.>

SILVA, João Maria da. *Metaficção historiográfica em Santa Evita*. 2006. 81 f. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, sob orientação da Profa. Dra. Anamaria Filizola, 2006. Acesso em <http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/38062894.html.>

CHICHORRO, Fernanda Deah. *Narrativa Autobiográfica e Memória: Ficções do “Eu” em Gabriel García Márquez*. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, sob orientação da Profa. Dra. Marilene Weinhardt., 2006. Acesso em <http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/38062894.html.>